

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

**SUJEITO E MAL-ESTAR: ELEMENTOS PARA ABORDAR AS
TOXICOMANIAS**

BRUNA DE ANDRADE VIGLIO

**Rio de Janeiro
2015**

**SUJEITO E MAL-ESTAR: ELEMENTOS PARA ABORDAR AS
TOXICOMANIAS**

Bruna de Andrade Viglio

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Fernanda Theophilo da Costa-Moura

Rio de Janeiro

2015

SUJEITO E MAL-ESTAR: ELEMENTOS PARA ABORDAR AS TOXICOMANIAS

Bruna de Andrade Viglio

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Submetida à aprovação em fevereiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Fernanda Theophilo da Costa-Moura – Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcos Eichler de Almeida Silva – Co-Orientador
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Erimaldo Matias Nicácio
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dra. Isabela Xavier Ferreira de Sá
HPJ/PMN

Rio de Janeiro
2015

Aos meus, pais pelo amor, carinho e apoio nos caminhos que escolhi.

À Lucas Peralta, pela poesia e pelas cores que traz para a minha vida.

AGRADECIMENTOS

À professora Fernanda Costa-Moura, por aceitar ser minha orientadora nesse projeto.

Aos pacientes, por confiarem suas histórias a mim.

Ao CNPQ, pelo financiamento que tornou esse trabalho possível

A Marcos Eichler pela atenção que deu ao texto e pelos comentários sempre pertinentes.

À Erimaldo Nicácio, Maria Idália, Thoya Mosená e Viviane Tinoco pela transmissão e pelo papel importante no meu percurso ao longo desses anos, desde meu encontro com a psicanálise

À Felipe Nunes, amigo querido, pela amizade que pudemos construir nesses anos e pela ajuda na leitura e comentários dos textos. Obrigada pelo seu interesse e por se fazer presente nas horas mais difíceis.

Aos meus pais e irmão, pelo incentivo que sempre recebi em meus projetos.

Aos meus amigos que apoiaram e entenderam a, por vezes, necessária distância nesses últimos dois anos: Felipe, Bruna, Daniel, Juliana (s), Pedro, Érica, Ilana. Obrigada pelos sempre divertidos momentos em que estamos juntos e pela amizade que se renova a cada vez.

À Gilsa Tarré, pela presença, pela escuta dos últimos anos.

A Lucas Peralta, pelo caminho que estamos construindo juntos ao longo dos anos, pela família que estamos formando. Pelo amor e pelo companheirismo que nunca vacilam.

RESUMO

Esse trabalho busca investigar elementos da constituição do sujeito e do mal-estar na cultura que possam nos auxiliar a pensar o fenômeno das toxicomanias na sociedade moderna. Parte-se da noção de que há um desencontro estrutural entre sujeito e objeto e ainda, um mal-estar que diz respeito a inserção do homem na cultura. Tendo como base a obra de Freud e as contribuições feitas por Lacan à psicanálise, é através da pergunta sobre como um sujeito se torna toxicômano e outro não, que esse trabalho se situa. Investiga-se inicialmente a constituição do sujeito a partir de seu funcionamento psíquico, tendo como destaque o conceito de pulsão e de *das Ding*. Posteriormente, chega-se ao conflito entre sujeito e sociedade apresentado por Freud. Então, é ao relacionar esses elementos que é possível se aproximar do fenômeno das toxicomanias, tendo em vista a economia do sujeito e sua relação na cultura

Palavras -chave: Toxicomanias. Mal-estar. Sujeito. Droga

RÉSUMÉ

Ce travail a comme objectif enquêter éléments de la constitution du sujet et du malaise dans la culture qui puissent nous aider à penser au phénomène de les toxicomanies en la société moderne. On part de l'idée selon laquelle il y a une inadéquation structurelle entre le sujet et l'objet, et encore, un malaise qui regarde à l'insertion de l'homme dans la culture. En partant de l'oeuvre de Freud et des contributions données par Lacan à la psychanalyse, c'est par la question sur comment un sujet devient toxicomane et un autre pas que ce travail est situé. Au début on recherche la constitution du sujet en partant de son fonctionnement psychique, où on met au centre de la discussion les concepts de pulsion et du Ding. Après ce la, on arrive au conflit entre sujet et société mis en avant par Freud. Lorsqu'on met en relation ces éléments, c'est possible de s'approcher du phénomène des toxicomanies en considérant l'économie du sujet et sa relation dans la culture.

Mots-clé: Toxicomanie. Malaise. Sujet. Drogue.

*“Podem ficam com a realidade
esse baixo- astral
em que tudo entra pelo cano
Eu quero viver de verdade
eu fico com o cinema americano”*

(Paulo Leminski, Toda poesia)

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| Capítulo 1 – A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO | 19 |
| 1.1 Sujeito e ciência | 21 |
| 1.2 Freud e o aparelho psíquico..... | 29 |
| 1.3 O funcionamento do sujeito..... | 32 |
| 1.4 A dimensão sexual do sujeito: o fracasso do encontro | 38 |
| 1.5 O complexo de Édipo e o objeto que falta | 49 |
| Capítulo 2 – PULSÃO E REPETIÇÃO | 56 |
| 2.1 O inconsciente e a linguagem | 57 |
| 2.2 O conceito de pulsão em Freud | 62 |
| 2.2.1 O primeiro conflito pulsional em Freud | 67 |
| 2.2.2 Pulsão de morte e repetição | 71 |
| 2.3 Lacan e o circuito pulsional | 77 |
| Capítulo 3 – MAL-ESTAR E TOXICOMANIAS | 85 |
| 3.1 O mal- estar na civilização | 87 |
| 3.1.1 O mal- estar na cultura e as toxicomanias..... | 93 |
| 3.2 As toxicomanias | 96 |
| CONCLUSÃO | 106 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 114 |

INTRODUÇÃO

“No final das contas, eu acho que eu bebia para não me matar”

É com essa fala, dita durante uma sessão de atendimento, que resolvemos abrir esse trabalho. Foi ao escutá-la, que a pesquisa que apresentamos aqui ganhou uma direção, um rumo. Se antes pretendíamos estudar o fenômeno¹ das toxicomanias, com a fala de Mario - que tinha um uso pesado de álcool e cocaína - esse trabalho começou a ganhar seu recorte.

Assim, a pesquisa a seguir surge a partir de questões pinçadas de um encontro clínico. Seja no ambulatório, no consultório ou em outros dispositivos, o fenômeno das toxicomanias tem se apresentado de forma constante nos atendimentos em saúde mental. Dessa forma, essa pesquisa é uma decorrência, um efeito desse encontro que gerou uma pergunta inicial: Por que a droga?

Ao longo dos atendimentos em um ambulatório, especializado no atendimento a usuários de álcool e outras drogas, e da experiência em pesquisa, foi possível entrar em contato com diferentes sujeitos que estabeleceram diferentes modos de usar a droga, desde o uso eventual e recreativo, até o que entendemos geralmente como uso “pesado” ou prejudicial, no qual a ideia de não poder mais usar a droga soa como insuportável ao sujeito.

Com isso, percebendo que há diferentes maneiras de estabelecer relações com esse objeto, algumas questões foram se formando para que pudéssemos dar

¹ Ainda que pese a importância de uma discussão acerca do termo “fenômeno” que não poderá ser realizada nesse trabalho optamos por nos referir dessa forma às toxicomanias, tendo em vista que colocamos principalmente em questão a referência à toxicomania enquanto sintoma. Assim, ainda que concordemos que a aplicação do termo “fenômeno” mereceria um estudo maior, optamos por sua utilização enquanto oposição a referência que consideramos ainda mais problemática, a de sintoma.

início a uma pesquisa como esta. Se podemos entender que sujeitos diferentes engendram diferentes relações com a droga, então qual a especificidade desse objeto que propicia que sujeitos se liguem a ele de formas tão diversas? Existe uma diferença dele para outros objetos?

Em decorrência dessa questão, muitas outras surgiram. E assim, foi preciso delimitar o que mais se destacava como questionamento nesses atendimentos. E então é a partir da fala de Mario, que nos colocou a dimensão radical de um mal-estar em jogo, que resolvemos prosseguir.

Em 1930, Freud escreve o livro denominado “O Mal-estar na civilização”, no qual discorre sobre as dificuldades que o homem que vive em sociedade atravessa. Mais especificamente, é nesse momento mais próximo do final de sua carreira que a questão do uso de drogas aparece em sua obra.

No entanto, ainda que essa questão só tenha aparecido enquanto elaboração teórica na década de 30, é interessante notar que em sua vida essa não foi uma questão qualquer. Em sua biografia, escrita por Ernest Jones (1989), o autor dedica um capítulo ao qual nomeia de “O episódio da cocaína”, no qual relata o emprego clínico, por Freud, da recém-desenvolvida cocaína e dos efeitos que se seguiram a isso.

Descrita como uma fase que durou cerca de três anos no período anterior à psicanálise (1884-1887), Freud, então na prática médica, descobre e testa a cocaína obtida dos laboratórios Merck. Os resultados são exaltados por ele. Teria encontrado disposição, bom humor e ausência de apetite, além de relatar falta de anseio por um novo uso da droga (JONES, 1989).

Posteriormente, ao longo de suas experimentações, Freud acompanha um amigo íntimo estabelecer uma relação diferente da que ele próprio havia experimentado. Seu amigo Fleischl, com um histórico de uso abusivo de morfina, se liga a essa nova droga de forma intensa, com o uso de grandes quantidades e ebriedade crônica (JONES, 1989).

A experiência de Freud não foi única entre os psicanalistas. Charles Melman (2003), em uma conferência, relata em sua história algo que nos remete a essa vivência de Freud e Fleischl. Melman afirma que usava anfetaminas com um amigo,

durante seu percurso na faculdade, para estudar para as provas. Esse amigo, segundo ele, tornou-se toxicômano, enquanto ele ficou indiferente.

Nessa conferência (2003), que aborda o tema das toxicomanias, dois pontos se destacam: o psicanalista a inicia dizendo que muitos se tornam toxicômanos por “acidente”, por uma troca social que envolve o uso. E a finaliza de forma a afirmar que “não se torna toxicômano quem quer” (MELMAN, 2003, p.107).

No entanto nesse momento de introdução de pesquisa, não focaremos na elaboração teórica de Melman sobre o fenômeno das toxicomanias. O que nos interessa de sua fala, nessa etapa em que nos encontramos, é a sua experiência com a droga junto de seu amigo.

Freud e Melman se encontraram com a questão das toxicomanias em um contexto que vai além da prática clínica da psicanálise, seja dos consultórios, seja do ambulatório, hospital, etc. E é tendo em vista essa experiência, que questionamos que diferença se deu entre esses dois sujeitos que fizeram o uso. Ou seja, o que acontece que um deles se “gruda” ao objeto e o outro consegue se desvencilhar (ou não é afetado de forma tão intensa)?

É essa questão que move essa dissertação. Se não é possível, nem nosso intento, traçar um caso clínico de Fleischl ou do colega de Melman, é, no entanto, viável que possamos nos utilizar de elementos de nossa prática e experiência clínica para que possamos pensar o tipo de relação que um usuário dito “pesado” estabelece com esse objeto.

Mais do que isso, pretendemos investigar a constituição do sujeito, com a perspectiva da psicanálise, para tentarmos entender de que forma a droga se insere na dinâmica desse sujeito que estabelece esse tipo de relação intensa com ela. Para isso, não desprezaremos a dimensão do mal-estar que a fala de Mario nos trouxe, tendo-a como indispensável para analisarmos as toxicomanias.

Assim, é possível perguntar como a droga se insere no mal-estar e reformular nossa pergunta de pesquisa: O que acontece na dimensão do funcionamento do sujeito, em sua experiência com a droga, que pode fazer com que ele a tome como o seu caminho para lidar com esse mal-estar?

Ao realizarmos um retorno histórico, notamos que o contato com a droga é anterior à sociedade que conhecemos. Relatos já encontrados sobre seu uso e suas funções no corpo remontam às sociedades extremamente antigas. O espanhol Escohotado (1994), em seu livro “Las drogas: de los orígenes a la prohibición”, traça um percurso histórico do uso de tóxicos e identifica o uso do ópio, por exemplo, ainda na Mesopotâmia.

Retornando ao artigo “O mal-estar na civilização” (1930), momento em que Freud finalmente destaca o uso de psicoativos em sua obra, o autor declara que as diversas culturas sempre deram um lugar de destaque às drogas e seus efeitos.

Levando essas informações em consideração e, mesmo sabendo que o uso de álcool e outras drogas não é uma novidade contemporânea, será que é possível tratar do uso dessas substâncias sem um contexto cultural? O uso na Mesopotâmia e o uso feito hoje na sociedade capitalista não comportaria alguma distinção, decorrente da diferença entre essas sociedades?

Esse tema tem sido debatido de forma intensa por diversos psicanalistas atuais. Será que há algo no social que favorece a aparição desses fenômenos das toxicomanias? Por que esse é um tema tão em voga na mídia, políticas públicas etc?

Lebrun (2004) fala das toxicomanias apresentando-as como um problema maior da sociedade atual. O autor identifica no presente quadro social um discurso que “deixa a crer que a ordem simbólica não traz mais em si, como estrutural, essa inelutável decepção”(LEBRUN, 2004, p.131). Tal discurso atual estabeleceria então uma “cumplicidade” com o sujeito, que já está sempre em tentação de não “assumir a insatisfação fundamental que caracteriza nossa condição” (Lebrun, 2004, p 131).

Assim, para Lebrun (2004) o fenômeno das toxicomanias – que o autor inclui dentro do conjunto de “novas doenças da alma” - está rigorosamente ligado a esse discurso social e à “organização psíquica do sujeito”.

Dessa forma, não é possível responsabilizar apenas a substância em si e seus efeitos. Inclusive, cabe destacar que é por entender as toxicomanias de maneira próxima a essa observação de Lebrun, que não nos referiremos aos usuários de drogas pela nomenclatura “dependentes químicos”, pois acreditamos que há mais em jogo no uso intenso de drogas, do que a química da substância.

Seguindo na mesma linha, Charles Melman (1992) afirma que as toxicomanias são, “antes de mais nada, um fenômeno social” (MELMAN, 1992, p.10) o que, em consonância com Lebrun (2004), nos faz pensar nesse fenômeno como algo da ordem do sujeito e de seu atravessamento pelo social, novamente excluindo a ideia de que se restringiria à substância em si.

Por entender que estão, de certa forma, inscritas no discurso social, as toxicomanias são então denominadas como um “sintoma social” (MELMAN, 1992, p.66). De forma que o psicanalista aponta que, no discurso atual, quem comanda é o objeto e é o toxicômano que realiza o ideal da sociedade de consumo:

Com efeito, o sonho de todo publicitário, de todo fabricante é de realizar o objeto do qual ninguém poderia mais passar sem; objeto que teria qualidades tais que apaziguaria, ao mesmo tempo, as necessidades e os desejos, que necessitaria de uma renovação permanente, uma perfeita dependência. (MELMAN, 1992, p.94)

Essas referências se justificam para que possamos destacar que a relação do sujeito com esse objeto não se dá sem o contexto social no qual ele se constitui enquanto sujeito. Assim, é importante notar quais peculiaridades permeiam a nossa sociedade em detrimento das outras e, como o uso do toxicômano se dá no laço social.

Assim, a referência à Escotado se faz importante para que possamos lembrar que o uso de substâncias psicoativas é quase tão antigo quanto a civilização e, no entanto, as observações de Melman e Lebrun - citadas acima - colocam em questão que não é sem especificidades que o fenômeno das toxicomanias aparece como um problema atual. Ele se relaciona com o discurso social atravessado pela ciência e pelo capitalismo.

No entanto, não é objetivo dessa pesquisa explorar o diagnóstico social observado ou as particularidades da sociedade capitalista e científica que, colaborariam para uma maior disseminação desses fenômenos. É preciso um recorte em nossa investigação, mas é importante destacar que não é sem levar em conta essas observações que esse trabalho pretende seguir.

Lebrun (2004) levanta um outro ponto acerca das características da sociedade atual que se relacionariam com o fenômeno em destaque das toxicomanias. Para ele, um dos efeitos do discurso da ciência, que permeia a sociedade atual, é a diminuição do desejo humano e sua redução para a condição de necessidade².

Tais conceitos se diferenciariam no ponto em que a necessidade é capaz de encontrar seu objeto, se satisfazer e depois recomeçar um ciclo, como vemos nos animais no cio, por exemplo. Enquanto que, quando no campo do desejo, não temos acesso a esse objeto e o ciclo não se encerra nem recomeça, é constante.

O usuário toxicômano então entraria nesse circuito querendo dispor do objeto droga como uma necessidade e assim, evitando – ou tentando evitar – o confronto com as dificuldades e decepções impostas ao se estar no campo do desejo (LEBRUN, 2004).

Essas questões não respondem a pergunta dessa pesquisa, mas nos ajudam, de certa forma, a situá-la e a direcionar o caminho de investigação. Pretendemos tomar essas observações, as hipóteses desses psicanalistas, como referências periféricas e, escritos de Freud e seminários de Lacan como as referências centrais para darmos prosseguimento a esse estudo.

Se Lebrun (2004) fala sobre a tentativa do toxicômano de transformar o desejo em necessidade e ter acesso ao objeto, buscaremos em Freud elementos que possam servir de base para observarmos a relação entre o toxicômano e a droga e, com isso, tentarmos analisar o que faz com que alguns se tornem toxicômanos e outros não.

Para avançar, é preciso destacar um termo essencial para essa pesquisa e para a psicanálise. Ainda que só tenha dedicado um texto a ele em 1915, Freud, em seu artigo “Os três ensaios sobre a sexualidade” (1905), introduziu o termo em alemão “*Trieb*”³, que diz respeito aos impulsos internos do organismo que promovem uma excitação constante.(FREUD, 1915a).

² Abordaremos o conceito de necessidade no capítulo 1.

³ Dedicaremos o segundo capítulo dessa pesquisa à análise desse conceito.

Alvo de diversas controvérsias, devido a questões de tradução, o termo “*Trieb*” foi traduzido como “instinto” e como “pulsão”. Assim, é por entendermos o termo instinto como próximo do biológico, da lógica animal e da ideia de um ciclo, que optaremos por nos referir sempre ao termo “pulsão”, o qual permite diferenciação do biológico e a noção de um estímulo constante, como foi afirmado por Freud (1915a).

Conceito fundamental para a psicanálise, pretendemos explorar a noção de pulsão tanto nas formulações freudianas, quanto em relação ao Seminário 11 de Jacques Lacan (1964/2008), no qual ele dedica boa parte de sua elaboração teórica a analisá-lo.

Assim, para que se possa tentar responder a pergunta dessa pesquisa, entendemos que um caminho possível seja uma investigação sobre a constituição do sujeito em sua dimensão econômica e pulsional, a partir da abordagem da questão do encontro do sujeito com o objeto.

Daí então, seguiremos por uma análise sobre a ideia freudiana de mal-estar na cultura (1930), nosso ponto de partida nessa introdução e de retorno no capítulo 3 da pesquisa.

Por uma questão metodológica, optamos por dividir o conteúdo a ser trabalhado adiante em três capítulos, sendo que os três estão intrinsecamente ligados, pois abordam o funcionamento do sujeito e seu encontro com o objeto.

Então, pretendemos iniciar nosso primeiro capítulo introduzindo uma contextualização, tendo como base a obra de Lacan, acerca de como a psicanálise entende o surgimento do sujeito, pois essa noção não se iguala à noção de indivíduo. Posteriormente iremos às observações de Freud sobre o funcionamento psíquico do sujeito, incluindo as dimensões topográficas, dinâmicas e econômicas do aparelho psíquico, investigando o que é conhecido como a metapsicologia freudiana.

Além disso, abordaremos a importância que Freud dá à sexualidade na constituição do sujeito, investigando às fases de organização e o complexo de Édipo, relacionando esse pontos à dimensão do encontro fracasso do sujeito com o objeto. Para isso, finalizaremos recorrendo à Lacan e seu conceito de *das Ding*.

Já no segundo capítulo trabalharemos o conceito de pulsão introduzido por Freud e seu percurso ao longo de sua obra, acrescentando as contribuições de Lacan, que se debruçou sobre o tema em 1964. Nos voltaremos, com maior destaque, para o artigo “Além do princípio do prazer” (FREUD,1920), com a intenção de explorar o conceito de pulsão de morte e repetição, dando espaço ainda para as contribuições de Lacan em seu seminário 11, de 1964 e seu seminário 7, realizado em 1959, 1960 onde retomaremos nossas observações sobre *das Ding*.

É então no terceiro capítulo que abordaremos diretamente a questão das toxicomanias à luz do conflito pulsional e do mal-estar na cultura, buscando apreender esse fenômeno tendo o sujeito e sua relação específica com o objeto droga como referência.

Não pretendemos aqui discutir exaustivamente a diferença entre toxicomanias, alcoolismo e o uso abusivo de medicação, pois essa diferença de relação com diferentes drogas já é por si um extenso tema de pesquisa. Tampouco isso significa que negamos a diferença existente entre esses tipos de uso, nem ignoramos que, muitas vezes, o sujeito se gruda em um desses tipos e é indiferente aos demais.

No entanto, ao mesmo tempo, também presenciemos o uso de diversos tipos de drogas de forma compulsiva e, por uma questão que diz respeito ao objeto da nossa pesquisa e do recorte que é preciso ser feito, optamos por não explorar essa diferença.

Assim, o sujeito alcoolista não será alvo específico, mas tampouco será um ponto excluído dessa pesquisa, pois partiremos do ponto de Freud em 1930 acerca das substâncias intoxicantes, capazes de influenciar o próprio corpo com o intuito de amenizar o sofrimento. Com essa definição, o álcool e os medicamentos se inserem nesse conjunto.

Portanto, iniciaremos a abordagem de nosso problema sem a pretensão de esgotá-lo. Nosso intento é a abertura de uma discussão sobre como o objeto droga se situa na dinâmica pulsional do sujeito. Além disso, busca-se uma investigação do que a psicanálise entende como o sujeito com o qual ela opera.

Afinal, entendemos que o sujeito está implicado em sua relação com droga. Dessa forma, faz-se relevante que exploremos nossa questão tendo como ponto de partida a ideia de que, há um sujeito em jogo nesse fenômeno. Ou seja, há um sujeito que, ainda que não o saiba, tem o que dizer sobre a sua relação com o objeto droga.

Com isso é preciso que inicialmente nos perguntemos: “o que é o sujeito?”. E, por mais que não seja possível uma resposta clara e sucinta sobre essa questão, que de fato precisaria de uma investigação só para esse ponto, o que podemos fazer é abordar sua posição enquanto sujeito histórico e pulsional, como faremos a seguir.

Assim, com essa pergunta em vista no primeiro capítulo, será possível que nos aproximemos da nossa questão principal sobre a relação do sujeito toxicômano com a droga, mais adiante.

Para finalizar, indicamos que esse trabalho se debruçara sobre os efeitos do que Lacan (1969,1970/1992) aponta a seguir:

Como temos o significante, é preciso que a gente se entenda - e é justamente por isso que não nos entendemos. O significante não é feito para as relações sexuais. Desde que o humano é falante, está ferrado, acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, de copulação, alias impossível de situar em qualquer lugar da natureza (LACAN, 1969,1970/1992, p.34).

Capítulo 1 – A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Em sua chegada ao ambulatório, o jovem Carlos, filho único e morador de uma comunidade do Rio de Janeiro, conta como seu percurso o fez chegar até um serviço de saúde, em busca de atendimento para o seu uso de cocaína. Narra seu primeiro encontro com a droga na adolescência, as festas, a companhia dos amigos na hora de usar e afirma: “Só que aí eles foram parando de usar, um casou, outro começou a trabalhar e a gente não se via mais, só que eu continuei”.

Esse trabalho diz respeito a histórias como a de Carlos e de outros usuários que traçaram um caminho parecido, que “continuaram”. Assim como o amigo de Melman e o de Freud, que citamos na introdução, algo aconteceu nessa experiência com a droga que não foi então possível seguir seu percurso sem a presença frequente dela. Para eles, a droga não foi uma experiência pontual.

Deste modo, essa pesquisa busca investigar o que pode estar em jogo na experiência com essas substâncias que faz com que um sujeito se ligue a elas de uma maneira tão intensa, que elas se tornam indispensáveis. Em outras palavras, buscamos entender que efeito essa experiência produz que faz com que, para certos sujeitos, haja uma intensificação do uso da droga.

Para realizar esse estudo, acreditamos ser preciso abordar a dimensão do sujeito e, por conseguinte, explorar como a psicanálise entende esse sujeito em sua constituição. Não se trata de um estudo que se debruce sobre esse conceito ou que pretenda explorá-lo como seu objetivo de investigação. Tal pretensão exigiria uma pesquisa à parte e não é possível realizá-la aqui.

Assim, o que nos interessa nesse conceito do sujeito, tal como a psicanálise o entende e opera com ele, é o que ele pode nos orientar para chegarmos ao fenômeno das toxicomanias. Com isso, optamos por priorizar, a partir de Freud e Lacan, elementos que apontam para uma economia do sujeito e para sua

desnaturalização, não sendo possível pensar esse fenômeno apenas em termos biológicos ou sem que se implique o sujeito em seu uso.

Então buscamos explorar a dimensão do **encontro fracassado** entre sujeito e objeto como elemento importante para essa investigação para que cheguemos até a questão do mal-estar. Dessa forma, como demonstramos na introdução, nosso caminho se coloca a partir do que não funciona para o sujeito uma vez que ele é atravessado pela linguagem.

Portanto, inicialmente, necessitamos apontar que o sujeito com o qual a psicanálise opera é um sujeito histórico, efeito do surgimento da ciência moderna. Posteriormente exploraremos, nesse capítulo, a dimensão sexual do sujeito e o fracasso do encontro com o objeto, como elementos para pensar o mal-estar e, por conseguinte, as toxicomanias. Afinal, entendemos que é na dimensão da constituição do sujeito que podemos pensar como alguns engendram relações tão intensas com o objeto droga.

Tal como a pergunta que orienta essa pesquisa, a escolha por abordar essa desarmonia entre sujeito e objeto também parte da clínica. Ao atender usuários que fazem uso intenso de psicoativos, escutamos, com muita frequência, a respeito da experiência maravilhosa do primeiro uso, seguida por uma busca desenfreada por conseguir repetir essa sensação, sem sucesso.

Assim, essa questão, frequentemente discutida em supervisões, nos orienta na escolha de nosso percurso. Afinal, sabemos que, a partir da psicanálise, é possível abordar o fenômeno das toxicomanias por outros caminhos que não esse que escolhemos. No entanto, optamos pela inclusão da questão do sujeito, principalmente a partir do desencontro entre este e o objeto, além do mal-estar no laço social, como nosso ponto principal para extrairmos elementos para que possamos situar as toxicomanias.

Isto posto, será possível avançarmos para a exploração da dimensão pulsional do sujeito⁴, entendendo a pulsão como um conceito fundamental,

⁴ Realizaremos essa investigação no capítulo 2

desenvolvido por Freud, para podermos nos referir e operar sobre as especificidades desse sujeito, que abordaremos a seguir.

1.1 Sujeito e ciência

Até o ponto atual da pesquisa, o termo “sujeito” foi mencionado diversas vezes. É ao sujeito que nos referimos, ou seja, ao que entendemos como “sujeito da psicanálise”. Longe de ser um sinônimo de indivíduo ou de ser humano, optamos por iniciar nossa investigação a partir da abordagem desse conceito – um problema debatido por diversos estudos em psicanálise – pois entendemos que o fenômeno das toxicomanias só é possível de ser estudado se o colocarmos em questão, como dito acima.

Por essa razão, resolvemos realizar um trabalho de contextualização, ou melhor, de introdução do conceito de sujeito em psicanálise para que então, possamos prosseguir, pois somente a partir de um estudo da constituição do sujeito e do que implica o termo “sujeito” em psicanálise que poderemos, pelo menos nesse estudo, abordar a nossa questão.

Afinal, se nessa pesquisa nos propomos a investigar as toxicomanias segundo uma abordagem que insere o sujeito na questão e, não tendo como base a sua constituição biológica, é preciso saber que sujeito é esse que está em jogo, quando nos referimos em nosso campo.

Antes de tudo, é importante notar que o que entendemos como sujeito está ligado à história, ou seja, está marcado por um tempo, não sendo possível abordá-lo sem levar em consideração o seu caráter marcado pelo surgimento da ciência moderna.

Além disso, entendemos que a ciência e seus efeitos no mundo podem nos indicar elementos para pensarmos as toxicomanias, principalmente tendo em vista que pretendemos investigar esse fenômeno enquanto uma manifestação moderna. Assim, afirmamos que o que interessa para nossa pesquisa é investigar as toxicomanias tendo em vista sua localização no tempo.

Se é possível ou não reconhecer o uso intenso de drogas em sociedades diferentes da atual, não é nosso objetivo investigar essa questão. O fenômeno que temos como objeto está inserido em certo período histórico, que se inicia com o surgimento da ciência moderna sendo que esta, não só tem papel fundamental na constituição do sujeito, como também seus efeitos podem ser relacionados com as toxicomanias, como veremos adiante.

Ou seja, se Escotado (1994), como demonstramos anteriormente, identificou o uso de diversas drogas em sociedades muito antigas e anteriores ao surgimento da ciência moderna, é a partir desse marco que investigaremos o fenômeno das toxicomanias. Isto é, tal fenômeno nos interessa a partir do momento em que ele diz respeito ao sujeito moderno e ao mundo atravessado pela ciência e por seus efeitos. Assim, nossa pergunta sobre o que faz com que o sujeito grude no objeto droga é necessariamente vinculada à posição que a droga tem no mundo moderno.⁵

Por isso, alertados pelas observações de Lacan (1966/1998), vamos nos voltar, momentaneamente, para os estudos de Koyré sobre a ciência, o que nos servirá de base para delimitarmos o porquê a ciência é um marco histórico em nossa pesquisa, que se relaciona tanto com o sujeito com o qual trabalhamos na clínica como o uso intensivo de drogas na sociedade moderna.

Lacan (1966/1998) faz referência aos estudos de Koyré (2011) sobre o surgimento da ciência moderna e os efeitos dela no mundo. O autor liga a psicanálise - e o sujeito com o qual ela opera - de forma radical a esse evento. Para ele, a práxis da psicanálise implica diretamente o sujeito da ciência (LACAN, 1966/1998, p.878). Ou seja, só é possível pensarmos o que é o sujeito para a psicanálise e, por conseguinte, a relação entre esse sujeito e a droga, se pensarmos o que é o sujeito da ciência, ao qual Lacan se refere.

⁵ Abordaremos, de forma breve, a posição específica que a droga ocupa após o surgimento da ciência moderna no terceiro capítulo. É suficiente para avançarmos, nesse momento, a afirmação de que entendemos que a droga ocupa um lugar específico no mundo atual, que difere do lugar ocupado nas sociedades antigas que Escotado (1994) nos traz. Assim, não é possível colocar no mesmo grupo as toxicomanias atuais e o uso de drogas em sociedades diferentes das atravessadas pela ciência moderna.

Assim, se faz necessário esse retorno realizado através da pesquisa de Koyré (2011), denominada “Estudos de história do pensamento científico”, pois é nesse trabalho que o autor busca explorar a história da ciência e revolução realizada por seu surgimento no mundo.

Dessa forma, realizaremos uma breve referência a tal investigação, para que possamos chegar não só à constituição do sujeito como também aos efeitos da ciência que o atravessam em sua economia, através dos produtos que ela coloca no mundo.

Foi na pesquisa mencionada acima que Alexandre Koyré (2011) retomou o pensamento científico desde suas influências, a partir da Antiguidade, até culminar em apontar o século XVII como essencial na história do desenvolvimento do conhecimento.

O autor propõe que o que chama de a “revolução científica”, ocorrida nesse período, é causa e produto de grandes transformações que o pensamento sofreu ao longo do tempo, culminando numa mudança radical do saber, tendo como referências principais Galileu e a Lei de Inércia, símbolos da ciência moderna.

Dessa forma, com o conceito de “revolução galileana e cartesiana”, Koyré vai apontar o corte que a ciência fez no mundo, principalmente a partir da física moderna, inaugurada por Galileu, sendo possível identificar como sua grande marca revolucionária – e importante para o que se tratará depois como a constituição do sujeito moderno - o fato de que “a ciência moderna tende a explicar tudo pelo ‘pelo número, pela figura e pelo movimento” (KOYRÉ, 2011, p.198).

Ou seja, Koyré aponta para uma mudança radical instaurada por essa nova física, essencial para que Lacan, posteriormente em sua obra, aponte para o sujeito moderno como efeito da ciência. (LACAN, 1966/1998)

Com isso, observa-se então uma mudança de um modelo aristotélico de estudo da física - baseado na percepção sensível, com elementos retirados da experiência cotidiana e do senso comum - para um modelo matemático, de abstração geométrica que, inclusive prescinde da experimentação ao basear-se nos cálculos (KOYRÉ, 2011).

Koyré discorre ainda sobre o que seria a descoberta de uma nova linguagem, a descoberta de que “as matemáticas são a gramática da ciência física” (KOYRÉ, 2011, p.212), observando assim, uma “estrutura racional da natureza” como a base dessa, até então, nova ciência.

Dessa forma, a partir desse novo paradigma de pensamento que dispensa a experimentação em prol de uma racionalização e matematização dos fenômenos naturais, Koyré observa o surgimento de uma nova filosofia, um novo contexto para a ciência, e ainda: “uma reforma no nosso próprio intelecto” (KOYRÉ, 2011, p. 200).

Assim, é a partir dessas mudanças e dos efeitos que decorrem delas que é possível pensar no surgimento de um novo homem: o sujeito da ciência. Ou seja, um sujeito que é efeito da revolução iniciada pela matematização de Galileu.

Em seu estudo, ele ressalta a radicalidade dessa transformação: foi a partir dessa revolução que se teria feito a transição de um mundo fechado, finito e ordenado para um mundo, no qual houve a destruição do Cosmos, sendo agora infinito indefinido e não hierarquizado (KOYRÉ, 2006).

Mais do que efeito dessa revolução de Galileu, se junta a esse contexto a formulação dos princípios dessa ciência, realizado por Descartes (KOYRÉ, 2006). Essa menção a Descartes se faz importante, pois, para Koyré (2006), é a partir da obra deste autor que foi possível formular os princípios desse novo paradigma da ciência, ao apontar para um “mundo matemático, rigidamente uniforme, um mundo de geometria reificada” (KOYRÉ, 2006, p.90).

Com o tal contextualização histórica realizada, retornemos à psicanálise e a Lacan (1964/2008) que afirma que é Descartes e não Freud que introduz o sujeito no mundo. Isto é, as descobertas de Freud sobre o inconsciente só foram possíveis depois do surgimento do sujeito cartesiano. Assim, se há um sujeito inaugurado por Descartes e efeito da ciência, é Freud que o chama para sua casa, no inconsciente. (LACAN, 1964/2008)

Não há novidade no que se apresenta aqui e sim um recorte sobre as observações realizadas na obra de Koyré (2006,2011) e de Lacan (1964/2008, 1966/1998). Não é possível explorar esse tema a fundo no momento, devendo ser alvo de outra pesquisa, mas a introdução desses apontamentos nos indicam a

relação rigorosa que possuem a ciência moderna e o sujeito atual, efeito dela e como qual a psicanálise opera.

Lacan, em seu artigo “ciência e verdade” (1966/1998), afirma ser “impensável, por exemplo, que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvesse tido lugar antes do nascimento da ciência, no século a que se chamou século do talento, o XVII” (LACAN, 1966/1998, p.871).

Ainda, ele considera que foi a ciência, e não uma ruptura com ela, que possibilitou a Freud abrir o campo que trilhou e, que o sujeito com o qual essa psicanálise irá atuar é o próprio sujeito da ciência, ainda que esta tente, sem sucesso, suturá-lo. (LACAN, 1966/1998)

A origem do sujeito moderno é entendida, assim, como um dos efeitos de uma ciência que o exclui. Em seu artigo “Lógica da ciência, formalismo e forclusão do sujeito”, Fernandes e Costa-Moura (2009) trabalham esse campo a partir da proposição de um “sujeito do inconsciente como o que se constitui, a partir dessa forclusão, como resto (pontual, heterogêneo e, no entanto, ineliminável) da operação da ciência”.

Diz-se de uma exclusão do sujeito e de uma tentativa de sutura, pois isso aconteceria na medida em que a ciência questiona o sentido dado ao mundo em sua época e propõe:

um saber que sustenta uma pretensão universalizante, no sentido de valer para todos, de deter a boa resposta para todos e poder prescrever nosso bem. Mas ao qual não somos mais chamados a dar sentido (o que implica que estamos, como sujeitos, foracluídos deste saber). (FERNANDES; COSTA-MOURA, 2009, p.148).

Assim, tal tentativa de sutura se dá, pois em um mundo organizado a partir de fórmulas matemáticas que codificam a natureza não há espaço para o sujeito. Ou seja, a ciência não se dirige a ele. Se o faz é na tentativa de posicioná-lo a partir de suas referências: objetivá-lo, matematizá-lo.

Dessa forma, os efeitos do modelo científico produzido na ciência moderna - como a objetivação, matematização e o saber universalizante - fazem parte da

constituição do sujeito, excluído de sua operação científica, ou melhor, sendo o resto de sua operação.

Lebrun, por exemplo, alerta para o que chama de “totalitarismo pragmático” que define como um “sistema organizado em torno de uma lógica que pretende dar conta racionalmente de tudo, a tal ponto que chegaria – sem deliberadamente querer, mas também não querendo saber – a não mais deixar lugar para o sujeito” (LEBRUN, 2004, p.68).

Assim, se seguirmos a partir das hipóteses de trabalho de que a ciência moderna revoluciona o intelecto (KOYRÉ, 2011) e de que Descartes inaugura o sujeito (LACAN, 1964/2008) é possível questionar aonde então se coloca o trabalho de Freud. A partir de tal observação é possível articular o que está em jogo de forma a pensar a revolução científica promovida por Galileu como base, a partir da qual Descartes irá inaugurar o sujeito, como nos diz Lacan (1964/2008).

Então é ao incluir esse sujeito, histórico e produzido pelas mudanças ocorridas com o surgimento da ciência, que Freud gera uma mudança. Para Elia (2004), após as experiências com hipnose que abandona, é na associação livre que Freud passa a supor que há um saber sobre si no sujeito e, assim dá lugar para que ele possa aparecer.

No entanto, é somente a partir de um passo de Freud, de descobrir o inconsciente que se mostra de alguma forma, ou, como nos lembra Lacan, a partir da ideia freudiana de que “o que quer que seja, é preciso chegar lá” (LACAN, 1964/2008, p.40), que podemos afirmar que o campo do inconsciente está aberto. Assim, não é sem a história que Freud chega lá. No entanto, foi necessário um passo seu, de abandonar as técnicas de até então, para descobrir o inconsciente.

Assim, ao mesmo tempo em que o sujeito com o qual operamos na clínica é efeito da ciência, enquanto resto de sua operação, é possível retomar ainda alguns pontos que nos fazem pensar na relação da ciência não só com a constituição do sujeito, como também com os efeitos que ela deixa no mundo e que nos fazem pensar nas toxicomanias.

Ao analisar o desenvolvimento da ciência ao longo dos anos, Lebrun (2004) indica o mundo atual como completamente enredado pelos produtos que a ciência

coloca no mundo: da televisão à pílula anticoncepcional. Dessa forma, retoma Lacan (1969,1970/1992) que nos diz:

Com efeito, não deveríamos esquecer, de qualquer modo, que a característica da ciência não é ter introduzido um melhor e mais amplo conhecimento do mundo, mas sim ter feito surgir no mundo coisas que de forma alguma existiam no plano de nossa percepção. (LACAN, 1969,1970/1992, p.168).

É assim que Lebrun (2004) nos indica que, dentre outras coisas citadas aqui, outro efeito da ciência é a expansão das fronteiras do impossível. Mais do que isso, no momento atual ele afirma que ao perceber o alargamento dessas fronteiras, facilmente confunde-se isso com a elisão do impossível. Como consequência, ele nos indica que “o objeto de consumo nos é apresentado como tendo a virtude de poder apagar essa irreduzível indisponibilidade e nos deixa crer numa possível satisfação” (LEBRUN, 2004, p.117).

Além disso, ele observa ainda como consequência que os enunciados se tornam mais importantes que a enunciação. Dessa forma, o sujeito pode se ausentar de sustentar o seu desejo e do mal-estar da incerteza, tendo em vista que ele pode se apoiar nesses enunciados⁶. Com isso crê-se possível expulsar a dimensão da falta.

Em suas afirmações, Lebrun indica ainda uma consequência radical dessas transformações, pois as tendo em vista, passa-se a crer que não é preciso encontrar-se com essa decepção fundamental do encontro (LEBRUN, 2004). Ou seja, há uma configuração que une dois elementos: o homem que não quer saber dessa desarmonia e uma sociedade que, de certa forma, indica que não é preciso encontra- se com isso. Em suas palavras:

⁶ Como exemplo cotidiano dessa dominância dos enunciados e que se relacionam com a nossa clínica, podemos apontar a fala rotineira dos profissionais de saúde de um ambulatório que, quando perguntados o porquê da indicação do remédio X e não do Y respondem a partir da afirmação de que há estudos que mostram que o remédio X é melhor. Dessa forma, não há sujeito que sustente a fala, há apenas o enunciado.

Agora nos será possível reconhecer em operação a cumplicidade entre um sujeito sempre tentado a se poupar do trabalho psíquico a realizar para assumir a insatisfação fundamental que caracteriza nossa condição e um discurso social que deixa crer que a ordem simbólica não traz mais em si, como estrutural, essa inelutável decepção. (LEBRUN, 2004, p.131).

Assim, tendo em vista o que demonstramos aqui, é possível indicar que não só o sujeito é histórico como também o fenômeno das toxicomanias, como o conhecemos, também o é. Além de uma contextualização acerca do surgimento desse sujeito, resto de uma operação da ciência, é possível pensar, a partir dos elementos apontados por Lacan e Lebrun, o quanto as toxicomanias se associam não só à economia do sujeito, como veremos a seguir, como também a um contexto cultural.

Por essa razão abordaremos adiante esses dois pontos: o encontro fracassado entre sujeito e objeto, estrutural no funcionamento do sujeito, como também o mal-estar em jogo na relação entre sujeito e sociedade.

Se vermos, no capítulo três, que Freud (1930) irá identificar no uso de psicoativos uma tentativa de lidar com o mal-estar, podemos já indicar a partir de Lebrun, a hipótese de que a ciência tem como efeito elementos que permitem que se pense que a satisfação é possível e que, não é preciso lidar com esse mal-estar. Será que é possível inserir o uso de drogas como uma saída encontrada por alguns sujeitos para essas questões que se colocam?

Como afirmamos anteriormente, Melman (2003) indica que há uma troca social que favorece o uso de drogas. No entanto, se esses elementos nos fazem pensar na pertinência dessa afirmação, ao mesmo tempo mantém a nossa pergunta acerca do que diferencia o sujeito que se torna toxicômano, daquele que tem uma experiência pontual com a droga.

Por mais, que não seja possível responder completamente a essa pergunta, retomamos novamente a ideia de que é na economia do sujeito, nesse encontro faltoso com o objeto, e no mal-estar na cultura que poderemos indicar onde se insere o fenômeno das toxicomanias.

Assim, a seguir, chegaremos a ideia de aparelho psíquico de Freud e de sua economia, além de explorarmos a dimensão da sexualidade do sujeito. Dessa forma é a partir desse caminho que coloca o sujeito em jogo que poderemos prosseguir.

1.2 Freud e o aparelho psíquico.

É ainda em 1895, em seu artigo “Projeto para uma psicologia científica” a primeira menção de Freud à expressão aparelho psíquico, encontrada nessa pesquisa. Publicado, apenas após a sua morte, em 1950, é nesse artigo que Freud se dedica a elaborar um esquema do funcionamento do aparelho psíquico de forma a fazer dele uma base para consolidar a psicologia como ciência natural. (FREUD, 1895).

Sendo este o seu primeiro modelo de aparelho psíquico, com notório destaque para a realização de um esquema quantitativo, Freud introduz aqui conceitos e ideias que, posteriormente, serão muito importantes para à psicanálise, especialmente após a retomada do texto por Lacan em seu seminário sete, proferido em 1959 e 1960.

Nesse artigo, Freud emprega o termo “neurônio” como elemento básico do aparelho psíquico e de “Q” como um termo para a excitação do aparelho. Ainda, ele apresenta teoricamente a noção da lei da inércia do aparelho psíquico, afirmando ser a intenção desse aparelho se livrar da energia/ excitação. Em suas palavras: “Esse é o princípio de inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar de Q” (FREUD, 1895, p. 348).

Assim, essa afirmação, que define o que é o “princípio de inércia” da psicanálise, já apresenta um aparelho voltado primordialmente para a eliminação da tensão dos estímulos, ou seja, para a descarga destes. Mais do que isso, já vemos

aqui introduzida a idéia de uma economia do aparelho psíquico, a partir da introdução de uma quantidade⁷ de energia nesse aparato.

Funcionando a partir da descarga de estímulos, esse primeiro esquema de Freud apresenta ainda o conceito de barreiras de contato. Para ele, haveria dois tipos de neurônios: os que possuem essa característica e os que não possuem.

Dessa forma, os neurônios que não possuem, deixam passar a energia sem resistência e, após a passagem retornam ao seu estado anterior. Já os neurônios que possuem as barreiras, resistem à passagem de Q e, depois não retornam ao estado anterior, representando assim uma memória (FREUD, 1895).

Tidos como mnêmicos e não permeáveis esses neurônios “ficam permanentemente alterados pela passagem de uma excitação” (FREUD, 1895, p.352). Conforme são alteradas, essas barreiras de contato se tornam mais capazes de conduzir a excitação.

Freud então nomeia esse fenômeno como facilitação ou trilhamento, “*Bahnung*”⁸ em alemão, que junto com Lacan (1997), em 1959/1960, retomaremos como um germen importante do conceito de repetição. Para Freud, é nas facilitações entre os neurônios que a memória encontra-se representada.

Assim, no sistema de Freud, a função primária do aparelho é se livrar da excitação. No entanto, esse aparelho vai se deparar com a necessidade de conservar um pouco dessa energia (Q) e recorre às facilitações para evitar que fique cheio de excitação. Uma vez utilizada a barreira de contato, aumenta a permeabilidade, e com isso a facilitação.

Ou seja, Freud (1895) fala de uma facilitação na comunicação dos elementos neuronais, uma vez utilizada, uma nova “passagem” é facilitada, isto é, a resistência na barreira de contato entre os elementos neuronais é diminuída.

⁷ A noção de quantidade faz referência a ideia de uma economia. Se entra “x” é preciso, ou tenta-se que “x” seja eliminado. No entanto, não encontramos em Freud uma tentativa de encontrar números para essa quantidade. Ainda sim, o que esse termo “Q” vem nos mostrar é que a quantidade também está em jogo no aparelho psíquico.

⁸ Lacan (1959,1960/1997) nos chama atenção para a tradução de “*Bahnung*” realizada como facilitação, quando este termo pode ser traduzido como “trilhamento”. Empregaremos nessa pesquisa os dois termos em referência ao conceito de “*Bahnung*”

Em um trilhamento, uma vez aberto o caminho de uma trilha, posteriormente esse caminho permanece aberto, tendendo a ser novamente usado. Dessa forma, é possível esclarecer outra dimensão das facilitações: o fato de facilitar um caminho, uma via, para a passagem de energia faz com que este seja mais utilizado. Um caminho aberto, menos resistente deverá ser usado outras vezes. Acreditamos ser esse o ponto essencial a ser retirado da ideia de facilitação que retomaremos no capítulo 2 quando abordamos a compulsão à repetição.

O sistema se baseia e se sustenta nesses dois tipos de neurônios apresentados. É por possuir neurônios permeáveis e impermeáveis que o aparelho psíquico continuaria capaz de receber Q, enquanto que, ao mesmo tempo, retém energia (Freud, 1895). Assim é com essa base que é possível cumprir o que Freud afirma serem as duas funções desse aparelho: receber os estímulos de fora e descarregar os estímulos endógenos (FREUD, 1895).

Outro conceito cunhado por Freud nesse momento, e que nos interessa diretamente, é o de ação específica. Freud explica que a descarga não consegue trazer a sensação de alívio do estímulo, pois o estímulo continua sendo recebido. Assim, para abolir o estímulo é preciso uma ação no mundo exterior. Essa ação, denominada de ação específica, necessita de uma ajuda alheia, não sendo realizada pelo próprio organismo, e ainda, é capaz de realizar o que Freud chamará de experiência de satisfação (FREUD, 1895).

Apoiado na ideia de uma ciência natural, na biologia e em um modelo mecânico de passagem de estímulos, esse primeiro aparelho psíquico de Freud se faz importante por introduzir elementos que posteriormente serão retomados e que constituirão conceitos importantes na obra freudiana como: pulsão e repetição.

1.3 O funcionamento do sujeito

Realizada uma introdução acerca do que Freud entende como aparelho psíquico, avancemos em direção aos pontos que entendemos como elementos do funcionamento do sujeito que nos ajudam a pensar o fenômeno das toxicomanias.⁹

Já em 1900, Freud apresenta novas formulações que retoma as apresentadas no Projeto. Nesse ano, em seu livro “A interpretação dos sonhos”, um novo aparelho, com o qual ele irá trabalhar até a década de 20, é formulado.

Assim, a seguir faremos um esforço de apresentar os principais conceitos definidos por Freud que dizem respeito ao funcionamento do sujeito, dando destaque ao que se entende como os aspectos dinâmicos e econômicos do funcionamento psíquico.

Dessa forma, no que denomina “metapsicologia”, Freud (1915b) descreve seu aparelho psíquico em suas dimensões topográfica, dinâmica e econômica, sendo a primeira relativa à divisão entre pré-consciente consciente e inconsciente. Já as últimas duas¹⁰, que têm grande importância para essa pesquisa, se relacionam aos conflitos e composição de forças entre os sistemas e a uma economia do aparelho,

Com isso, optamos por não explorar a formulação da dimensão topográfica do aparelho psíquico de Freud, indicando-a apenas como a divisão entre inconsciente, pré-consciente e consciente. O que nos interessa nessa dimensão¹¹ - e acreditamos que essa pequena descrição basta - é a elaboração dos processos primários e secundários. Estes processos se relacionam com a passagem da energia nos dois pontos da topografia (inconsciente e pré-consciente/consciente) e, por essa razão, interessam à pesquisa.

Foquemos então, a dimensão dinâmica e econômica desse aparelho. É importante notar que em sua formulação teórica, Freud aponta a respeito da

⁹ Principalmente o dualismo princípio de prazer x princípio de realidade que abordaremos nesse capítulo a partir da perspectiva freudiana.

¹⁰ Ambas estão intimamente relacionadas com conceito de pulsão, que será nosso objeto de investigação no próximo capítulo.

¹¹ Freud trabalha com o sistema inconsciente e pré-consciente/ consciente a partir de uma fronteira entre esses dois sistemas. O que está no pré-consciente pode se tornar consciente, enquanto a censura de conteúdo se dá entre inconsciente e pré-consciente/consciente. Freud aborda a dimensão topográfica tanto no capítulo 7 da Interpretação dos sonhos, de 1900, quanto em “O inconsciente” de 1915.

dimensão dinâmica do aparelho psíquico, que as forças envolvidas no psiquismo se relacionam, entram em conflito. Ele afirma que: “Assim, aprendemos que a idéia inconsciente acha-se excluída da consciência por forças vivas que se opõem à sua recepção (...)” (FREUD, 1912a, p.283).

Além disso, no que diz respeito à dimensão econômica, Freud afirma haver um esforço “para que se leve até as últimas consequências as vicissitudes de quantidade de excitação (...)” (FREUD, 1915b, p.186). Ou seja, ele faz referência à noção de quantidade de energia no aparelho como algo que está em jogo em seu funcionamento e se faz relevante, pois ao aparelho psíquico cabe dar conta da quantidade que entra e de suas variações de energia.

Um ponto importante nessa concepção econômica de Freud, e central em nossa pesquisa, diz respeito ao dualismo princípio de prazer x princípio de realidade, sobre o qual é importante que nos debrucemos um pouco em sua conceituação.

Apresentado em seu livro “A interpretação dos sonhos” (1900) inicialmente como “princípio de desprazer” (FREUD, 1900, p. 626), esse modo de funcionamento típico do sistema inconsciente e, que tem como forma de circulação de energia o processo primário (energia livre), é relacionado a uma corrente no aparelho que busca evitar o desprazer e alcançar o prazer, movida pelo que Freud denominou “desejo” (FREUD, 1900, p.624).

Concebido como “princípio de prazer” apenas em 1911, Freud aponta ainda um segundo princípio: o princípio de realidade, cuja forma de circulação de energia é o processo secundário, típico do sistema pré-consciente/consciente.

Recorrendo à Garcia-Roza (1994), podemos explicar esses dois tipos de circulação de energia da seguinte forma:

Do ponto de vista econômico, o processo primário corresponde a uma forma de energia livre, enquanto o secundário corresponde a uma forma de energia ligada. A energia psíquica é dita livre, quando tende para a descarga da forma mais direta possível, e é dita ligada quando sua descarga é retardada ou controlada (GARCIA-ROZA, 2008, p.57).

Prosseguindo:

é nos sonhos e nos sintomas que os processos primários se apresentam de forma privilegiada para Freud, enquanto o pensamento da vigília, a atenção, o raciocínio e a linguagem, são exemplos de processos secundários (GARCIA-ROZA, 2008 , p.58).

É apenas em 1911 que Freud irá escrever um artigo dedicado a esse tema, que esteve presente em toda sua obra. Em “Formulações sobre os princípios do funcionamento mental” (1911), ele cunha de vez a expressão “princípio de prazer” para apontar os processos psíquicos, regidos pelo processo primário, que buscam o prazer e tentam evitar o desprazer (FREUD, 1911).

Freud, nesse momento, irá observar que esse processo de circulação de energia seria mais antigo – por isso chamado “primário” - e único no início da vida do sujeito. Enquanto o processo secundário será entendido como uma “decisão” do aparelho de “tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real” (FREUD, 1911, p.238).

Ou seja, o aparelho passa a se voltar para o que é entendido como da ordem da realidade e não apenas para o que é mais agradável, assim inclui-se nesse ponto também o que é desagradável. Ainda, a descarga não só servirá para intervenções no interior do corpo – como no princípio do prazer – como também para uma ação na realidade¹² (FREUD, 1911).

Tal função não só elevaria a importância dos órgãos sensoriais, voltados para a percepção do mundo externo, como também dariam valor à consciência. Contudo, é importante apontar, como grande transformação empreendida pelo princípio de realidade, a capacidade desenvolvida pelo aparelho psíquico de aturar uma quantidade maior de energia, de tensão e de adiar o processo de descarga. Porém, Freud aponta que devido à tendência original do aparelho psíquico, temos

¹² Tal observação nos remete ao conceito de ação específica, mencionado anteriormente e apresentado no “Projeto para uma psicologia científica” de 1895.

dificuldades em abrir mão das fontes de prazer com as quais nos deparamos (FREUD, 1911).

Isto é, é importante notar que essa substituição não faz desaparecer o princípio de prazer. Este é característico dos processos inconscientes e, ainda que Freud aponte mudanças, Freud observa também essa dificuldade de abrir mão do prazer, ou de adiá-lo. (FREUD, 1911).

Assim, de forma resumida podemos afirmar que, em Freud (1911), esse processo (secundário) desenvolvido pelo aparelho modifica o funcionamento do aparato psíquico, até então voltado para o prazer (alívio da tensão), fazendo com que o sujeito seja capaz de outros caminhos e de adiamento da satisfação.

Dessa forma, esse é o ponto que nos indica uma relação com as toxicomanias. Será que é possível afirmar que a experiência da droga torna-se mais intensa em alguns sujeitos devido a esse tipo de economia do aparelho? Em caso positivo, caso seja possível encontrar, nessa formulação, algum ponto que nos faça pensar isso, então por que a toxicomania não é um fenômeno que se dá universalmente entre usuários de drogas?

Nesse ponto, recorreremos à orientação que Lacan nos dá em seu Seminário 7 (1997) proferido em 1959/1960, ao retomar esse dualismo de Freud afirmando-o ser menos de uma ordem psicológica e mais de uma ordem da ética¹³ (LACAN, 1959,1960/1997).

Lacan (1959,1960/1997), ao discutir o tema faz um retorno aos textos de Freud que foram trabalhados até o momento nessa pesquisa e observa alguns pontos que nos interessam.

Em primeiro lugar, pontua ser o princípio de prazer, o princípio da inércia¹⁴. Assim, identifica a idéia de escoamento da descarga em Freud e aponta um automatismo nesse princípio que regularia os trilhamentos (facilitações, *Bahnung*) ao conservá-los.

¹³ Lacan (1959,1960/1997) aborda o conceito de ética não a partir de uma lei moral ou a partir de uma idéia de Bem –supremo. Ele irá situar a questão ética do sujeito tendo como base a pergunta: “agiste conforme o desejo que te habita?” (LACAN, 1959,1960/1997, p. 376)

¹⁴ Princípio já apresentado nessa pesquisa, que consiste na tendência do aparelho psíquico de tentar se livrar da energia, dos estímulos.

Ele observa ainda que tal tendência do aparelho dirige-se “ao engodo e ao erro” (LACAN, 1959,1960/1997, p.40), fazendo com que não sirva para satisfazer a necessidade e sim, para aluciná-la. Dessa forma, faz necessária a entrada de um outro aparelho que exerça a dimensão da realidade e, em suas palavras, “se apresente, essencialmente, como um princípio de correção, de chamada à ordem” (LACAN, 1959,1960/1997, p.40). Com isso, o princípio de realidade serviria para corrigir o funcionamento do aparelho.

Assim, trataria-se para Freud de entender como um aparelho que sustenta os processos primários lida com as catástrofes que acontecem quando, seja por muito ou por pouco tempo, é abandonado para o prazer (LACAN, 1959,1960/1997). É dessa forma que Lacan nos introduz a questão ética do homem e retira esse dualismo do registro psicológico.

É importante ressaltar que nesse momento Lacan realiza um estudo sobre o que Freud entende como “realidade”. Cabe aqui a observação de que há a noção de uma “subjetivação do mundo exterior” (LACAN, 1959,1960/1997, p.63). Ou seja, a realidade é vista pelo homem de forma escolhida, a partir de elementos escolhidos por ele.

Lacan nos mostra ainda que o princípio do prazer é que regula a busca do objeto e que, sua função é fazer com que o homem sempre o busque, na tentativa de reencontrá-lo, ainda que não possa atingi-lo (LACAN, 1959,1960/1997)¹⁵.

Mais do que isso, ele apresenta o princípio de prazer como algo que se exerce a partir do investimento nos trilhamentos. Ou seja, ele “tende ao reinvestimento da representação” (LACAN, 1959,1960/1997, p.172)¹⁶, o que mais tarde veremos como elemento importante da repetição.

Já no que diz respeito ao princípio de realidade, é ele que Lacan (1959,1960/1997) identifica como um controle. Isto é, em suas palavras: “a primeira coisa que o homem desarmado pode fazer quando é atormentado pela precisão é

¹⁵ Lacan (1959,1960/1997) nos orienta em direção ao conceito de *das Ding* para trabalhar essa noção do objeto que falta. Abordaremos esse conceito mais adiante no final desse capítulo.

¹⁶ Retomaremos esse ponto ao abordamos a repetição no capítulo 2. No entanto, é preciso avançarmos ainda para que possamos explorar esse conceito.

começar a alucinar sua satisfação e em seguida, ele nada pode fazer senão controlar.” (LACAN, 1959,1960/1997, p.172).

De volta ao princípio do prazer, o passo que dá Lacan ao entender o prazer como a dimensão que “encadeia o homem” (LACAN, 1959,1960/1997, p.22) e que se encontra no lado fictício¹⁷ é posicioná-lo a partir da linguagem. Afinal, é no simbólico que Lacan situa a regulação do princípio do prazer. Tal ponto se faz importante para observarmos esse dualismo não como um desenvolvimento do sujeito, que sairia do princípio do prazer e chegaria a um ideal do princípio de realidade, como as primeiras investigações de Freud (1911) podem nos fazer pensar.

Um ponto essencial que Lacan (1959,1960/1997) nos indica nesse seminário é a inclusão da própria dimensão do sujeito e o caráter particular da verdade (inconsciente) de cada um, a partir do conceito de “*Wunsch*” (desejo), que se apresenta universalmente para os seres humanos, mas se dá de forma específica em cada um. Ou seja, em seu estudo sobre a ética¹⁸ Lacan (1959,1960/1997) aponta que o que está em jogo é a particularidade do desejo de cada um e não uma regra geral.

Dessa forma, é a partir de um pequeno recorte no ensino de Lacan (1959,1960/1997) em seu seminário sete - que retomaremos adiante - que foi possível compreender o dualismo do princípio de prazer e princípio de realidade e botar em cena a questão da singularidade do desejo de cada um. Assim, será possível nos aproximar do fenômeno das toxicomanias tendo como uma das bases a questão econômica que apresentamos aqui até o momento.

Dito isso, se foi possível uma introdução do que está em jogo na economia do sujeito em seu aparelho psíquico, formulado por Freud, e nas contribuições de Lacan apresentadas sobre o tema, é preciso interromper nesse ponto e incorporar outra dimensão da constituição do sujeito que nos interessa diretamente e que é necessária para avançarmos.

¹⁷ Fictício – o que é simbólico (LACAN, 1959,1960/1997, p.22)

¹⁸ Tal dimensão não só nos auxilia a pensar a nossa questão de pesquisa: “Por que um sujeito se torna toxicômano?” como nos dá indício de que esse é o caminho, através do conceito da “ética” da psicanálise, para entendermos outra questão: “por que ele não se torna?”

Assim, seguiremos abordando a questão da sexualidade do sujeito em Freud, sem que negligenciemos a contribuição de Lacan em seu Seminário 8 (1960,1961/2010) no qual, dentre outros apontamentos, se dedica a trabalhar as dimensões da demanda que percebemos ter grande relação com o fenômeno das toxicomanias.

1.4 A dimensão sexual do sujeito: o fracasso do encontro

Um ponto ainda não abordado até o momento, mas que é necessário que nos detenhamos sobre ele é o tema da dimensão sexual do sujeito em questão e dos estímulos aos quais nos referimos até o momento e que constituem as forças do aparelho psíquico. Para isso, é interessante que nos voltemos à importância da sexualidade em Freud.

Novamente, se pretende apontar que o sujeito ao qual a psicanálise se refere não se trata de uma unidade do ser humano, tendo em vista que não nos dirigimos ao corpo como natural, uma vez que este é atravessado pela linguagem¹⁹. Da mesma forma, não é à ideia de um indivíduo racional que nos dirigimos. A psicanálise opera com o sujeito pulsional, sexual é ele que investigamos aqui.

Por essa razão, justifica-se o esforço que estamos fazendo de tentar isolar algumas características e atravessamentos desse sujeito, que nos auxiliam a falar do fenômeno das toxicomanias.

Com isso, nesse capítulo abordamos a dimensão histórica do surgimento desse sujeito como efeito, e ao mesmo tempo como excluído, da ciência moderna. Além disso, nos debruçamos sobre o aparelho psíquico e sua economia, levando em consideração o caráter particular de cada sujeito.

Assim, pretendemos concluir esse capítulo com uma investigação nos textos freudianos sobre a constituição sexual do sujeito e, a partir de Lacan, relacionar

¹⁹ Abordaremos a noção de “inconsciente estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1959,1960/2008, p.27) mais adiante no capítulo 2.

esses pontos com a sua contribuição, acerca das formas possíveis de organização sexual a partir da relação do sujeito com o Outro.

Dessa forma recorreremos aos “Três ensaios sobre a sexualidade”, texto de 1905 de Freud, ao qual ele retornou diversas vezes em sua obra para realizar correções. Dessa forma, é importante notar que o artigo escrito em 1905 não pode ser restringindo a determinada fase da psicanálise, pois Freud sempre se deu ao trabalho de retomá-lo, mostrando assim, a importância que dava ao texto.

Antes de tudo, é importante ressaltar o valor histórico e de ruptura que esse artigo possui. Segundo Jones (1989), o texto foi recebido tal como um escândalo na época em que foi lançado, fazendo com que a Freud fosse dirigida grande quantidade de ódio da parte de diversos outros médicos e pesquisadores.

Para Jones (1989), a grande reação negativa aos ensaios se dá devido à indicação de uma sexualidade infantil, entendida como um ataque à inocência da infância. O autor afirma ainda uma grande mudança na postura em relação a Freud. Se antes ele era, de certa forma, ignorado, a postura contra ele se torna então mais ativa e suas idéias passam a ser combatidas.

Em “Os três ensaios sobre a sexualidade” (1905) Freud discorre sobre a sexualidade humana e dá especial destaque à sexualidade infantil - em sua relação com a perversão - e às primeiras manifestações sexuais na infância, ampliando o conceito de sexualidade.

Kaufmann (1993) discorre sobre esse novo entendimento do sexual apresentado por Freud e acrescenta:

Ao inscrever ali onde até então ele era impensável - na infância e no inconsciente - Freud afirmou a influência determinante no ser humano, de uma ordem libidinal inconsciente, e isso não só na instauração e no exercício da sexualidade no sentido corrente do termo, como também nos diversos aspectos do que ele definiu como sexual: um conjunto de atividades, de representações, de sintomas, sem relações com a sexualidade tal como ainda é comumente concebida (KAUFMANN, 1993, p.467).

Assim, uma das primeiras consequências que se pode retirar desse artigo de Freud é a noção de uma satisfação sexual e de uma sexualidade que não se restringe à fisiologia, sendo um ponto importante que nos coloca a questão da distinção entre a sexualidade humana e a sexualidade dos animais. Mais do que isso, a sexualidade é classificada desde a infância como perversa e polimorfa e não restringe sua atividade aos órgãos genitais.

Ademais, uma das primeiras observações de Freud (1905) faz referência à pulsão sexual (conceito que exploraremos adiante) a partir de uma desvinculação, ou melhor, de uma disjunção radical entre ela e o objeto. Freud afirma que a pulsão não tem objeto próprio, pois ele é extremamente variável e a pulsão não depende dele. Logo em suas primeiras páginas diz:

Chamou-nos atenção que imaginávamos demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual (...). Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos desse (FREUD, 1905, p.140).

Assim, pode-se entender que a sexualidade do sujeito, como entendida por Freud, não se coloca como algo rígido, e sim como variável. A pulsão sexual não requer um objeto específico, ele é que varia o que muda. A pulsão busca a satisfação, mas não há nada que defina qual objeto é o de sua escolha.

É preciso se deter nesse ponto. Com tal afirmação, Freud nos aponta que a satisfação da pulsão não coloca em jogo uma funcionalidade, ou um bem, como podemos pensar em um exemplo básico, e facilmente observável, de uma cachorra no cio cujo objeto sexual não varia, há de ser outro cachorro. Dessa forma, voltamos a afirmar que há um sujeito em questão e esse sujeito está submetido a um funcionamento outro que não o biológico. Funcionamento este que nos propomos discutir e que acreditamos ter íntima relação com as toxicomanias.

Assim, trata-se de pontuar o desencontro entre sujeito e objeto como marca fundamental do que pretendemos nesse capítulo. Lacan, em seu Seminário 4 (1995), proferido nos anos de 1956 e 1957, chama a atenção que a ideia de uma

harmonia, de um encontro perfeito entre sujeito e objeto não é possível de ser encontrada na experiência. E mais, para ele (LACAN, 1956,1957/1995) se isso acontecesse, não haveria psicanálise.

Ou seja, Lacan aponta a falta de objeto como uma noção central da psicanálise (LACAN, 1956,1957/1995). Com isso, para que seja possível desenvolver melhor essa perspectiva, faz-se relevante uma breve investigação sobre a organização sexual em Freud e Lacan, no que diz respeito ao desencontro fundamental entre sujeito e o Outro.

Quando se detém no que concerne à sexualidade infantil, é ainda no ato de chuchar que Freud (1905) irá identificar um componente sexual. Para ele, ao realizar esse ato de sugar, a criança busca um prazer que já foi antes experimentado - a amamentação - que é então rememorada com essa prática. O objeto de prazer está então no corpo e não fora. É nele mesmo que o bebê irá procurar o prazer.

Assim, Freud (1905) observa um estágio inicial da sexualidade infantil que ele irá definir como “auto-erótico”, no qual o prazer é obtido no próprio corpo, não sendo dirigido ao mundo externo. Sobre o auto-erotismo, Freud afirma um ponto que nos chama atenção em nossa pesquisa:

a criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo que ela ainda não consegue dominar (...). (FREUD, 1905, p.171).

A partir dessa ideia de uma sexualidade infantil auto-erótica, ele então descreve certas fases da organização sexual infantil, nas quais se pode entender de que forma o bebê passa de uma sexualidade voltada inicialmente para o próprio corpo, para uma obtenção de prazer no mundo externo, entendido por Freud da seguinte forma:

desfecho do desenvolvimento sexual adulto, na qual a obtenção do prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização

sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio. (FREUD, 1905, p.186).

Assim, Freud discorre sobre as organizações pré-genitais como divididas em fases. A primeira delas, a fase oral é observada como uma fase na qual “o objeto de uma atividade é também o de outra, e o alvo consiste na incorporação do objeto (FREUD, 1905, p.187). Por essa razão, Freud também chama essa fase de “canibalesca”.

A segunda fase de organização é a fase sádico-anal, na qual ele pontua já existir a divisão de opostos (ativo e passivo) na vida da criança, além de atribuir à atividade, uma pulsão de dominação da musculatura e à passividade, a mucosa anal e apontar a simbologia e o prazer do ato de defecar e das fezes.

Essa fase se baseia nesse par de opostos, entre atividade e passividade e já se pode apontar a “polaridade sexual e o objeto alheio, faltando ainda a organização e a subordinação a função reprodutora” (FREUD, 1905, p.187).

Freud, ao retomar o artigo em 1923, fala de uma terceira fase de organização, que não havia sido incluída originalmente, denominada de “fase fálica”. Compreendida como uma fase na qual já se exhibe um objeto sexual e uma convergência para ele, a fase fálica pode ser pontuada como genital, ainda que só reconheça uma genitália, a masculina (FREUD, 1905).

A fase fálica (FREUD, 1924a) é contemporânea ao complexo de Édipo na vivência infantil, sendo então destruída pela ameaça de castração sentida pela criança, descrita da seguinte maneira por Freud:

Essa fase fálica, que é contemporânea do complexo de Édipo, não se desenvolve além, até a organização genital definitiva, mas é submersa, e sucedida pelo período de latência. Seu término, contudo, se realiza de maneira típica e em conjunção com acontecimentos de recorrência regular (FREUD, 1924a, p.194).

Assim, a fase fálica é sucedida então pelo período de latência, um período descrito como de recalçamento, no qual esse tipo de escolha de objeto, ainda inicial,

é interrompido por um período de tempo, no qual são erigidos entraves à sexualidade, como o nojo, a vergonha, e a barreira do incesto, sendo a escolha do objeto retomada apenas na maturidade sexual, na adolescência, levando Freud a descrever esse encontro com o objeto como da ordem de uma bitemporalidade da escolha objetual (FREUD, 1905).

Dessa forma, fica claro até o momento a importância que cabe à sexualidade na constituição do sujeito. Freud aponta diversos momentos em que a dimensão sexual se coloca de formas diferentes, seja nas diversas fases da sexualidade, seja no Complexo de Édipo, que abordaremos após levantarmos algumas considerações importantes de Lacan sobre o tema.

Lacan (1960,1961/2010), em seu seminário 8, realizado durante 1960 e 1961, retoma essas fases de organização sexual, de forma a nos indicar não uma ideia de desenvolvimento de uma fase para outra e, sim o desencontro, a desarmonia na relação do sujeito com o que introduz como sendo o Outro²⁰

Nesse mesmo Seminário, ele faz uma crítica ao que observava como dominante nas escolas psicanalíticas de até então, e trata de observar de forma peremptória que a fase genital não pode ser entendida como um momento ideal de encontro com o objeto, ao qual o sujeito um dia alcançará. Lacan (2010) questiona a ideia de um “amar genitalmente” como uma harmonia, sendo para ele uma concepção simplificada de resolução do problema do sujeito.

Dito isso, abordemos esse desencontro e essa retomada de Lacan a respeito das fases de Freud, onde ele resgata esse estudo realizado em “Os três ensaios sobre a sexualidade” (FREUD, 1905), mas dessa vez situando o que foi abordado na “relação da demanda do sujeito com seu desejo” (LACAN, 1960,1961/2010, p.247).

²⁰ O conceito de “Outro” aparece diversas vezes na obra de Lacan e é fundamental que, ainda que não nos debruçemos sobre ele, possamos introduzi-lo de forma a situar o leitor. Para Lacan (1960,1961/2010), o Outro (“A”) é o que ele define como lugar de fala, um terceiro que se coloca sempre na relação com o pequeno outro (“a”), nosso semelhante. Ele o entende a partir da sua noção fundamental, já apresentada no início desse capítulo, como sendo o “inconsciente estruturado como uma linguagem”. Em suas palavras: “o Outro não é simplesmente o outro que está ali, mas literalmente o lugar da palavra. Existe, já estruturado na relação falante, este mais-além, este grande Outro para além do outro que vocês apreendem imaginariamente, este Outro suposto que é o sujeito como tal, o sujeito em que a fala de vocês se constitui, porque ele pode, não somente acolhê-la, percebê-la, mas também responder a ela” (LACAN, 1956,1957/995, p.79,80)

Antes disso, em seu seminário 5, Lacan (1957,1958/1999) pode nos situar, ao nos voltarmos para a sua breve definição de demanda, como aquilo que “a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro” (LACAN, 1957,1958/1999, p.91). Ou seja, ele faz um esforço de nos mostrar que, quando inseridas na linguagem, as necessidades – como fome, sede, etc. – não se resumem a algo da ordem da natureza e sim, já levam em si uma passagem pelo Outro, através do que denominou demanda. Dessa forma, a necessidade é introduzida, mas por outra ordem, a ordem simbólica (LACAN, 1957,1958/1999).

Ainda, a demanda é oculta, não é explícita para o sujeito. Mais do que isso, Lacan (1960,1961/2010) identifica na demanda o que define como um mais além e um mais aquém. Assim, no mais-além da demanda está o amor²¹, enquanto no mais aquém estaria o desejo.

Dessa última proposição de Lacan, as consequências que podemos tirar a partir de sua própria fala nos remetem a sua ideia de uma demanda ambivalente, que alude ao fato do sujeito não querer que ela seja satisfeita. Assim, ele afirma: “O sujeito visa em si a salvaguarda do desejo, e testemunha a presença do desejo inonimado e cego” (LACAN, 1960,1961/2010, p.252).

A introdução de Lacan dessa noção de demanda como algo que passa pelo Outro, ou seja, que desnaturaliza a necessidade, visto que diz respeito ao sujeito e não somente a uma exigência fisiológica, nos faz pensar na relação do sujeito toxicômano com a droga e nos dá elementos para observar que a “necessidade da droga” que tanto ouvimos na clínica, vai além do biológico e passa por uma relação com o Outro.

Lembremos ainda sua ponderação acerca da libido sexual enquanto um excedente. Não um excedente qualquer e sim um excedente que “torna inútil toda satisfação da necessidade ali onde ela se coloca. E à necessidade, é o mesmo caso de dizer-se, ela recusa essa satisfação para preservar a função do desejo” (LACAN, 1960,1961/2010, p.253).

²¹ Demanda de amor dirigida ao Outro que nunca consegue responder de forma equivalente.

Assim, Lacan (2010) irá pontuar que a demanda oral diz respeito à demanda de ser alimentado. Por sua vez, o sujeito, na relação com o Outro, recebe como resposta a demanda de ser alimentado. Em tese, ele aponta que haveria aí uma ideia de complementaridade: à demanda de se alimentar, responde-se com a demanda de se deixar alimentar. No entanto, é precisamente nesse ponto que há um confronto entre as duas demandas, nessa posição que há o que Lacan chama de “hiância”, de “rasgão”, onde já “se insinua de uma maneira normal a discordância, o fracasso pré-formado do encontro” (LACAN, 1960,1961/2010, p.252).

É nesse ponto que Lacan situa o desejo. É para que o desejo não se sacie que o sujeito que demanda ser alimentado, recusa a alimentação, recusa à demanda de se deixar alimentar, não se alimentando²². Ou seja, é para continuar desejando que o sujeito recusa a satisfação da demanda, como nos exemplifica Lacan, a respeito da anorexia nervosa (LACAN, 1960,1961/2010).

De outra forma, ele (1960,1961/2010) aponta a escolha dos alimentos e a negação de certas ofertas de ser alimentado como uma forma da dimensão do desejo se fazer presente. Costa-Moura (1995) retomando essas observações de Lacan chama atenção ainda para a especificidade da relação com o Outro que há na demanda oral, momento no qual o sujeito tem que lidar com o fato desse Outro não ter o que ele espera dele.

Já na fase anal, essa relação com Outro se dá de outra forma, mas não se exclui de forma alguma a dimensão de desencontro, de desencaixe que nos esforçamos para pontuar aqui. No entanto, Lacan (1960,1961/2010) pontua que nessa fase tem-se um parceiro em jogo.

Com a demanda de que retenha as fezes, funda-se a o desejo de expulsá-las (LACAN, 1960,1961/2010). Porém, há algo mais complexo nessa relação, pois nesse momento, não só há o pedido de uma disciplina da necessidade, como também há um pedido que essas fezes sejam expulsas em certos momentos, ou

²² Nas palavras de Lacan: “O Outro, portanto, não é de modo algum apenas fome, mas fome articulada, fome que demanda. E o sujeito está, dessa maneira, aberto para se tornar objeto, mas se posso dizer, de uma fome que ele escolhe. A transição se faz da fome para o erotismo pela via daquilo a que eu chamava há pouco de preferência. Ela ama alguma coisa, isso em especial - por um gulodice, se podemos dizer” (LACAN, 1960,1961/2010, p.269)

seja, uma demanda que pede que esse sujeito a satisfaça (LACAN, 1960,1961/2010).

É nesse momento então, que o sujeito terá de lidar com o fato de que o que ele pode dar é o que também ele pode reter. Nesse ponto, Lacan irá constatar que a iniciativa está com o Outro, e que seria aí que residiria a base da dependência do neurótico. Além disso, segundo Lacan: “ele depende tanto da demanda do Outro que o que o neurótico demanda ao Outro, em sua demanda de amor neurótico, é que se o deixe fazer alguma coisa” (LACAN, 1960,1961/2010, p.271).

Tal fase é anunciada por Lacan (1960,1961/2010) como “campo da oblatividade” (LACAN, 1960,1961/2010, p.255). Nela, a necessidade só será satisfeita para a satisfação de um outro. Costa-Moura (1995), novamente, nos indica em relação a esse momento, a experiência do sujeito em lidar com a não-satisfação do Outro, com o que ele pode oferecer.

Em relação à fase genital, fiquemos com a negação de Lacan²³ a respeito da existência de um desejo natural e com a idéia de um desencontro recíproco, apresentada por Costa-Moura (1995) em sua leitura de Lacan. Nesse trabalho, ela ainda nos aponta, em relação a essas fases, que o que marca esses encontros é a inadequação. Mais do que isso, em suas palavras, concentra o que estamos tentando apontar:

que o que move o sujeito através dos estádios é o encontro com uma falta, que não é a imperfeição (sua ou do Outro). Articulada à demanda do outro, esta falta vai aos poucos, pelo desencontro das demandas, apontando para o desejo como uma falta radical, irreduzível, que faz furo, necessariamente na estrutura lógico-simbólica. (COSTA-MOURA, 1995, p.166).

²³ Nesse momento, Lacan trabalha com o conceito de “Falo”, um significante que articularia a dimensão da falta, que funcionaria como um organizador do campo simbólico. Tal definição reconhecemos como resumida, pois trata-se de um conceito por demais complexo para ser abordado em uma nota de rodapé e que mereceria uma pesquisa que se dedicasse mais a trabalhá-lo. Porém isso não será possível aqui, pois seria um desvio muito grande em nossa investigação. Ainda, acreditamos que é possível abordar a dimensão da demanda, no recorte disso que nos interessa, sem que precisemos entrar nesse conceito, o que seria feito de forma superficial.

Assim, fiquemos com o que nos interessa em nossa pesquisa e façamos um recorte sobre o que nos é importante até aqui: Lacan (1960,1961/2010) aponta as relações possíveis e demandas que, diferentemente das necessidades, são sempre dirigidas pelo sujeito ao Outro. Tais relações implicam um desencontro, e uma falta de um objeto para completude do sujeito.

Recorremos a um breve fragmento clínico, para pensarmos o que foi abordado acima, a partir da complexidade da fala e da posição de um sujeito. Tal fragmento é empregado nesse momento não porque a fala do sujeito exemplifica o que estamos dizendo e sim, porque ela nos confunde, dificulta que nos situemos. Por isso se faz relevante.

Em uma sessão, João, 35 anos e autointitulado “limpo”, conta que não pensa mais em usar cocaína com a mesma frequência com a qual pensava. Porém, relata que estar “limpo” fez com que pagasse um preço alto: os momentos de felicidade (termo que ele emprega) não são tão intensos quanto eram sob o efeito da droga.

João diz que, hoje, numa escala de zero a dez da felicidade, só alcança um número oito. Tirar dez em sua escala não é mais possível, segundo ele. Pergunto quando foi que ele alcançou dez e ele me responde: “Numa festa que misturei muita bebida com cocaína. Foi uma sensação maravilhosa”.

O caso de João, que como todo fragmento, é mais complexo do que essa fala, nos faz pensar em um tipo de satisfação no próprio corpo, sem que se passe por outra pessoa, um outro sujeito, ou melhor, de forma independente do mundo externo - como afirmava Freud, em relação ao auto-erotismo.

Não se trata de uma hipótese original, o próprio Freud já pensou sobre isso em 1897, quando em carta a Fliess compara as adições com a masturbação, como citado a seguir:

Despontou em mim a descoberta intuitiva que a masturbação é o grande hábito, o vício primário, e de que é apenas como substitutos e sucedâneos dela que os outros vícios – o álcool, a morfina, o fumo e coisas parecidas – passam a existir (Freud, 1897 apud MASSON, 1986, p.288)

Outra fala de João endossaria esse caminho. Segundo ele: “A droga é um amor. Você deixa de ficar com outras pessoas para ficar com ela. Você acha que ela te completa”.

Acreditamos que em seu texto sobre o Narcisismo (1914a), Freud nos fornece mais elementos para analisarmos essa hipótese de 1897 e a fala de João. Em primeiro lugar, Freud introduz a idéia de um narcisismo primário, ou seja, inicialmente na vida do sujeito o Eu concentra os investimentos libidinais e, somente depois, a partir de um excesso de quantidade de libido voltada para o Eu, que a libido se volta para os objetos, como afirma a seguir:

(...) indagar por que a vida psíquica se vê forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e depositar a libido nos objetos. Mais uma vez a resposta que decorre da nossa linha de raciocínio seria a de que essa necessidade entrará em cena quando o investimento de libido no Eu ultrapassar determinada quantidade. (FREUD, 1914a, p.105)

Nesse momento de sua obra, Freud divide a libido entre a libido do Eu e a libido objetual. Quanto mais uma delas se concentra, mais a outra se esvaziará. Ou seja, quanto mais se investe no Eu, menos se investe nos objetos.

Freud ainda postula o apaixonamento como a fase mais avançada da libido objetual, pois desistiria-se da própria personalidade em favor de um investimento no objeto (FREUD, 1914a).

Assim, a fala de João nos confunde. Nas toxicomanias encontra-se um prazer no próprio corpo sem que se passe por outro semelhante. Ao mesmo tempo, a ideia de um devoramento, de uma compulsão também nos aproximaria da noção de oralidade.

No entanto, o que podemos constatar aqui é que esses pontos nos levam novamente ao desencontro do sujeito e objeto e que, o objeto droga, muitas vezes entra nesse circuito. Assim, João quando estava engatado no uso compulsivo de cocaína alcançou uma nota dez na escala de felicidade. Se o que estamos

apontando aqui é o fracasso do encontro, será que a droga entraria para escamotear esse desencontro, essa harmonia impossível?

Avancemos então a uma abordagem maior desse fracasso. Para situarmos melhor, faz-se relevante uma breve investigação sobre o que Freud e Lacan têm a nos dizer sobre o Complexo de Édipo, principalmente no que diz respeito à relação desencontrada entre sujeito e objeto, para que possamos explorar o que está em jogo nessa desarmonia.

1.5 O complexo de Édipo e o objeto que falta.

Tido como o momento principal da constituição da sexualidade do sujeito, a passagem pelo complexo de Édipo é fundamental para a psicanálise, tanto no que diz respeito à organização neurótica (ou não) do sujeito, quanto no que Lacan nos acrescenta em relação ao desejo e a Lei em seu Seminário 5 (1957,1958/1999), como veremos adiante.

Ainda que só em 1924(a) Freud tenha dedicado um artigo específico ao Complexo de Édipo, denominado “A dissolução do complexo de Édipo”, esse conceito esteve presente em grande parte de sua obra, sendo considerado essencial para a consistência dos conceitos da psicanálise.

Tendo seu esboço apresentado em seus escritos em “A Interpretação dos sonhos” de 1900 (JONES, 1989), antes disso, Freud já apontara desejos incestuosos e inconscientes dos filhos em relação aos pais em 1897, ao enviar uma carta ao seu então amigo Fliess, relatando sua auto-análise. (JONES,1989)

Assim, podendo ser compreendido, de forma sucinta, como a relação da criança com os pais, incluindo os desejos de amor e os hostis, o Complexo de Édipo é um “fenômeno central da infância” (FREUD, 1924a, p.193) e ainda, para Freud, é a ameaça da castração que o dissolve.

Associando-o com a tragédia grega “Édipo Rei” de Sófocles na qual, Édipo mata o pai e se casa com a mãe sem o saber, Lacan relata que esse complexo

exercerá uma função normativa “não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo” (LACAN, 1957,1958/1999²⁴, p.171).

Pode-se compreender então, essa associação como essencial para a idéia aqui reapresentada: de que a questão do Édipo e de como ela é vivida pelo sujeito é fundamental em sua constituição enquanto tal, tendo assim um papel estruturante no que diz respeito ao seu sintoma e a sua relação com o sexual e o desejo.

Para Lacan (1957,1958/1999), o Complexo de Édipo possuiria uma função simbólica, cabendo ao pai agir como forma de lei, evitando assim a fusão da criança com a mãe. Segundo ele:

O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do Complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto. É ao pai recordam-nos, que fica encarregado de representar essa proibição (LACAN, 1957,1958/1999, p.175).²⁵

Essa postura de privar a fusão com a mãe, de interditar o incesto (LACAN, 1957,1958/ 1999), abre caminho para uma identificação com o pai e uma entrada no campo do desejo e no da procura do objeto, sendo a busca desse encontro com o objeto perdido um ponto que retornaremos quando abordarmos diretamente às toxicomanias no terceiro capítulo e o Seminário 7 (LACAN,1959,1960/1997), no segundo.

²⁴ De 1956 a 1958, Lacan explorou bastante os efeitos e os pontos fundamentais do Complexo de Édipo, a ameaça da castração e sua relação com a linguagem. De 1956 e 1957 em seu seminário 4, ele aborda de forma cuidadosa a relação de objeto e a noção central da falta de objeto. Já no seu seminário 5 (1957,1958/1999) dedica-se, em boa parte, às etapas do Complexo de Édipo. Aqui, tentamos fazer um recorte para o que interessa a pesquisa. Dessa forma, não nos propomos discutir todas as etapas e os atravessamentos que Lacan colocou em questão em seus seminários e sim, introduzir a questão de forma a focarmos na dimensão de um objeto que falta para o sujeito. Assim, justifica-se essa pequena passagem por esses processos citados, tendo em vista a marca do significante como fundamental para trabalhar esse ponto.

²⁵ É importante que levemos em conta, ao tratarmos desse tema, a crítica de Lacan (1999) ao que entende como “ambientalismo” nas correntes psicanalíticas da época que, buscavam na história do sujeito a presença maior ou menor do pai para indicar como foi a passagem pelo Édipo. Lacan irá nos dizer que o Édipo pode se dar muito bem sem a presença física do pai.

Assim, Kaufmann descreve os efeitos desse atravessamento universal pelo Édipo:

De fato o complexo de Édipo assume toda a sua dimensão de conceito fundado quando Freud o articula com o complexo de castração: este, ao provocar a interiorização da interdição oposta aos dois desejos edipianos (incesto materno e assassinato do pai), abre o acesso a cultura pela submissão e a identificação com o pai portador da lei que regula o jogo do desejo. (KAUFMANN, 1993, p. 135).

Retomemos Lacan (1957,1958/1999) no momento em que ele nos fala do pai como portador da lei²⁶. Para ele, a figura do pai é culturalmente investida pelo significante do pai e ele entra em cena como o proibidor da mãe como objeto (LACAN, 1957,1958/1999).

Ou seja, é essa função representada pelo pai que impede a satisfação do menino. Lacan pontua ainda a ameaça da castração como ponto principal desse processo: “a castração é um ato simbólico cujo agente é alguém real, o pai ou a mãe, que lhe diz *Vamos mandar cortá-lo* e cujo objeto é um objeto imaginário” (LACAN, 1957,1958/1999, p.179).

Lacan nos diz ainda (1999) que é o amor pelo pai que se constitui a saída do Édipo, através da identificação com este:

É na medida em que o pai é amado que o sujeito se identifica com ele, e que encontra a solução terminal do Édipo numa composição do recalque amnésico com a aquisição, nele mesmo, do termo ideal graças ao qual ele se transforma no pai (LACAN, 1957,1958/1999, p.176).

²⁶ No seminário 5 (1957,1958/1999), Lacan esmiúça o Complexo de Édipo empregando o conceito de “Nome-do-Pai”, significante que funda a existência da lei. Como não pretendemos trabalhá-lo aqui, nos basta ter em mente que esse processo se dá levando em consideração o atravessamento do sujeito pela linguagem, tema que como já afirmado, abordaremos no próximo capítulo.

Dessa forma, seguido por um período de latência, o sujeito irá se reencontrar com a questão do Édipo na adolescência, onde será feita sua escolha definitiva e onde irá se dar o seu posicionamento sobre sua própria sexualidade.

Retornamos ao artigo “Os três ensaios sobre a sexualidade” (1905), e à noção freudiana de “bitemporalidade da escolha objetal” para apontar novamente em cena, os dois tempos da escolha do objeto realizado tanto na infância quanto na puberdade, após o período de latência. Freud (1905) afirma que o segundo momento dessa escolha se dá na puberdade e é definitivo no que diz respeito a vida sexual do sujeito .

Para Freud (1905), os objetos de escolha infantil se tornam inutilizáveis na puberdade “em consequência do recalçamento que se desenvolve entre as duas fases. Seus alvos sexuais foram amenizados e agora representam o que se pode descrever como a corrente de ternura da vida sexual” (FREUD, 1905, p.189). Por conseguinte, haveria então uma renúncia dos objetos sexuais infantis e uma confluência de correntes sexuais e de ternura.

As mudanças sexuais ocorridas na puberdade são muitas e como dito anteriormente, definitivas para a vida adulta do sujeito. De uma pulsão auto-erótica chega-se a constituição de um objeto sexual e um novo alvo: a descarga dos produtos sexuais, vinculada ao ato sexual. (Freud, 1905). A partir disso, é importante notar que Freud aponta em diversos momentos de seu texto que as neuroses têm estreita ligação com a perturbação na vida sexual.

Freud fala ainda da puberdade de forma a pontuar uma mudança que não é somente física, distinguindo-a então de um processo apenas orgânico, afirmando haver “no lado psíquico o encontro do objeto para qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância” (FREUD, 1905, p.210).

Se é importante uma leitura crítica das fases freudianas, para que não entendamos em Freud um desenvolvimento e evolução da vida do sujeito, também se faz importante ressaltar o que dissemos acima acerca de um desencontro com o objeto, de um fracasso, que continua para o sujeito em sua vida adulta e que é nosso tema nesse momento.

Assim, é importante uma ressalva para que não interpretemos o encontro com o objeto na adolescência como um período harmônico. Lacan (1960,1961/2010) nos alertou sobre esse ponto.

Afinal, retomando o Complexo de Édipo, a consequência maior que podemos tirar em relação a esse desencontro, Lacan nos faz pensar no centro do paradoxo do complexo de castração. Assim para ele “é que o desejo do Outro, na medida em que é abordado no nível da fase genital, nunca pode ser aceito, de fato, naquilo que chamarei de seu rito, que é ao mesmo tempo, sua fugacidade” (LACAN, 1960,1961/2010, p. 287).

Assim, é no complexo de castração²⁷ que, ao abrir mão do órgão reconhecendo o pai como um representante da lei – que interdita a mãe - ou seja, como um pai potente, como aquele que tem o falo (LACAN,1957,1958/1999), que se entra no que Lacan define como uma pluralidade, uma diversidade dos objetos que tem no mundo. (LACAN, 1960,1961/2010)

Com isso, podemos retomar a noção da falta de objeto, pois este se apresenta ao sujeito como perdido desde Freud (LACAN, 1957,1958/1999), sendo o objeto primeiro - o da mãe - que é buscado pelo sujeito. Assim, já se coloca um desencontro entre dois pontos: o objeto que é buscado pelo sujeito e o objeto que é possível de se encontrar.

Poucos anos depois dos seminários abordados até o momento, em 1959 e 1960, Lacan, em seminário 7 (1959,1960/1997) sobre a ética da psicanálise, introduz uma outra dimensão desse objeto que falta.

Com o conceito de “*das Ding*” – “A Coisa” – Lacan busca em o “O projeto para uma psicologia científica” (FREUD, 1895) a distinção entre duas palavras em alemão que possuem a mesma tradução e são usadas por Freud : “*Sache*” e “*Ding*” .

No entanto, o que ele pontua é que as dificuldades de tradução não podem nos fazer pensar que “*Sache*” e “*Ding*” – traduzidas como “coisa” – fazem referência a mesma ideia. (LACAN, 1959,1960/1997)

²⁷ Lacan (1959,1960/1999) coloca a castração como no nível imaginário, como uma falta imaginária do objeto. No entanto, essa falta fundamental se situa “como dívida, cadeia simbólica” (LACAN, 1959,1960/1999, p.54).

Para ele, “*Sache*” diz respeito à coisa humana, coisas que humanos colocam no mundo como “produto da indústria ou da ação humana enquanto governada pela linguagem” (LACAN, 1959,1960/1997, p.61). Já “*das Ding*”, A Coisa, sobre a qual Lacan se debruça, se coloca em outro ponto.

Não podendo ser definida como qualquer coisa ou objeto colocado no mundo, “*das Ding*” pode ser indicada a partir de um isolamento realizado pelo sujeito como uma experiência de estranhamento, sendo “A Coisa” como estranho (LACAN, 1959,1960/1997).

Para que situemos melhor tal conceito, Lacan (1959,1960/1997) nos auxilia de forma a apontar que é em torno da Coisa que todo o encaminhamento do sujeito se dá, encaminhamento esse que faz referência aos desejos deste.

Busquemos nas próprias palavras de Lacan, o auxílio para abordar o conceito de *das Ding*²⁸:

O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer, é nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço (LACAN, 1959,1960/1997 ,p.69).

Assim, podemos entender a busca pela Coisa como uma tentativa do sujeito de reestabelecer o seu estado inicial, ou melhor reproduzi-lo. É isso que o sujeito busca: quando tenta a satisfação pela ação específica²⁹ o que está em jogo é reencontrar *das Ding*.

Um ponto importante e que nos diz respeito em relação a essa busca do sujeito é a regulação realizada pelo princípio do prazer. Ou seja: “o objeto a ser

²⁸ Tal conceito é tão importante em Lacan que, ele aponta que é ainda em relação a *das Ding* que o sujeito se orienta em relação a escolha da neurose (LACAN, 1959,1960/1997). Ou seja, é em busca desse reencontro com esse objeto impossível de se alcançar que o sujeito se posiciona.

²⁹ Ação realizada no mundo externo que busca uma satisfação.

reencontrado lhe dá sua lei invisível, mas por outro lado não é ele que regula seus trajeto” (Lacan, 1959,1960/1997, p.77).

Assim, a partir dessa regulação é importante notar que ainda que durante a busca, as satisfações ligadas ao objeto ocorrem (LACAN, 1959,1960/1997).Com isso, podemos concluir em relação a *das Ding*³⁰ que o homem busca sempre esse objeto que não pode alcançar. (LACAN, 1959,1960/1997).

Finalmente, é preciso que interrompamos nossas observações sobre A Coisa aqui. Para avançar é necessário que exploremos o conceito de pulsão em Freud e, posteriormente, o conceito de pulsão de morte.

No entanto, o que tentamos demonstrar aqui é que o sujeito com o qual a psicanálise opera tem peculiaridades que fazem com que não seja possível abordá-lo como uma unidade qualquer da espécie humana.

O que pretendemos até aqui é mostrar que não é possível naturalizá-lo e optamos para demonstrar isso, pelo caminho do desencontro e do fracasso fundamental na relação com a demanda do Outro.

Dessa forma, iremos explorar adiante o percurso de Freud para lidar com esse sujeito e com esse desencontro. Assim, é a partir de uma ideia de que não há harmonia entre sujeito e objeto que orientamos nossa pesquisa. Pois, é a partir do que observamos na clínica e no que foi apresentado até o momento que, poderemos nos aproximar da resposta de nossa pergunta: O que está em jogo quando um sujeito se torna toxicômano?

³⁰ Lacan (1959,1960/1997) coloca que a mãe ocupa esse lugar de Das Ding. Assim, Lacan continua, não é possível afirmar para o sujeito a ideia de um Bem –Supremo, pois ele é *das Ding*, é a mãe. Ou seja, o objeto de incesto, o bem proibido e não há outro bem (LACAN, 1959,1960/1997, p.90)

Capítulo 2 – PULSÃO E REPETIÇÃO

Em nosso percurso, ao apontarmos os pequenos fragmentos clínicos que pudemos apresentar nessa pesquisa, optamos por recorrer às falas dos pacientes que entendemos que se encontram, ou já se encontraram, em situação de uso intenso de psicoativos

No entanto, isso não significa que tais sujeitos estabelecem o mesmo tipo de relação com a droga. Como tentamos demonstrar no último capítulo, cada sujeito se coloca de uma forma em relação ao objeto. Porém, o desencontro é universal e é tendo essa noção como norte que optamos por seguir adiante.

Assim, foi possível constatar que, no que diz respeito à psicanálise, a noção de sujeito se coloca de forma a desnaturalizá-lo. Neste ponto, o entendimento de que não há um objeto, a priori, que seja específico para o sujeito é fundamental para apontarmos essa característica já indicada por Freud ainda em 1905³¹.

Se já em Freud é possível identificar esse ponto, Lacan em sua afirmação de que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1964/2008, p.27) nos ajuda a pensar a base a partir da qual poderemos entender como esse desencontro acontece.

³¹ Como apontamos no capítulo 1, Freud afirma: “Chamou-nos atenção que imaginávamos demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual (...). Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos desse” (FREUD, 1905 ,p.140)

Dessa forma, antes de avançarmos sobre o que propomos abordar nesse capítulo³², façamos um pequeno distanciamento de seu tema, que se justifica para sustentarmos o que trouxemos anteriormente e o que pretendemos analisar adiante.

2.1 O inconsciente e a linguagem

A idéia de que o inconsciente é constituído através das leis da linguagem é um ponto que Lacan aborda em diversos momentos de sua obra. Particularmente, para abordarmos a questão da linguagem nos baseamos no que Lacan indica no seu “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957,1958/1999) – com algumas contribuições de seu seminário 11 (1964/2008).

Dessa forma, nesse momento de seu ensino, é possível mostrar quão íntima é a constituição do sujeito, tendo como base o seu atravessamento pela linguagem, com a impossibilidade de um encontro harmônico com o objeto, ou em termos freudianos, encontrar *das Ding*.

Para alcançar esse ponto, Lacan (1957,1958/1999) aproxima o trabalho da linguística de Saussure à experiência da psicanálise, a partir da sua leitura do trabalho de Freud sobre os chistes. É partindo desse momento que irá apontar que, já há em Freud de certa forma, uma aproximação entre linguagem e inconsciente³³.

Assim, posteriormente, retoma que o inconsciente é estruturado com base nas leis da linguagem, se tratando de uma instância com leis próprias de funcionamento e não, como critica em Jung, uma instância romantizada (LACAN, 1964/2008).

³² Lembrando ao leitor que nesse capítulo pretendemos dar seguimento às investigações acerca do sujeito. Assim, o que propomos por ora é apontar os recursos de Freud para lidar com esse sujeito do inconsciente que se coloca para ele em sua clínica. Com isso, abordaremos o conceito de pulsão e as consequências que tanto Freud quanto Lacan puderam extrair dessa noção.

³³ Lacan toma como exemplo a análise de Freud – que chama de técnica significativa – do termo “familiar”, no qual Freud aborda a formação dessa palavra como processo inconsciente. Lacan se detém nessas análises freudianas e suas observações sobre essa aproximação, em Freud, de inconsciente e linguagem podem ser encontradas ainda no seminário 5.

Lacan questiona a noção de que um significante representa um significado, isto é, de que haveria uma junção entre eles. O importante desse ponto é extraírmos que o significado, em Lacan, só pode ser pensado após o deslizamento da cadeia e não apenas com um significante.

Ou seja, é a partir da relação que um significante estabelece com o outro, que o significado se dá, como afirma a seguir:

“Em outras palavras, é na relação de um significante com um significante que vem gerar-se uma certa relação *significante sobre significado*. A distinção entre os dois é essencial” (LACAN, 1957,1958/1999, p.37).

A importância da linguagem, e de suas leis, para o inconsciente é radical em Lacan. Não é possível que não a levemos em consideração se quisermos analisar qualquer ponto que verse sobre a psicanálise, a partir do pensamento lacaniano, como por exemplo: as tensões nos sistemas na dimensão pulsional do aparelho psíquico e as fases da organização, que mencionamos no primeiro capítulo(LACAN, 1957,1958/1999).

Com isso, Lacan irá avançar teoricamente nessa junção radical entre sujeito do inconsciente e as leis da linguagem. Isso se dá de tal forma, que no campo dessa cadeia simbólica, ele situa o significante como o que desnaturaliza o sujeito (LACAN, 1957,1958/1999).

Mais do que isso, é por estar na linguagem que o sujeito está dividido (LACAN, 1964/2008). Retornando à Freud e retomando sua formalização das leis da linguagem, ele irá pontuar que não se pode encontrar o sujeito dessa experiência freudiana no eu. Longe disso, Lacan (1957,1958/1999) fala de um sujeito que está em nós, que nos habita.

Dessa forma, constata-se que, ao entrarmos no campo da linguagem, do sujeito do inconsciente, estamos numa dimensão que responde às leis outras que

não as do eu³⁴. Assim, uma vez no campo das palavras, ocorre que “o discurso sempre diga mais do que aquilo que se diz” (LACAN, 1957,1958/1999, p.21).

Ou seja, não há um eu que no campo da fala tenha total domínio de sua mensagem, não havendo assim uma maestria sobre o que se fala. É o sujeito que está em nós que fala, que se manifesta. Afinal, como nos orienta Lacan em seu seminário 11 (1964/2008): “O importante, para nós, é que vemos aqui o nível em que – antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador” (LACAN, 1964/ 2008, p.28)

Dessa forma, se entendemos, como Lacan (1957,1958/1999), o lugar do Outro como o lugar de fala, podemos avançar com ele quando afirma que o comportamento neurótico³⁵ se coloca como uma fala, uma fala que ele – o neurótico - desconhece.

No entanto, avancemos ao ressaltar o que Lacan pontua em seu seminário 11: “O efeito de linguagem está o tempo todo misturado com o fato, que é o fundo da experiência analítica, de que o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro (...)” (LACAN, 1964/ 2008, p.184).

A partir desse ponto, Lacan (1964/2008) parece nos resumir a questão: “O inconsciente são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina nos desenvolvimentos dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1964/2008, p.147)

Deste modo, é possível pensar num determinismo apontado por Lacan em seu seminário 5:

Digamos simplesmente: somos determinados no nível em que nos está além de nossas apreensões autoconceituais, além da ideia que podemos fazer de nós mesmos, sobre a qual nos apoiamos, á qual

³⁴ Lembremos do que conseguimos trazer no capítulo anterior sobre os processos primários e o princípio do prazer. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, são as leis da linguagem que estão joga no inconsciente

³⁵ Lacan irá apontar que essa condição vai além dos sintomas. Trata-se de como o sujeito se posiciona e se relaciona com o Outro.

nos agarramos de qualquer maneira, à qual as vezes meio prematuramente, nos precipitamos, em dar um destino falando de síntese, de totalidade da pessoa – termos que, não nos esqueçamos, são todos precisamente, pela experiência freudiana, objetos de contestação (LACAN, 1957,1958/1999, p.70,71)

No entanto, isso não significa que o sujeito não tem nada a ver com isso. De fato, lembremos que Lacan (1966/1998) nos indica também que pela nossa posição, enquanto sujeitos, somos sempre responsáveis

Dito isso, abordemos o que nos toca em relação às toxicomanias. O que podemos extrair de mais importante para nossa investigação em Lacan, em toda sua elaboração sobre as leis da linguagem e a relação com o inconsciente, é que, o significante³⁶ introduz a dimensão da falta no sujeito³⁷, o que o define como “falta-a-ser”, que se coloca. É essa falta que o significante irá instaurar como marca. (LACAN, 1957,1958/1999).

Mais do que isso, para Lacan (1957,1958/1999), na dialética do significante, constata-se que alguma coisa não funciona e, ainda ele nos indica mais consequências desse atravessamento ao pontuar que, uma vez no campo simbólico³⁸, a relação do sujeito com os objetos é intermediada por essas leis da linguagem que estão em jogo, não há assim acesso direto a eles.

Por isso, atravessado pela linguagem, o sujeito não tem acesso à necessidade fisiológica, pois ela já é reformulada, modelada, transformada em demanda, ou seja, passa pela dimensão do Outro.

Da mesma maneira, o próprio objeto ele também é intermediado, não há junção entre ele e sua representação – como tentamos demonstrar em *das Ding*³⁹. Ou ainda, nas palavras de Lacan: “ele já não passa de um fragmento da realidade que representa” (LACAN, 1957,1958/1999, p.43). Isto é, ao entrar na linguagem, não

³⁶ Nesse ponto de sua obra, Lacan se dedica a analisar o significante “Nome-do-Pai” que é o suporte da cadeia significante, da lei e que possui papel fundamental no Complexo de Édipo.

³⁷ Lacan (1957,1958/1999) observa que esse processo é simbolizado na castração

³⁸ Entende-se aqui o campo simbólico como o Campo do Outro, o Outro da linguagem, o terceiro da comunicação.

³⁹ Importante lembrar da referência ao conceito de *das Ding* no capítulo anterior, no qual tentamos demonstrar o acesso ao objeto como impossível, um resto não simbolizável e que retomaremos adiante junto do conceito de pulsão de morte.

se tem acesso ao objeto, sendo o fracasso desse encontro estruturante para o sujeito.

Assim, Lacan (1957,1958/1999) ainda nos chama a atenção para a qualidade desse objeto que, no campo do sujeito, permanece inapreensível enquanto natural. Com isso, observa uma diversidade de objetos que se colocam no mundo humano e relaciona essa quantidade, dita abundante, à submissão do homem à linguagem (LACAN, 1957,1958/1999).

Diante disso, é importante destacar que Lacan coloca a análise como o que permitiu perceber :

a que grau de profundidade é levado o fato de o desejo humano não estar diretamente implicado numa relação pura e simples com o objeto que o satisfaz, mas estar ligado a uma posição assumida pelo sujeito na presença desse objeto e a uma posição que ele assume fora de sua relação com objeto, de tal modo que nada jamais se esgota, pura e simplesmente, na relação com o objeto (LACAN, 1957,1958/1999, p.331)

Assim, com a dimensão do fracasso fundamental do encontro do sujeito com o objeto e devido ao fato de que, não é possível um acesso do sujeito a esse objeto pelo seu atravessamento pela linguagem, coloca-se em nossa pesquisa a questão da satisfação.

Dessa forma, se optamos por explorar, em relação às toxicomanias, a dimensão desse sujeito que tem uma falta estrutural e um mal-estar, nossa pesquisa, até o momento, nos indica que o nosso percurso é pela economia do sujeito.

Ou seja, estejamos alertados sobre as diversas formulações de Lacan a respeito da íntima ligação entre a experiência de Freud na análise dos fenômenos do inconsciente⁴⁰ – e do desenvolvimento da linguística, principalmente no tocante ao trabalho de Saussure. No entanto, é preciso que tenhamos o cuidado de nos

⁴⁰ Sonhos, chistes, etc.

deter no que isso pode nos auxiliar para pensar o que estamos abordando nessa pesquisa.

Com isso, nesse início de capítulo, o que propomos foi uma pequena imersão no pensamento lacaniano acerca do funcionamento do inconsciente, a partir da linguagem, para que pudéssemos situar de fato, o que destacamos em relação ao desencontro fundamental entre sujeito e objeto. Dessa maneira, disso, destacamos o problema da satisfação do sujeito como uma questão a se investigar nesse capítulo.

Pretendemos então investigar os recursos freudianos para lidar com a experiência de descoberta do sujeito do inconsciente⁴¹ e, então avançar com Lacan acerca dos conceitos que Freud introduziu, tendo em vista a dimensão da linguagem como estrutural nesse campo.

Dessa forma, se o sujeito tem um funcionamento específico, que difere do funcionamento animal que responde as leis puramente biológicas, e se Freud foi capaz de localizar essa diferença em um sistema inconsciente, e não em uma pretensa racionalidade ou inteligência⁴², foi preciso dar um passo além: Freud então cunhou o conceito de pulsão.

É através desse conceito fundamental para a psicanálise e das consequências que Freud e Lacan vão poder elaborar acerca dele, que poderemos pensar de que forma as toxicomanias se relacionam com o funcionamento do sujeito do inconsciente que estamos colocando em questão aqui.

2.2 O conceito de pulsão em Freud

Até o ponto atual da pesquisa temos nos referido a ideia de “estímulo endógeno” ao aparato psíquico, ou ainda, empregamos o termo “energia”. Contudo,

⁴¹ Termo cunhado por Lacan

⁴² Ainda no seminário 5 (1957,1958/1999), Lacan observa: “Talvez, ele se distinga do animal por sua inteligência, mas talvez, nesse fato, a introdução das formulações do significante seja primordial” (LACAN, 1957,1958/1999, p.68)

é preciso dar um passo adiante na elaboração de Freud e, tendo em vista que o que tentamos demonstrar, ao longo desse percurso, era que o homem tem um funcionamento psíquico específico que o desnaturaliza, devemos adentrar no conceito de “pulsão”.

Não é possível avançar teoricamente sem que exploremos essa noção e as consequências que ela traz para a psicanálise. Foi em cima desse conceito que Freud articulou boa parte de sua teoria dinâmica e econômica do aparelho psíquico e é um instrumento importante em Freud, para lidar com as especificidades que encontrou ao se deparar com a dimensão inconsciente do sujeito.

Além disso, acreditamos que é através desse conceito, aliado à ideia de mal-estar na cultura, que poderemos tocar na questão das toxicomanias e da relação singular que cada sujeito estabelece com a droga. Afinal, se entendemos que tem algo do funcionamento do sujeito, de sua economia que se relaciona com o fenômeno, faz-se necessário que abordemos então os estímulos que Freud identificou, como tão importantes, no funcionamento psíquico.

Assim como o princípio do prazer e de realidade sempre estiveram presentes na obra freudiana e, somente em 1911 tiveram seus conceitos destrinchados em um texto, as “pulsões” são introduzidas no artigo “Os três ensaios sobre a sexualidade”, de 1905, e foram utilizadas por Freud desde então.

Inicialmente, em 1905, elas são introduzidas⁴³ ainda não referenciadas ao conflito pulsional, que abordaremos a seguir. Ou seja, no momento em que Freud nos apresenta o seu conceito de pulsão, de forma a articulá-lo, ela está relacionada à sexualidade⁴⁴ - não havendo outra pulsão que poderia fazer uma oposição a ela.

Assim, Freud já nos introduz esse conceito apresentando algumas das especificidades, as quais se dedicará a destrinchar apenas em 1915. Dessa forma, Freud, em 1905, nos aponta os seguintes elementos da pulsão: “Introduzamos aqui

⁴³ Encontramos ainda no seu texto “Estudos sobre a histeria” referências ao termo “pulsão” (FREUD, 1893, p.221). No entanto, em “Os três ensaios” aparece de forma mais consistente.

⁴⁴ Nesse momento, Freud ainda não aponta uma pulsão que faça oposição direta à pulsão sexual. No entanto, há outros elementos que fazem barreira à pulsão e que apresentaremos adiante quando abordarmos o conflito pulsional.

dois termos: chamemos de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele” (FREUD,1905, p.128)

Com isso, nota-se que a pulsão e seu objeto não possuem uma vinculação⁴⁵ tão forte quanto se poderia pensar. Ou seja, ela não depende dele para existir e ainda tem, em seu caráter, a possibilidade de grande variação de seus objetos. (FREUD, 1905)

Ainda, ele também indica que, na união dos genitais – o alvo sexual normal - a pulsão poderia se extinguir, ainda que temporariamente⁴⁶. Além disso, é nas pulsões sexuais que Freud encontra a origem das neuroses, entendendo que os sintomas expressam a vida sexual dos neuróticos (FREUD, 1905, p.155)

Dito isso, foi em 1915 que Freud dedicou um texto a esmiuçar o conceito de pulsão e apresentar suas especificidades. Em “Os instintos e suas vicissitudes”, ele detalha o conceito, diferenciando-o de instinto, de natureza biológica, e pontuando que se trata de, em suas palavras:

um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1915a ,p.127)

Ao iniciar o texto, Freud volta-se para a ciência e sua relação com os conceitos que a constituem e afirma, referindo-se à física, que não é possível ter rigidez no que diz respeito à definição dos conceitos básicos de um campo. (FREUD, 1915a). É nesse contexto então, que ele passa a se debruçar sobre a noção de “pulsão”.

Um ponto importante e que merece destaque é a distinção dos termos “pulsão” e “estímulo”. Para Freud (1915a), a pulsão pode ser caracterizada como um tipo de estímulo, mas é necessário pontuar a existências de outros estímulos que se

⁴⁵ Como mostramos brevemente no capítulo 1

⁴⁶ Problematizaremos a possibilidade da extinção da pulsão ainda nesse capítulo.

aplicariam à mente, mas não poderiam ser entendidos como pulsão, como os fisiológicos, por exemplo.

Com isso, ele prossegue de forma a distinguir a pulsão desses demais impulsos. Assim, Freud irá entender a pulsão como um estímulo que surge a partir do próprio corpo e não de movimentos exteriores.

Assim, ele (1915a) coloca como principais características do estímulo pulsional: a origem em fontes do organismo e a força constante⁴⁷ (não pontual ou cíclica). Além disso, outro ponto que vale o destaque é a impossibilidade de se fugir da pulsão, como se poderia fazer de outros estímulos, sendo necessário então, uma satisfação, ocorrida através de uma alteração na fonte desse estímulo. (FREUD, 1915a)

Retomando ao seu modelo de aparelho psíquico, Freud (1915a) relembra a função desse aparelho de tentar se livrar da energia, mantendo-a sempre no nível mais baixo possível. Nesse momento Freud afirma ainda, ao referir-se às pulsões:

estes⁴⁸ exigem muito mais do sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação (FREUD, 1915a, p.126)

Como visto anteriormente, essa idéia já estava de certa forma, presente no artigo “Projeto para uma psicologia científica” de Freud (1895), no qual é possível encontrarmos o conceito de “ação específica”⁴⁹, uma ação que deve ser realizada fora do organismo e que utiliza energia. Para que esse tipo de ação externa possa ser realizada, é preciso que o organismo tolere certa quantidade de estímulo, abandonando então a tendência à inércia.

⁴⁷ Freud já indicava o caráter constante da pulsão ao tratar dos rituais obsessivos em 1907: “Podemos pois, compará-lo a um conflito interminável; reiterados esforços psíquicos são necessários para contrabalançar a pressão constante do instinto” (FREUD, 1907, p.114)

⁴⁸ Relembrando que na tradução em questão “trieb” é traduzido como “instinto” e não como “pulsão”.

⁴⁹ Retomaremos o conceito de “ação específica”, com as contribuições de Lacan, ainda nesse capítulo, ao abordamos a temática da repetição. Por ora, a ênfase de que o organismo age no exterior para ter uma satisfação nos é suficiente.

Freud ainda refere-se ao princípio do prazer ao apontar que o aumento desse tipo de estímulo associa-se aos sentimentos desagradáveis, enquanto a diminuição dos estímulos tem relação com os sentimentos mais agradáveis (FREUD, 1915a).

Observa-se um esforço de Freud (1915a) em dismantelar a pulsão em seus elementos constitutivos, apontados a seguir:

- a pressão (DRANG), que se trata do fator motor e da exigência de trabalho que a força exige,
- a finalidade (Ziel), que é sempre a satisfação por via de eliminação do estado de tensão
- a fonte (Quelle), vista como um processo somático proveniente de algum órgão,
- o objeto (Objekt) definido da seguinte forma por Freud:

O objeto de um instinto é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto e originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. O objeto não é necessariamente algo estranho, poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo. Pode ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que o instinto sofre durante sua existência, sendo que este deslocamento do instinto desempenha papéis altamente importantes (FREUD, 1915a, p.128)

Assim, vale pontuar o que já trouxemos aqui⁵⁰ de forma a acentuar uma questão importante em nossa investigação. Freud (1915a), ao descrever o objeto da pulsão, destaca a variabilidade do objeto, não havendo então um objeto a priori para a pulsão, ainda que seja através dele que ela se satisfaça, ele não é dado anteriormente e é passível de modificações.

⁵⁰ Como vimos anteriormente, essa noção já é trazida por Freud em “Os Três Ensaio Sobre a Sexualidade” 1905.

Tendo em vista que pudemos realizar uma pequena descrição do que Freud definiu como pulsão, a partir da apresentação de suas características é preciso que apontemos uma dimensão que se fez presente em um grande período da obra de Freud e que se faz importante nessa pesquisa: a dimensão do conflito pulsional.

Dessa forma, com base na definição de pulsão realizada por Freud⁵¹, é possível destrinchar esse conflito em seus diversos momentos de acordo com o seu percurso

2.2.1 O primeiro conflito pulsional em Freud

Para que possamos pensar o conflito pulsional e o que ele pode nos orientar no que diz respeito à investigação em curso sobre o sujeito e as toxicomanias, cabe apontar a observação de Garcia-Roza (1995) sobre essa dimensão, que pode ser compreendida como a dimensão dinâmica do aparelho psíquico de Freud.

Assim, deve-se entender acerca desse conflito que, ao longo das modificações que ocorreram na obra de Freud, ele sempre deu espaço para um lugar do não-sexual (GARCIA-ROZA, 1995). Ou seja, ainda que sem formular uma pulsão que pudesse servir de oposição à sexual, Freud sempre mostrou que a pulsão sexual não é sem uma oposição.

Por exemplo, se foi possível destacar que em 1905 as pulsões são apresentadas como diretamente ligadas à sexualidade e que, ainda que não se tenha formulado, em Freud, as pulsões de autoconservação, ele nos aponta que a pulsão sexual não é única, ela encontra barreiras, um conflito:

Do estudo das perversões resultou-nos a visão de que a pulsão sexual tem de lutar contra certas forças anímicas que funcionam como resistências, destacando-se entre elas como máxima clareza a vergonha e o asco. (FREUD, 1905, p.153)

⁵¹ Realizaremos uma abordagem do que Lacan nos traz a respeito desse conceito mais adiante nesse capítulo

Será que é possível afirmar que nesse momento já se poderá indicar o início de um conflito, talvez o gérmen do conflito pulsional? Antes de tentar responder uma pergunta como essa, cabe ficar com isso que trouxemos: há em Freud um lugar para o que não é da ordem da sexualidade. Se ele nota um indício disso em 1905, é somente em 1910⁵² que essa questão se coloca de forma mais elaborada, ao cunhar o termo “pulsão de autopreservação”.

Dessa forma, é possível afirmar que, assim como no que se refere ao princípio do prazer e princípio de realidade, o dualismo também se coloca em relação às pulsões na obra de Freud. Inicialmente, isso se dá com as pulsões de autopreservação e depois, com a pulsão de morte, sendo ambas, pulsões que se colocam em oposição às pulsões sexuais ao longo desse percurso.

No caso das pulsões sexuais, elas estão colocadas até 1920 em oposição as pulsões de autoconservação, que indicam a ideia de autopreservação do sujeito e ao conflito com as exigências da sexualidade (FREUD, 1915a). Ainda, as pulsões sexuais estariam, para Freud, submetidas ao princípio do prazer, enquanto as pulsões de autoconservação ao princípio de realidade (FREUD, 1911).

Em seu artigo sobre o Narcisismo (1914a), Freud afirma haver uma diferença entre o que chama de “pulsões sexuais” e pulsões do Eu⁵³, que se relacionariam em forma de conflito e que, essas últimas, teriam uma energia que não seria sexual.

Assim, Freud (1915a) irá dizer ainda sobre as pulsões sexuais:

Isso é tudo que pode ser dito à guisa de uma caracterização geral dos instintos sexuais. São numerosos, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a consecução do “prazer do órgão”, somente quando a síntese é

⁵² É no texto “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (1910) que encontramos o termo “pulsão de autopreservação” cunhado pela primeira vez. Nessa edição – Inglesa, Strachey – o editor nos traz ainda uma carta escrita por Freud, por volta de 1921, que dentre outras coisas, Freud afirma “Ao contrário, eu sempre declarei e repeti com a maior clareza, em relação às neuroses de transferência, que eu fazia uma distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego e que, no que me diz respeito, a ‘libido’ significa apenas a energia dos primeiros, dos instintos sexuais” (FREUD, 1910, p.224)

⁵³ Nesse momento o Freud reserva às pulsões sexuais, uma dimensão ligada aos objetos. Enquanto que as pulsões de autoconservação seriam provenientes do eu.

alcançada é que eles entram em serviço da função reprodutora, tornando-se identificáveis, de modo geral como instintos sexuais. (FREUD, 1915a, p.131)

Para ele (1914a), as pulsões sexuais surgiriam ligadas às pulsões de autoconservação, separando-se apenas depois na escolha objetal. Além disso, afirma que parte delas permanece associada às pulsões de conservação pelo resto da vida. Ainda, as pulsões sexuais se distinguiriam por mudarem de objetos com facilidade (FREUD, 1915a).⁵⁴

O conflito pulsional não se mantém dessa forma na obra de Freud. Em 1920, em seu artigo “Além do princípio do prazer” ele introduz a noção de “pulsão de morte” que assume o lugar de oposição às pulsões sexuais e que, abordaremos a seguir.

No entanto, alguns autores⁵⁵ já encontram, em textos anteriores ao de 1920, elementos que indicariam essa mudança do conflito pulsional para Freud. O seu artigo sobre o narcisismo, escrito em 1914(a), poderia ser considerado um dos primeiros momentos de transição do conflito inicial (pulsão sexual/pulsão de autoconservação) para o que se manteve até o fim da sua obra, pulsões de vida/pulsões de morte (GARCIA-ROZA, 1995).

É nesse artigo que seria possível identificar que, as formulações de Freud sobre as pulsões de autoconservação, como contraponto das pulsões sexuais, chegam a um impasse: Freud afirma que originalmente o eu é investido libidinalmente e que, posteriormente esse investimento é repassado aos objetos (FREUD, 1914a).

Dessa forma, se o eu também passa a ser sexualizado, fica esvaziado o espaço para o não-sexual (GARCIA-ROZA, 1995). Assim, em sua elaboração teórica sobre o narcisismo, Freud acabaria por ameaçar o dualismo que sustentava o conflito pulsional.

⁵⁴ É importante pontuar aqui, ainda que não nos detenhamos nessas observações, que Freud aponta destinos para as pulsões sexuais. São eles: A reversão em seu oposto, o retorno em direção ao próprio eu, o recalque e a sublimação. (FREUD, 1915a).

⁵⁵ Garcia-Roza por exemplo se estende sobre o assunto em seu livro sobre a metapsicologia freudiana (1995).

No entanto, ainda que observemos essa hipótese, de que esse conflito já se encontra ameaçado em 1914, é somente em “Além do princípio do prazer” (1920) que a mudança se dá de fato para a forma com a qual o dualismo é entendido hoje.

Mais do que isso, o próprio Freud, em 1922 por exemplo, reconhece a natureza libidinal das pulsões de autoconservação. No entanto, segundo ele, em contraponto à teoria de uma energia monista em Jung, o fato de essa pulsão ser libidinal não quer dizer que não existam outras em questão.

Porém, antes de avançarmos para o segundo, e definitivo, momento do conflito pulsional, cabe destacar alguns pontos em relação às pulsões de autoconservação, principalmente devido ao fato de que Freud não se debruçou sobre elas como o fez sobre as pulsões sexuais.

O próprio Freud reconhece a dificuldade dessa formulação. Em 1922, ou seja, após ter abandonado esse conflito inicial, ele afirma que a natureza dessas pulsões permaneceu indefinida (FREUD, 1922, p.271). No entanto, fiquemos com a seguinte afirmação:

Esses fatos podiam ser encontrados traçando-se um contraste entre os instintos sexuais e os instintos do ego (*instintos de autopreservação*), o que estava de acordo com o dito popular de serem a fome e o amor que fazem o mundo girar: a libido era a manifestação da força amor, no mesmo sentido que a fome o era do instinto autopreservativo (FREUD, 1922, p.271).

Para o que se propõe aqui, essa definição é suficiente para avançar. Mais do que isso, se levarmos em consideração esse momento do conflito pulsional apenas torna-se difícil pensar o fenômeno das toxicomanias à luz desse dualismo. Dessa forma, não há necessidade de buscar em outros psicanalistas uma tentativa de uma definição dessa pulsão que nos seja mais clara.

Afinal, o próprio Freud não o fez. Assim, prossigamos em relação ao segundo momento do conflito pulsional, no qual o dualismo que se coloca é entre pulsões de vida e pulsões de morte. É a partir desse ponto do percurso de Freud que poderemos explorar com mais consistência o que acontece com o sujeito que se torna toxicômano.

2.2.2 Pulsão de morte e repetição

Como visto anteriormente, em Freud é possível dividir o conflito pulsional em dois momentos. Assim, é em 1920, em seu artigo “Além do princípio do prazer” que se inicia o segundo e definitivo momento do dualismo pulsional: pulsão de morte e pulsão de vida.

Desde o início do artigo, Freud coloca em questão a dominância do princípio do prazer no aparelho psíquico. Ele relembra a hipótese, apresentada aqui, de que o aparelho psíquico tende a tentar diminuir a quantidade de excitação.⁵⁶ E assim o aumento da excitação seria considerado desagradável.

Todavia, Freud (1920) aponta que se a dominância desse princípio do prazer ocorresse, a maioria dos processos mentais seria prazerosa, fato este que não acontece. Dessa forma, ainda no começo do texto, Freud já reposiciona essa hipótese da dominância: poderíamos no máximo, falar de uma tendência do aparelho psíquico, mas que devemos levar em conta as forças que se opõem a isso, de forma que no final das contas, nem sempre o que se alcança é o prazer.

Assim, Freud parte em sua investigação acerca dessas sensações desagradáveis. Nesse percurso retoma o dualismo princípio do prazer e princípio de realidade. E, aponta que os momentos em que o princípio de realidade⁵⁷ substitui o de prazer não podem ser responsáveis por toda a ocorrência de processos desagradáveis.

Desta maneira, Freud pontua que as formas conhecidas responsáveis pelas sensações desagradáveis não chegam a explicar grande parte dos processos de desprazer. E parte então, a investigar que processo desconhecido poderia ser responsável. Para isso, ele investiga as neuroses traumáticas⁵⁸ e a brincadeira de uma criança que afirma ser próxima.

⁵⁶ O que Freud (1920) afirma ser uma forma de descrever o princípio do prazer

⁵⁷ Como já abordamos anteriormente, cabe apenas lembrar que o princípio de realidade é responsável, em Freud, pelo adiamento do prazer e por suportar sensações desagradáveis (FREUD, 1920).

⁵⁸ Freud depara-se aqui com o conceito de repetição que abordará nesse capítulo.

Como não se faz relevante detalhar cada momento desse texto de Freud, falemos inicialmente apenas deste último caso. Freud (1920) observa a brincadeira de um menino que costumava arremessar um carretel por cima de sua cama. Quando o fazia, falava um som próximo da palavra “*fort*”⁵⁹. Depois o puxava e recebia o objeto com um “*da*”⁶⁰.

Freud então observa que nesse jogo do *Fort-Da*, o que o menino mais fazia era o arremesso do objeto. No entanto, ele festeja mais quando o objeto reaparece.

Sobre tal brincadeira, Freud relaciona à experiência de saída e retorno da mãe e então, passa a se perguntar como a realização do brincar poderia se relacionar com o princípio do prazer, uma vez que a experiência de saída da mãe não deveria ser agradável para o menino.

Um ponto importante que ele aponta sobre esse jogo é que, ao repetir essa experiência em forma de brincadeira, o menino sai de uma posição passiva e vai para uma ativa, por mais que ainda fosse uma experiência desagradável (FREUD, 1920).

Assim, Freud nos introduz aqui a dimensão de repetição, mas nesse momento, indica uma ideia de elaboração, de transformação dessa experiência desagradável em agradável.

Ainda que o tenha identificado apenas dentro do contexto do setting analítico, Freud já havia se deparado anteriormente com o fenômeno de repetição. Em “Repetir, Recordar e Elaborar” (1914b), Freud identifica em análise, pacientes que não conseguem recordar o que esqueceram mas que então repetem, como afirma a seguir:

Se nos limitarmos a este segundo tipo, a fim de salientar a diferença, podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação, ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo. (FREUD, 1914b, p.165)

⁵⁹ Tradução: ir, partir (FREUD, 1920).

⁶⁰ Tradução: ali (FREUD, 1920).

É nesse momento então que Freud (1914b) nos aponta o conceito de repetição, no entanto, tal termo encontrava-se restrito ao contexto de um tratamento e é somente em 1920 que ganha grande destaque na psicanálise.

Repete-se assim, situações desagradáveis que em nenhum momento foram capazes de gerar prazer. Freud aponta que essas repetições são atividades de pulsões que tenderiam a levar à satisfação mas, que só levaram ao desprazer e ainda sim, continuam a se repetir de forma compulsiva.

Fora do setting analítico, Freud (1920) aponta para o que acontece também com pessoas dita normais, que muitas vezes tem relações que chegam sempre ao mesmo resultado e cita exemplos: o benfeitor que é abandonado, o homem que sempre é traído por suas amigas, etc. (FREUD, 1920, p.33).

Assim, nos diz Freud:

se levarmos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar (FREUD, 1920, p.33)

Com isso, ele aceita que, no que diz respeito às neuroses traumáticas, os sonhos⁶¹ não refletem uma dominância do princípio do prazer e sim, respondem a outra ordem, a compulsão à repetição, apontando para uma idéia de um além do princípio do prazer.

Nesse artigo então, Freud afirma que a compulsão à repetição tem um traço pulsional. Dessa forma, ele nos remete a uma associação essencial entre a repetição e o caráter das pulsões, que identifica como conservador - e não como um elemento que leva à mudança ou ao desenvolvimento, como se poderia pensar. Ou seja, a repetição caracteriza uma expressão conservadora da pulsão (Freud, 1920).

⁶¹ Nas neuroses traumáticas identificou-se a repetição de sonhos de angústia e Freud (1920) no início do artigo em questão discute se eles seriam ou não a realização de desejos.

Com isso, Freud pontua que as pulsões tendem à “restauração de um estado anterior das coisas” (FREUD, 1920, p.48). Apresentada como hipótese, ele pontua então que o que se busca é um antigo objetivo que poderia ser procurado tanto por caminhos novos quanto por velhos. Concluindo então, que o objetivo de toda a vida seria a morte (FREUD, 1920, p.49).

Freud observa ainda que: “toda modificação, assim imposta ao curso da vida no organismo, é aceita pelos instintos orgânicos conservadores e armazenada para ulterior repetição”. (FREUD, 1920, p.48,49). Tal nota nos faz lembrar do conceito de facilitação⁶², apresentado por ele em o “Projeto” de 1895, que ele empregou em sua formulação do aparelho psíquico.

Esse caráter conservador das pulsões é, em determinado momento⁶³, estendido inclusive para as pulsões sexuais por resistirem às influências externas e por ainda, conservarem a vida. A respeito delas, Freud (1920) as compara com as células germinais de um organismo vivo, demonstrando assim que em sua hipótese de um organismo que pretende chegar à morte, nem todos os elementos estão de acordo. Alguns, no caso as pulsão sexuais, lutariam contra ela.

Ainda, à parte da descrição desse novo dualismo, cabe destacar que nessa nova perspectiva as pulsões de autoconservação, que Freud acreditava como opostas às pulsões sexuais, perdem sua importância ao se observar que o que organismo deseja é a morte.

Elas não deixam de existir no pensamento freudiano, mas assumem uma posição menor, e sua atuação resume-se a fazer com que organismos morram, mas por sua própria maneira⁶⁴ (FREUD, 1920). Além disso, Freud reconhece seu caráter libidinal e as coloca ao lado das pulsões sexuais formando o que entenderá como pulsões de vida, ou Eros que conserva a vida (FREUD, 1920).

Retornando às pulsões sexuais, é em uma nota de rodapé que Freud irá afirmar uma importante diferenciação dessas pulsões em relação às pulsões de

⁶² Trabalhamos esse conceito no capítulo 1 e o retomaremos ainda nesse capítulo quando abordamos a contribuição de Lacan ao conceito de “pulsão” e “repetição”

⁶³ Ainda nesse artigo Freud diz que é somente em relação às pulsões do ego que tal afirmação pode ser feita.

⁶⁴ Assim, Freud (1920) justifica como organismo luta pela vida em determinadas situações.

morte. Escrita três anos após o artigo, ele afirma: “Contudo, é somente a eles que podemos atribuir um impulso interno no sentido do ‘progresso’ e do desenvolvimento superior” (FREUD, 1920, p.51).

Dessa forma, pode-se afirmar, segundo o pensamento freudiano, que as pulsões tendem inicialmente a restaurar o estado anterior das coisas, a destruir, sendo então apenas as pulsões sexuais que são capazes de fazer um movimento contrário, na direção da vida.

Ainda no texto, Freud (FREUD, 1920) recorre as teorias biológicas a fim de auxiliar em sua investigação. Dessa forma, compara sua elaboração teórica das pulsões à teoria de um autor da época⁶⁵ que divide o organismo em uma parte mortal – o corpo - e outra imortal - células germinativas.

Assim, com esse exemplo Freud (1920) se esforça em resumir esse dualismo: de um lado está a pulsão de morte – que tenta conduzir o que está vivo à morte- de outro estão as pulsões sexuais – que tentam sempre a renovação da vida.

Da biologia, Freud recorre à filosofia ao evocar uma citação de Schopenhauer que aponta a morte como o propósito da vida. E então coloca a pulsão sexual como “a corporificação da vontade de viver” (FREUD, 1920, p.61).

Novamente, uma observação de Freud (1920) que devemos notar é que ainda que pontue sua posição de que o campo das pulsões é um campo dualista, ele nos diz, ao mesmo tempo, que é preciso supor que a pulsão de morte está associada, desde o começo, às pulsões de vida.

Finalmente, uma de suas conclusões é que muitos processos mentais ocorrem de forma independente do princípio do prazer – e não necessariamente de forma oposta- ou seja, tais processos não estão submetidos a esse princípio.

Com isso, para concluir Freud assinala que o princípio do prazer estaria a serviço da pulsão de vida, pois ele estaria guardando o aparelho psíquico de maior excitação – o que Freud afirma ser o que a pulsão de vida produz:

⁶⁵ O autor e sua obra são citados por Freud no corpo de seu texto, mas não o exploramos aqui porque o que nos interessa nesse ponto é a leitura que Freud faz de sua teoria. De qualquer maneira, a título de ilustração reescrevemos as referências dadas por Freud: Weismann (1882,1884,1892)

Outro fato notável é que os instintos de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna, surgindo como rompedores da paz e constantemente produzindo tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao passo que os instintos de morte parecem efetuar seu trabalho discretamente. (FREUD, 1920, p.74)

Frente a uma transformação de tamanha magnitude em sua teoria, Freud (1920), cunha a expressão “princípio de Nirvana” como uma tendência para reduzir ou manter constante⁶⁶ a excitação.

Facilmente tomado como sinônimo do princípio do prazer no entanto, tal aproximação não se confirma já que, Freud (1924b⁶⁷) irá afirmar que o princípio de nirvana expressa a tendência das pulsões de morte enquanto o princípio de prazer expressaria as exigências da libido.

Assim, cabe ao princípio de Nirvana tentar manter a excitação o mais baixa possível, e, até mesmo remover a excitação. Já ao princípio do prazer compete a regulação da excitação. Ainda, cabe destacar que Freud (1924b) afirma que não necessariamente o desprazer está ligado a um aumento da excitação, ou o prazer ligado ao alívio. Haveria excitação prazerosa, como a sexual por exemplo.

Para concluir, constata-se que os fenômenos de compulsão à repetição podem ser relacionados com a pulsão de morte e principalmente, com o caráter conservador da pulsão que faz com haja uma tendência, ou melhor, uma tentativa de restaurar o estado anterior das coisas.

Com isso, a partir desse estudo do texto de Freud é possível pensar os casos de toxicômanos que encontramos diariamente na clínica. A compulsão a repetição nos remete às falas de Francisco, que não associa suas recaídas a nenhum evento.

⁶⁶ Cabe recordar aqui a similaridade com o princípio da inércia do aparelho psíquico, que apresentamos no capítulo 1.

⁶⁷ Nesse mesmo texto, Freud afirma que as pulsões de vida poderiam, de certa forma, amansar as pulsões de morte, dirigindo essa pulsão- também chamada de agressiva ou destruidora – para os objetos externos.

Segundo ele, um usuário de drogas com um histórico de uso pesado de cocaína, não há um evento que desencadeie a vontade de fazer o uso: “Eu não sei de onde vem. Me dá um negócio, uma vontade que eu não consigo nem pensar”, me conta, ao relatar um momento em que estava no ônibus indo para um compromisso de trabalho e desceu atrás da primeira boca de fumo que encontrou.

Será que a ideia apresentada por Freud, inicialmente a partir da noção de facilitação, em o Projeto (1895), e posteriormente com a noção de uma busca por retomar estados antigos, faz com que seja possível pensar esse tipo de uso que, como afirma esse mesmo rapaz, já não lhe traz mais prazer?

Pois, ao mesmo tempo que apontamos essa constatação de Francisco - que o uso de cocaína já não lhe traz mais prazer - em outro momento, indicamos uma outra fala muito comum na clínica: a de que depois do primeiro uso de cocaína, busca-se sempre repetir essa primeira sensação prazerosa, sem sucesso⁶⁸.

Creio que, inicialmente com o conceito de facilitação e agora, com o de repetição estamos conseguindo nos aproximar do que podemos encontrar no funcionamento do sujeito que se relaciona com o engendramento de um uso intenso de drogas.

Com o aporte do pensamento lacaniano sobre pulsão e repetição, a partir do atravessamento do sujeito pela linguagem, será possível nos aproximar ainda mais da nossa questão.

2.3 Lacan e o circuito pulsional

Tendo em vista a passagem que fizemos pelos textos, nos quais Freud aborda o conceito de pulsão e o dois momentos do dualismo pulsional, entendemos que Lacan poderá nos auxiliar a situar melhor o que está em questão no funcionamento pulsional do sujeito e que diz respeito a nossa pesquisa.

⁶⁸ Indicamos essa fala no primeiro capítulo.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar o que introduzimos no começo do capítulo acerca da importância de localizarmos a noção de sujeito, ou mais especificamente, de sujeito do inconsciente enquanto atravessado pela linguagem. Como dissemos, é pelos efeitos da incidência do significante que o sujeito se constitui, sendo o inconsciente “a soma dos efeitos da fala” (LACAN, 1964/ 2008, p.126).

Assim, a partir da contribuição lacaniana sobre a linguagem foi possível retomar⁶⁹ a teoria freudiana a respeito das pulsões, tendo como base a articulação que a dimensão pulsional tem com a linguagem.

Dessa forma, Lacan (1964/2008) introduz dois pontos importantes a serem abordados aqui: a ideia de um circuito pulsional e a pulsão enquanto articulada à dimensão da demanda do Outro da linguagem.

E, se em Freud (1912b)⁷⁰ já é possível encontrar elementos que demonstram que a questão da satisfação da pulsão não se define de forma harmônica, Lacan, em seu seminário 11 (1964/2008), irá pontuar que o conceito de pulsão se faz relevante para colocar em jogo o que é a satisfação.

Para se aproximar dessas questões Lacan (2008) irá assim ao conceito de pulsão parcial cunhado por Freud (1905) para definir uma pulsão proveniente de uma excitação de uma certa zona erógena.

Cabe notar que, nesse seminário, Lacan (1964/2008) trabalha o que considera os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. São eles: o inconsciente, a transferência, a repetição e a pulsão. Tendo em vista que esses dois

⁶⁹ Um ponto importante da análise de Lacan dos textos freudianos é que o ele os examina a partir de sua concepção de três registros: O Real, o Imaginário e o Simbólico (RSI). Assim como o conceito de gozo – que trabalharemos pontualmente aqui – o RSI passou por transformações teóricas ao longo da obra de Lacan, sendo necessária uma investigação própria, caso quiséssemos chegar a algo próximo de uma definição de o que se trata em cada registro. No entanto, uma breve e incompleta conceituação, mas que nos sirva para operar de forma básica com esses conceitos, já nos basta. Dessa forma, ficamos com a elaboração de Coutinho Jorge (2005) que, a partir de Lacan, nos define o real como aquilo que escapa, que é impossível de ser simbolizado, como o que remete à falta originária, não se confundindo com a realidade, que se trata de uma montagem entre simbólico e imaginário. Já o simbólico é que produz o lugar do sujeito falante, sendo a palavra o símbolo. De resto, o imaginário diz respeito à relação com o outro.

⁷⁰ Freud nos diz: “Por mais estranho que pareça, creio que devemos levar em consideração a possibilidade de que algo semelhante a natureza do próprio instinto sexual é desfavorável à realização da satisfação completa” (FREUD, 1912b, p.194)

últimos termos interessam diretamente à nossa pesquisa, optamos por recortar o que o pensamento lacaniano acrescenta para nossa investigação.

Dito isso, Lacan (1964/2008) retoma os quatro elementos da pulsão⁷¹ elaborados por Freud (1915a) e, antes de avançar, faz uma distinção entre impulso e pulsão, afirmando que esta última não se resume ao seu *Drang*. Além disso, para ele o que chama atenção na concepção de Freud é que tal impulso – ou excitação – se faz de forma interna e de forma constante.

Esses pontos nos remetem a duas consequências importantes: a partir da noção de uma força constante Lacan mostra que a pulsão não é uma operação biológica. Em outras palavras, tais observações colocam a pulsão fora do campo da necessidade, não se tratando de satisfazer a fome ou a sede, como nos exemplifica Lacan (1964/2008).

Assim, por exemplo, no que diz respeito à finalidade biológica da sexualidade – a reprodução – as pulsões só se apresentam enquanto parciais (LACAN, 1964/2008). A participação da sexualidade na vida psíquica só se dá em conformidade com a estruturação inconsciente e não a partir de determinações biológicas.

Ele aponta que se a pulsão consegue se satisfazer mesmo sem chegar à uma totalização biológica de uma satisfação pela finalidade da reprodução, isso se dá porque ela é parcial e o seu alvo é o retorno em circuito (LACAN, 1964/2008).⁷²

Dessa forma, essa ideia de circuito coloca a satisfação da pulsão de outra forma, a reposiciona. Sua satisfação não se dá no acesso ao objeto e sim no próprio circuito daquilo que Lacan irá conceber como objeto *a*.

⁷¹ Já trabalhamos esses quatro elementos nesse capítulo ao abordar a teoria freudiana. São eles: Pressão (*Drang*), finalidade ou alvo (*Ziel*), fonte (*Quelle*) e objeto (*Objekt*).

⁷² Nesse período de sua obra, Lacan já apresentou o seu conceito de objeto *a* (introduzido em seu seminário 10 – a angústia). Entendemos que essa pesquisa se faz possível sem que tenhamos que nos dedicar à conceituação desse termo, tendo em vista o grande percurso teórico empreendido por Lacan até chegar à sua formulação. Assim, fiquemos com o que Lacan elaborou do objeto *a* nesse momento, ao analisar a pulsão oral: (...) “este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo.” (...) “ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante” (LACAN, 1964/2008, p.176,177)

Assim, o caráter circular da pulsão, em torno desse objeto e não com um acesso direto a ele, nos remete à repetição. Afinal, se não há uma satisfação total em relação à satisfação que é exigida pela pulsão (FREUD, 1920), isso nos remete de novo ao encontro faltoso com objeto.

Mas antes de avançar apresentemos algumas questões apontadas por Lacan (1964/2008) acerca do problema da satisfação. Assim como Freud ele também nos indica que não há um objeto que seja capaz de satisfazer a pulsão, pois “a pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz” (LACAN, 1964/2008, p.165). Além disso, é importante destacar que Lacan se posiciona de forma a afirmar que o último termo de toda pulsão é a morte (LACAN, 1964/ 2008, p.174).

Ao abordar essa questão, ele apresenta a noção de “satisfação paradoxal da pulsão” (LACAN, 2008, p.164), na qual a pulsão sempre se satisfaz. E, ainda que o faça pelo desprazer é a lei do prazer que é satisfeita. Porém, observa:

é claro que aqueles com quem temos que tratar, os pacientes, não se satisfazem, como se diz, com o que são. E, no entanto, sabemos que tudo o que eles são, tudo que eles vivem, mesmo seus sintomas, depende da satisfação. (LACAN, 1964/2008, p.164)

E complementa:

Eles não se contentam com seu estado, mas estando nesse estado tão pouco contentador, eles se contentam assim mesmo. Toda a questão é justamente saber o que é esse se que está aí se contentando (LACAN,1964/ 2008, p.164).

Assim, é possível constatar que o alvo da pulsão é atingido, ainda que às custas do sofrimento do sujeito. Trata-se de uma satisfação que, de uma maneira ou de outra, a pulsão alcança. No entanto, nenhum objeto pode satisfazer a pulsão e, mais do que isso, a satisfação é paradoxal, como ressalta Lacan, na medida em

que esta satisfação não exclui, mas não se reduz absolutamente ao âmbito do prazer.

Dessa forma, acreditamos que encontramos um caminho para pensar o fenômeno das toxicomanias. A fala de Francisco, mencionada anteriormente, acerca de não sentir mais prazer com a cocaína, ainda que faça uso dela pode nos indicar, na clínica, algo desse circuito pulsional. Há uma satisfação, ainda que às custas do sofrimento.

Podemos então reafirmar os seguintes pontos da contribuição de Lacan (1964/2008): a ideia de um circuito pulsional nos mostra o funcionamento da compulsão à repetição. Esta, por sua vez, como veremos, remete sua presença no sujeito à impossibilidade de um encontro com o objeto que seja harmônico. Ou seja, há uma pulsão que nunca se satisfaz no objeto e sim no circuito.

Se retornarmos ao seu seminário 7, Lacan (1959,1960/1997) aponta a diferença que há, no homem, entre os seus anseios e o que acontece quando o desejo toma o caminho para se realizar. Assim, em relação ao que o sujeito persegue, é de um caráter de redução o que ele consegue (LACAN, 1959,1960/1997, p.57).

Retomando o conceito de *das Ding*⁷³, Lacan o situa fora do campo da cadeia significante, ainda não seja sem ligação com ela (LACAN, 1959,1960/1997). Ou melhor, se *Sache* diz respeito às coisas que estão no mundo, que o homem coloca no mundo a partir da linguagem, *das Ding* estaria em outro lugar: “*das Ding* é originalmente o que chamaremos de o fora-de-significado.” (LACAN, 1959,1960/1997, p.71)

No campo das representações, A Coisa se apresenta em sua ausência, como alheia. É em torno dela, de sua função que Lacan irá entender que se estabelece uma gravitação das representações, ou seja, é em torno disso que se apresenta

⁷³ Trabalhamos inicialmente com esse conceito no capítulo 1: Assim, faz-se interessante recuperar a seguinte citação de Lacan, a fim de situar o leitor acerca do conceito: “O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas as de prazer, é nesse estado de ansiar por ele e de esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção nem esforço” (LACAN, 1959,1960/1997, p.69).

como nada (LACAN, 1959,1960/1997). Assim, ao mesmo tempo em que está no centro das relações significantes que estão em volta dela, *das Ding* também deve ser entendida como exterior (LACAN, 1959,1960/1997).

Nesse momento, Lacan introduz não só a questão da repetição como também a dimensão do real que está em jogo, ao afirmar o que é a exigência de *das Ding*: “encontrar o que se repete, o que retorna e nos garante retornar ao mesmo lugar” (LACAN, 1959,1960/1997, p.96). Mais, ao entrar no campo d’A Coisa, Lacan (1959,1960/1997) se refere ao sujeito não só como o sujeito mediado pelo significante, mas também faz referência a algo que há por trás desse sujeito.

Ainda, ele observa que o campo das pulsões e *das Ding* é próximo. E, ao apontar a questão conflituosa do homem com a satisfação afirma que é essencial que *das Ding* intervenha pois, para seguir o caminho do prazer é preciso contorná-lo.(LACAN, 1959,1960/1997, p.121).

Assim, as representações são reguladas pelo princípio do prazer, mas Lacan se remete a um estado de busca, de uma espera que seria de *das Ding*, que está mais além (LACAN, 1959,1960/1997). Inclusive, ele nos chama a atenção a respeito do quão insuportável seria o extremo do prazer, o acesso a Coisa.

Com isso, uma vez colocada a questão dessa busca pelo objeto perdido, nosso caminho para o prazer não é orientado por alguma noção de Bem, ou seja, nosso prazer não é mediado eticamente em relação a uma regra real (LACAN, 1959,1960/1997).

Mais do que próxima à dimensão pulsional, *das Ding* se aproxima, principalmente, da descoberta freudiana da pulsão de morte e de um além do princípio do prazer. Nesse sentido, Lacan afirma que:

Nem o prazer nem as tendências organizadoras, unificadoras, eróticas da vida de modo algum bastam para fazer do organismo vivo, das necessidades e precisões da vida, o centro do desenvolvimento psíquico (LACAN, 1959,1960/1997, p.131).

Assim, Lacan entende a Coisa como algo real que padece da relação com o significante. E, se a cadeia dos significantes está referenciada ao princípio do prazer, a Coisa está definitivamente no mais além. Mais do que isso, se o princípio do prazer busca evitar o excesso ou “o prazer em demasia” (LACAN, 1959,1960/1997, p.71), a Coisa está fora dessa regulação.

Com a ideia de uma satisfação que está além do princípio de prazer Lacan (1959,1960/1997) concebeu conceito de gozo⁷⁴ através do qual ele elabora a concepção de que a satisfação de uma pulsão não necessariamente é prazerosa.

Silva (2007), em seu trabalho sobre a repetição e a partir de referências do pensamento lacaniano, nos auxilia a relacionar o conceito de gozo com o de repetição. Segundo ele:

O sujeito se constitui a partir do gozo interdito, perda que é condição para entrada na linguagem na medida em que engendra a demanda ao Outro. Por outro lado, o gozo não pode se resolver, portanto, só pode se repetir. É, pois, em relação ao gozo que o sujeito se constitui no cerne da repetição. (SILVA, 2007, p.103)

Ou seja, como já afirmado anteriormente, observa-se no sujeito a ânsia de encontrar esse objeto perdido, a Coisa, campo que Lacan aproxima da pulsão de morte (Lacan, 1959,1960/1997). Como invariavelmente fracassa, visto que ele é impossível, o sujeito repete.

Dessa forma e em relação ao seminário 7 de Lacan (1959,1960/1997) fiquemos com esse ponto: o campo de das Ding indica um campo além do princípio do prazer e, com isso, aponta para uma satisfação que não responde a este princípio. Ainda, se esse princípio barra um excesso, no campo de A Coisa essa barreira não se coloca.

⁷⁴ Conceito este que sofreu diversas transformações ao longo da obra de Lacan. Dessa forma não seria proveitoso realizar em nossa investigação uma análise sobre o percurso desse conceito da obra lacaniana. Jacques-Alain Miller (2012) em “Os seis paradigmas do gozo” realizou esse estudo e tal texto pode servir de consulta. No entanto, para essa pesquisa, ainda que seja um conceito ao qual nos referimos e que tem determinada importância, faremos uma definição breve, a partir da qual poderemos avançar.

Constatamos então, a partir de Freud e Lacan que na dimensão pulsional do sujeito, ao contrário do que se poderia pensar até 1920, encontra-se uma dominância da pulsão de morte. Pois, ainda que seu trabalho, como vimos em Freud, seja mais silencioso, Lacan nos mostra que no fim das contas é para a morte que a pulsão aponta.

Em vista do que foi exposto, encerramos esse capítulo após um esforço de tentar situar a constituição do sujeito na sua dimensão do fracasso com o encontro com o objeto. Mais do que isso, nossa intenção sempre foi abrir um campo teórico para que, ao abordar as toxicomanias, pudéssemos implicar o sujeito na questão.

Assim, pretendemos no capítulo 3 introduzir a questão do mal-estar na cultura, para então abordarmos diretamente às toxicomanias.

Capítulo 3 – MAL-ESTAR E TOXICOMANIAS

Iniciamos esse trabalho com a fala de Mário: “No final das contas, eu acho que eu bebia para não me matar”. Foi a partir dela, que serviu com um ponto de partida para essa investigação, que optamos por pesquisar o fenômeno das toxicomanias a partir da dimensão do mal-estar do sujeito, tanto no que diz respeito à sua relação conflituosa com a sociedade, quanto em seu encontro fracassado com o objeto.

Atendido duas vezes por semana por um longo período, Mário, que chegou recentemente aos 50 anos, perdeu sua família em um acidente quando era adolescente. Na época, já bebia ocasionalmente com os amigos da escola. No entanto, o uso foi se intensificando. Depois, na faixa dos 20 anos, experimentou a cocaína. Gostou e assim, foi traçando um percurso de relação intensa com a droga. Anos depois, em atendimento e sem usar há alguns anos, ele se dispôs a refletir sobre seu uso.

Durante o período no qual o atendi, ele me contou como não conseguiu concluir a faculdade, ou manter um emprego. Nem os namoros duravam. Mário se encontrou numa situação tão delicada que ainda precisou vender o patrimônio que a família havia deixado. Segundo ele, isso se deu por causa da droga. Afinal: “quem iria aguentar alguém que bebe e cheira todo dia? Eu era inconveniente”.

Quando relatava seu uso, ele ainda observava que a droga aliviava algumas dificuldades sociais e, ainda que os namoros não durassem, não faltavam casos rápidos, pois, para ele, quando sob efeito, era mais fácil abordar mulheres. No entanto, ao se ver quase em situação de rua, ele diz que foi obrigado a fazer uma escolha: ou parava, ou ia acabar morrendo. Escolheu parar.

Hoje, poucos anos depois, afirma que tem que aprender a lidar com o mundo do jeito que ele é. Afinal, ele tem que trabalhar, pagar as contas em dia, etc. Ainda, tem que lidar com a solidão e com a dificuldade de fazer novos amigos em sua idade, pois perdeu o contato com os amigos de quando estava na “ativa” ⁷⁵. Era nesse ponto, sobre as dificuldades de estar no mundo sóbrio, que nossas sessões sempre chegavam.

Ao falar disso, Mário não se poupava: “eu era um vagabundo que não queria nada”. Dizia que, se não tivesse passado a juventude na farrá bebendo e se drogando, hoje não estaria passando pela situação em que se encontra. Talvez estivesse com uma família, com um emprego legal. Invariavelmente, por muito tempo, chegávamos nesse ponto. E o discurso era sempre o mesmo: ele tinha sido um vagabundo, um malandro.

Em determinado momento, seu discurso muda. Ele retoma sua infância e adolescência e diz que sempre teve dificuldade: na escola com os amigos, em casa, etc. Fala do quanto piorou quando se viu sozinho, sem sua família. É nesse contexto que ele me diz: “No final das contas, eu acho que eu bebia para não me matar”.

Com essa frase, Mário coloca de forma radical a questão do mal-estar do homem civilizado em jogo. Em suas sessões, nos deparamos com elementos importantes mostrados por Freud em seu livro “O mal estar na civilização” (1930): a dificuldade de se relacionar, de se manter sóbrio frente ao imponderável que se coloca, etc.

Por essa razão, a partir de sua fala optamos por abordar as toxicomanias nesse capítulo dando destaque ainda a esse mal-estar que se coloca para cada sujeito, que uma vez na linguagem, não funciona. Então, assim como fizemos com o texto de “Além do princípio do prazer” (1920), iremos aqui retornar a esse livro de Freud (1930) para pinçar o que dele podemos extrair para pensarmos o fenômeno das toxicomanias

⁷⁵ “Termos como “limpo” e “ativa” costumam ser usados por frequentadores de grupos de mútua-ajuda, como Narcóticos Anônimos ou Alcolicos Anônimos”

3.1 O mal-estar na civilização

Esse texto, escrito já em um momento final da obra freudiana, posteriormente a elaboração do conceito de pulsão de morte, pode servir como ponto de partida para diversos questionamentos e estudos devido ao alcance que a questão do mal-estar tem em nossa sociedade e, conseqüentemente na clínica.

No entanto, no que diz respeito à obra de Freud, é nesse texto que ele dá as bases para uma abordagem do fenômeno das toxicomanias, seja através de seus apontamentos sobre o uso de tóxicos, seja através da análise dos conflitos entre sujeito e sociedade que nos levam, junto à experiência clínica, a pensar na relação que os toxicômanos estabelecem com o objeto droga.

Dessa forma, não é apenas no momento em que Freud se refere às drogas que podemos pensar o fenômeno das toxicomanias, pois entendemos que o uso intensivo dessas substâncias pode ser diretamente ligado com a própria questão do mal-estar, por isso a importância de abordarmos esse livro. Por essa razão dividiremos nossa abordagem do texto de forma a contemplar as elaborações de Freud sobre o uso de drogas no final.

Assim, iniciemos a partir do seguinte ponto: para Freud (1930) os seres humanos demonstram que a finalidade de suas vidas é alcançar a felicidade. E, ainda, buscam mantê-la. Dito isso, haveria duas formas de isso ocorrer: pela ausência de dor e pelas experiências de prazer. No entanto, Freud indica a impossibilidade de se alcançar esse objetivo. Para ele, as regras do mundo são contrárias a esse intento.

Afinal, nossa capacidade é de extrairmos a felicidade do contraste. E, dessa forma, por nossa própria constituição, manter nossa felicidade seria impossível. Assim, a felicidade seria episódica e por contraste.

É importante notar que tal observação nos remete a regulação a partir do conceito de princípio do prazer que trabalhamos na pesquisa. Além disso, se tal afirmação se faz presente no período final da carreira de Freud, não se trata de uma transformação no pensamento freudiano. Afinal, é em 1893, em seus “Estudos sobre

histeria” que se destaca sua famosa afirmação acerca de que o que psicanálise pode fazer é levar o sujeito da miséria neurótica à infelicidade comum ⁷⁶.

No entanto, a infelicidade parece ser mais fácil de ser alcançada pelos homens e, para isso, Freud (1930) aponta três formas, a partir das quais, nos deparamos com ela. Assim, a infelicidade é proveniente:

- Do próprio corpo, destinado à ruína e dissolução.
- Do mundo externo, com forças superiores e que fogem de nosso controle.
- Da relação com outras pessoas, considerado o sofrimento mais doloroso.

Com isso, tendo em vista a facilidade com a qual o homem alcança a infelicidade, Freud (1930) pontua que as ambições do sujeito se tornam mais modestas: o homem já se considera feliz pela simples condição de não ser infeliz. O que ele nos diz então, é que por mais que o programa do princípio do prazer, que é com que nós busquemos a felicidade, não seja possível, o homem não abandona o esforço de tentar chegar lá.

Nesse sentido Freud irá colocar que o problema da felicidade diz respeito à economia libidinal do sujeito, mais precisamente, de cada sujeito. Ou seja, cabe a cada um encontrar a sua maneira, traçar o seu percurso nessa busca. Assim, Freud nos diz:

É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas (FREUD, 1930, p. 91).

⁷⁶ Na edição a que temos acesso, traduzida por Strachey, a frase foi traduzida da seguinte forma: “mas você poderá convencer-se de que haverá muito a ganhar se conseguirmos transformar seu sofrimento histérico numa infelicidade comum. Com uma vida mental restituída, você estará mais bem armado contra essa infelicidade” (FREUD, 1893, p.316).

Diante disso, ele nos alerta acerca dos perigos de se buscar apenas uma forma de satisfação. Em comparação feita por ele, um negociante cauteloso possuiria vários investimentos. A esses possíveis caminhos para a satisfação, Freud (1930) denomina “técnicas de viver” e aborda algumas possibilidades que pôde observar, tais como: o homem erótico que preferirá os relacionamentos, o narcisista que optará por processos internos, etc. As neuroses seriam exemplo de uma técnica de viver, ainda que não tragam tantas satisfações substitutivas. No entanto, um ponto nos chama mais atenção na fala de Freud:

O homem que, em anos posteriores, vê sua busca da felicidade resultar em nada ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica, ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose (FREUD, 1930, p.92).

Assim, é nesse texto que Freud aborda diretamente a questão do que entendemos como toxicomanias em sua obra. Antes disso, encontramos referências apenas em seus escritos sobre a cocaína⁷⁷ ainda no século XIX. No entanto, deixemos o ponto sobre esse fenômeno para mais adiante, antes é preciso abordar de forma mais consistente a questão do mal-estar em Freud.

Freud coloca em jogo na sua elaboração sobre o mal-estar, a sua constatação de que a cultura serve para dois objetivos: proteger os homens da natureza e ajustar os relacionamentos⁷⁸. No momento, tendo em vista nosso tema, foquemos na questão dos relacionamentos.

Para Freud (1930) a civilização regula os relacionamentos sociais. Sem essa regulação ficaríamos submetidos “à vontade arbitrária do indivíduo⁷⁹” (FREUD, 1930, p.101). Ou seja, as relações sociais seriam reguladas pela lei do mais forte. Para

⁷⁷ Fizemos uma alusão a esses trabalhos de Freud na introdução dessa pesquisa.

⁷⁸ No texto anterior ao “Mal-estar na civilização” (1930), em o “O futuro de uma ilusão” (1927), Freud já pontua que esse ajustamento se dá pela renúncia às pulsões.

⁷⁹ Utilizamos o termo “indivíduo” assim como “sujeito” devido ao termo empregado por Freud no corpo desse texto e traduzido dessa forma por Strachey.

ele, só é possível uma vida social em comum quando a maioria se coloca como mais forte do que um indivíduo.⁸⁰

Dessa forma, para Freud (1930), em uma sociedade onde não impera um indivíduo, que se coloca a base da força, e sim uma comunidade tem-se como essencial a restrição das satisfações. Assim, surge a ideia de justiça: quando todos restringem suas pulsões e quando não se viola a lei em favor do mais forte.

Com isso, Freud conclui que não se pode dizer que a civilização trouxe liberdade. Pelo contrario, antes dela se estabelecer os indivíduos tinham mais liberdade, ainda que com a dominância da lei do mais forte talvez não fosse possível exercê-la. Portanto, Freud irá identificar impulsos pela liberdade que se colocam em choque com a civilização, ou seja, é possível apontar um conflito entre indivíduo e sociedade.

Freud constata que ao exigir a renúncia das pulsões do sujeito, a civilização modifica a economia libidinal do indivíduo. Então, é preciso que essa frustração da satisfação da pulsão seja compensada em outro lugar de forma a evitar distúrbios (FREUD, 1930).

Em determinado momento, Freud (1930) dedica-se a falar do amor como um dos caminhos que o homem engendra em busca de alcançar a felicidade. Para ele, poucas pessoas são capazes de serem felizes no amor. O homem descobriu que o amor sexual provia satisfações intensas. Por outro lado, Freud alerta dos perigos aos quais o sujeito se expõe com esses percursos: o sofrimento pela rejeição ou perda.

Assim, o que se evidencia em cada momento dessa obra é que o sujeito está sempre em conflito, não há harmonia possível. Se a civilização estimula a proximidade entre os indivíduos, ao mesmo tempo quanto mais próximo ele é de sua família, isso interessa menos à sociedade, que irá então estimulá-lo a investir em

⁸⁰ Em 1913, Freud escreve “Totem e tabu”. Nesse texto ele investiga as origens da civilização e aborda o que constituiu como mito da horda primeva, onde havia um macho mais forte que tinha o poder sobre as fêmeas. Freud então aborda a passagem para uma organização fraterna após o assassinato desse macho que era o pai. Não temos como objetivo abordar esse mito aqui, mas a menção se faz relevante, pois percebemos que não se trata de algo novo que Freud traz nesse momento do texto. Dessa forma, cabe citar esse texto como referência para o leitor.

outros laços. Dessa forma, pensamos que não há um ponto ideal de inserção do sujeito no social: ele sempre estará dividido, em conflito.

Freud (1930) aponta ainda que é da energia sexual que a civilização irá extrair a sua energia para seus fins. Assim, formam-se leis, tabus e proibições para a restrição da vida sexual. Dessa forma, a civilização se protege da revolta dos que se rebelam contra essas restrições.

Ou seja, Freud afirma que há uma restrição do gozo colocada aos sujeitos pela civilização. Ao mesmo tempo os indivíduos se submetem a isso para se proteger, tal como um contrato social.

No entanto, identifica-se em Freud que esse contrato, que pode ser nomeado como uma antítese entre sexualidade e civilização (FREUD, 1930, p.113) não se dá de forma harmônica, sem abalos ou conflitos. Há claramente descrita a ideia de uma renúncia da satisfação sexual que não é sem consequências para o sujeito.

É através da análise do mandamento “Amarás o próximo como a ti mesmo” que Freud reconhece um impulso a agressividade nos seres humanos, como nos diz a seguir:

Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar a sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (FREUD, 1930, p.116).

É por ter esse caráter, de não ter consideração por outros de sua espécie, que Freud afirma que a civilização precisa de energia. Afinal, ela gasta muito ao tentar se ver livre da ameaça de desintegração a qual está sempre submetida. Por essa razão, se dá a restrição da vida sexual de forma a tentar favorecer os laços cujas finalidades são inibidas (amizades) e agregar o maior número possível de homens (FREUD, 1930).

Tendo em vista esses pontos colocados por Freud, como a noção de um impulso à agressividade, à destruição nos indivíduos e, associando-os ao conflito

com a sexualidade do sujeito e sua impossibilidade de uma satisfação total, constatamos que estamos no campo que apresentamos até aqui na pesquisa.

Isto é, há um sujeito pulsional e o que Freud (1930) apresenta em o “Mal-estar na civilização” é como esse sujeito se coloca na cultura e o preço que ele paga por isso e pelo caminho que escolhe para alcançar a felicidade. Ou seja, se estamos falando de que o que a civilização pede ao sujeito é uma renúncia pulsional⁸¹ para que aumente seu número de indivíduos, a ideia de uma renúncia à agressividade nos remete diretamente ao conceito de pulsão de morte.

Freud fala que a civilização está a serviço de Eros⁸² que tenta juntar indivíduos isolados numa grande massa uniforme. Com isso, afirma que a evolução da civilização humana pode ser entendida como uma luta entre Eros e a Morte. Dessa forma, nessa tentativa de lidar com a agressividade inerente ao ser humano, apontada por Freud (1930), ela se internaliza⁸³, se volta para o sujeito. Ou seja:

A civilização, portanto consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada. (FREUD, 1930, p.127)

Assim, Freud nos ensina como funciona o mecanismo dessa renúncia à agressividade. Uma vez internalizada, o sujeito só resistirá aos seus impulsos não só pelo medo da autoridade externa da civilização, como também pela presença do superego. Tal presença faz com que ele renuncie ao impulso e que se sinta culpado, pois se autoridade não sabe nada sobre seu desejo e somente sobre seus atos, não é possível que se esconda os desejos do superego (FREUD, 1930). Com isso, quanto mais bem sucedido for esse trabalho de internalização, mais sentimento de culpa e mais rígido o sujeito será consigo.

⁸¹ Entendemos que Freud (1930) ao se referir à renúncia pulsional exigida pela civilização ele inclui a dimensão da sexualidade e da agressividade, que nos remetem ao conflito entre pulsões de vida e de morte que apresentamos no capítulo 2.

⁸² Pulsões sexuais, de vida, conforme vimos no nosso estudo sobre “Além do Princípio de prazer” (1920).

⁸³ Freud indica ser nesse mecanismo que surge o superego – instância de sua segunda tópica elaborada em o “o Eu e o Isso” (1923) – que coloca essa agressividade contra o sujeito sendo intimamente ligada ao sentimento de culpa: “A função consiste em manter a vigilância sobre as ações e as intenções do ego e julgá-las, exercendo sua censura” (FREUD, 1930, p.139).

A partir desse ponto, Freud irá observar que a civilização alcançar seu objetivo – de um número de indivíduos cada vez maior e com maior ligação – intensificando o sentimento de culpa. Esse seria então o preço pago pelos sujeitos para viver na cultura: uma perda da felicidade. (FREUD, 1930). Assim, Freud nos fala que muitas vezes esse sentimento só aparece enquanto um mal-estar para o indivíduo, pois estaria inconsciente. Para completar, o próprio Freud aplica o conflito entre Eros e Morte não só à civilização como também à vida do sujeito e a vida orgânica em geral.

Retomando a questão da felicidade e o conflito de estar na cultura., é a partir de duas tendências que Freud (1930) irá descrever o desenvolvimento do indivíduo: a busca pela felicidade e a união com a comunidade. Assim, mais uma vez, em Freud, a noção de conflito entre duas forças opostas se coloca. É importante ressaltar que esse conflito se dá na economia libidinal de cada um, ou seja, para cada sujeito se dá de forma diferente. Por sua vez, como trabalhamos anteriormente, a economia libidinal é formada em parte pelo conflito pulsional.

Assim, é partindo dos conflitos que constituem o sujeito e que o situam em relação à cultura que partimos para abordamos às toxicomanias. O que podemos entender até o momento é que em hipótese alguma é possível falar de harmonia para esse sujeito. Ele se depara não só com um desencontro com o objeto de sua satisfação, como com a sociedade que pede que ele renuncie as suas pulsões, para que seja possível viver em grupo. Isso não se dá sem um preço, e é do mal-estar como preço, da felicidade impossível que partimos para falar das toxicomanias.

3.1.1 O mal- estar na cultura e as toxicomanias

Ainda no texto sobre o mal-estar na civilização de Freud (1930) encontramos referências acerca das toxicomanias. Este é o único momento na obra de Freud que

encontramos enquanto elaboração,⁸⁴ comentários que fazem clara menção ao uso de substâncias psicoativas.

Assim, tomemos como ponto de partida a seguinte citação:

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós, proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la não podemos dispensar as medidas paliativas (FREUD, 1930, p. 83).

Ou seja, ainda no início de seu texto, antes de trabalhar as questões envolvidas diretamente no conflito indivíduo e civilização, Freud já toma como questão o sofrimento do sujeito.

Dessa forma, para que o sujeito possa lidar com esse sofrimento - que provém das três fontes citadas acima⁸⁵ - ele possui algumas estratégias. São elas o que chama de “derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela” (FREUD, 1930, p.83).

Para ele, algo dessa ordem é imprescindível. Assim cabe ao sujeito seguir algum, ou alguns, desses caminhos que se colocam de formas bem diferentes. Freud se remete ao conselho de Voltaire para que cultivássemos nosso jardim como exemplo de derivativo, assim como a experiência científica poderia ser um exemplo.

Já no que diz respeito às satisfações substitutivas, ele busca a arte como exemplo, pois ainda que seja uma ilusão, graças à fantasia ela se coloca como eficaz. No entanto, foquemos no ponto que nos serve de destaque: para Freud, os métodos de evitar sofrimento que são mais interessantes são aqueles que influenciam o próprio corpo. Afinal, se o sofrimento é compreendido enquanto uma sensação, ele só existe se o sentirmos. E isso só acontece de acordo com a regulação do organismo.

⁸⁴ Já relatamos na introdução dessa pesquisa a pesquisa de Freud sobre a cocaína no século XIX.

⁸⁵ Do próprio corpo, da natureza e da relação com os outros.

Assim é dessa forma que a droga entra em cena na economia do sujeito. Se a vida é árdua, como afirmou Freud (1930), é preciso fazer alguma coisa que amenize esse sofrimento e, se uma substância consegue influenciar seu corpo de forma a eliminar a sensação de sofrimento, ela se torna mais interessante.

Tal observação ilustra, em certo ponto, o pequeno caso que trouxemos no início do capítulo. Mário se drogava para não se matar. E, de certa forma, é possível afirmar que a droga foi um recurso por um longo período. Ao beber e cheirar, o objetivo era cumprido. Mario não se matou, mas em determinado momento esse recurso parou de funcionar, cobrou um preço e ele teve que encontrar outros caminhos para lidar com o sofrimento da vida.

Pois, ao mesmo tempo em que Freud coloca como o mecanismo mais interessante, ele também elege a intoxicação como o método mais grosseiro de amenização do sofrimento. Ele afirma (FREUD, 1930) que há não apenas uma eliminação das sensações desagradáveis, como um aumento das sensações prazerosas.

Ou seja, de forma isolada a experiência com a droga poderia ser entendida como algo muito próximo do encontro com definição de felicidade: a ausência de desprazer e o prazer. Mais do que isso, Freud reconhece inclusive, o lugar de destaque que diversas culturas dão as drogas como parte importante de sua economia libidinal.

Ele ainda aponta que a utilização dessas substâncias traz não só essas sensações, como ainda porta uma sensação de independência do mundo externo como afirma a seguir:

devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse 'amortecedor de preocupações', é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (FREUD, 1930, p.87)

Sendo assim, é essa capacidade radical de desligamento da realidade o fator que faz com que tal recurso seja visto como potencialmente perigoso e danoso. Dessa forma, é a partir do que Freud falou a respeito da utilização de substâncias psicoativas que abordaremos diretamente essa questão, levando em conta os elementos que pudemos apresentar acerca da relação de fracasso do encontro entre sujeito e objeto.

3.2 As toxicomanias

Até o momento na pesquisa não abordamos a questão do fenômeno das toxicomanias senão de forma tangencial. Nosso objetivo era marcar as bases a partir das quais poderíamos indicar como esse fenômeno se estabelece para um sujeito.

Ao recorrer ao trabalho de Freud e, como complemento, ao de Lacan, o que pretendemos era indicar elementos que pudéssemos identificar na constituição do sujeito – o que inclui sua inserção no laço social - para pensarmos como situar as toxicomanias.

Um dos pontos centrais de nosso trabalho era indicar que nas toxicomanias há um sujeito em jogo e, por conseguinte, uma economia libidinal que o constitui. Dessa forma, para estudar esses fenômenos era necessário implicá-lo em seu uso - para que possamos pontuar que há um sujeito nesse uso e que, esse sujeito tem algo dizer sobre isso.

Inclusive, cabe ressaltar novamente que até o termo que empregamos para nos referir a esse fenômeno tem a ver com uma escolha de pesquisa, que diz respeito a importância da dimensão do sujeito para abordarmos o seu sintoma.

Pois, atualmente o fenômeno do uso intensivo de drogas é denominado, em diversos momentos, como “dependência química”. Tal denominação costuma vir

acompanhada de uma explicação que inclui aspectos biológicos ou externos⁸⁶ ao sujeito como determinantes para que ele estabeleça essa relação com a droga.

Não se pretende um embate com tais correntes e sim, afirmar que no que diz respeito ao percurso dessa pesquisa, o que nos interessa é a dimensão do sujeito em seu uso. Assim, nesse momento final, cabe retornarmos aos elementos que pudemos indicar aqui para articulá-los em sua relação com as toxicomanias

Além disso, uma vez que abordamos o que Freud nos deixou em sua obra acerca dessa relação, vamos recorrer ao que outros psicanalistas puderam elaborar a partir de Freud e Lacan, de maneira a situar esse fenômeno, sem que tenhamos o objetivo de esgotá-los.

Dessa maneira recorrendo ao que trouxemos, o que podemos pensar é que é na busca impossível por *das Ding*, relacionada ao mal-estar na cultura que podemos pensar que a questão das toxicomanias se insere⁸⁷. Além disso, é nessa relação íntima que esses pontos possuem com o mais além do princípio do prazer que podemos situá-las.

Com isso, nos encontramos com um sujeito que, em cujos conflitos não há uma saída para harmonia, para conciliação entre as forças. Como expusemos na introdução, Lacan (1969,1970/1992), em seu seminário 17, nos indica que a presença do significante em jogo para o sujeito, é o que faz com que não seja possível um entendimento. Com ele em cena na cadeia simbólica, há algo que não funciona.

Assim, nos deparamos aqui, e entendemos que esse seja o ponto central do que articulamos: um sujeito que em sua constituição se depara com um impasse, afinal é em torno da falta do objeto que ele se forma, não sendo possível alcançá-lo. Mais do que isso, ele também não funciona em harmonia com a sociedade. Há um preço que ele paga pela cultura, não é possível sua satisfação total.

⁸⁶ Damos como exemplo os modelos neurobiológicos e as determinações genéticas dos “dependentes químicos” que podem ser encontrados em “Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas” (DIEHL, 2011). Além disso, fazemos referência aos 12 passos dos Narcóticos Anônimos que entendem o sujeito como impotente perante as drogas. Site oficial: www.na.org.br

⁸⁷ Um ponto importante a ser destacado: estamos abordando a questão do uso intenso de drogas tendo em vista a estrutura neurótica.

Nesse ponto, situamos que recorrer ao uso de drogas pode constituir uma posição possível – mesmo que não resolutive – em face desse impasse, mas de que forma isso se dá? O ponto principal é que nos remete a essa saída através de um uso intenso e não na utilização pontual, é a noção de que há um além do princípio do prazer em jogo.

Podemos observar esse ponto, por exemplo, a partir de Charles Melman (1992) que nos aponta o uso de substâncias psicoativas permite que o sujeito escamoteie uma barreira ao gozo. É, ainda associando essa substância a um remédio para o toxicômano, que ele segue em suas observações. Tal remédio serve para o alívio da dor de existir. Dessa forma, é por isso que Melman (1992) indica que o toxicômano não chegaria com tanta frequência ao tratamento, afinal ele já tem o remédio e mais, sabe disso (MELMAN, 1992).

Com isso, Melman (1992) nos coloca a pensar nessa dimensão do objeto perdido. Se estar no campo da neurose é ter que lidar com essa falta, o toxicômano, ao se encontrar com a droga, escamoteia esse desencontro. Em uma famosa biografia de uma usuária de heroína alemã, a própria relata sua primeira experiência com a heroína:

Tive a impressão de ter encontrado uma nova família, a mais bonita possível. Não disse uma palavra. Senti que com esses dois amigos poderia conversar, falar tudo. A heroína nos transformara em irmãos. Éramos todos iguais, poderia lhes contar meus pensamentos mais secretos. Depois de semanas de desespero, achei que jamais fora tão feliz. (F, CHRISTIANE, 2002, p.92)

Assim, o que podemos perceber é que não há desencontro, pelo menos nesse momento de uso. Ou melhor, ele é escamoteado e com isso, o mal-estar não se coloca para o sujeito. No entanto, o que percebemos em atendimento em ambulatório público, é que, em algum momento e para alguns sujeitos, essa ilusão de harmonia para de funcionar. Se o sujeito achava que tinha encontrado o objeto, alguma coisa não funciona mais. No entanto, será que é possível falar das toxicomanias como um sintoma?

Cabe nesse momento, que façamos um pequeno desvio e abordemos os motivos de termos nomeado até aqui, as toxicomanias enquanto um fenômeno. Alberti, Inem e Rangel (2003) nos indicam que a questão das toxicomanias não é analisada de forma unânime entre os psicanalistas.

Nesse trabalho de revisão, elas apontam que, de um modo geral, é possível encontrar duas possibilidades dominantes de abordagem dessa temática: uma perspectiva que entende as toxicomanias enquanto um tipo clínico da estrutura perversa e uma outra que irá entendê-las enquanto um fenômeno que é passível de se situar nas três estruturas clínicas.

Ainda que a discussão acerca de toxicomanias, sintoma e estrutura clínica não seja nosso objetivo nesse trabalho e necessite, de fato, de uma abordagem que seja cuidadosa em relação ao que está em jogo, é preciso que nos posicionemos nesse ponto.

Portanto, a partir de nossa experiência clínica endossamos o argumento apresentado no texto (ALBERTI; INEM; RANGEL, 2003) de que um fenômeno não determina a estrutura, como vemos a seguir:

De nossa clínica é importante observar que jamais o fenômeno pode determinar a estrutura; na realidade, cada sujeito estabelecerá relações com as drogas cujas intensidades e formas serão sempre meios singulares da inabilidade dos sujeitos em lidar com o desprazer, o mal-estar, ou seja, a castração. É a partir da relação com a castração que o exame estrutural irá identificar a maneira pela qual cada sujeito se inscreve nas estruturas psíquicas, identificando com isso o processo de construção das subjetividades, estejam elas ligadas ou não ao consumo de drogas. (ALBERTI; INEM; RANGEL, 2003, p.16)

Assim, elas estabelecem uma vasta discussão acerca do conceito de sintoma em psicanálise e se é possível que abordemos as toxicomanias enquanto um sintoma. Freud (1926) trabalhou o conceito de sintoma entendendo-o como uma substituição de uma satisfação pulsional, como uma formação inconsciente, e, por conseguinte simbólica. Muitas das vezes os sujeitos se queixam de seus sintomas que são desagradáveis, provocam sofrimento.

O estudo citado acima (ALBERTI; INEM; RANGEL, 2003) apresenta duas formas de situar a relação entre sintoma e toxicomanias, sendo a primeira entendendo que a toxicomania iria na contramão do sintoma. Ou seja, uma forma de lidar com a castração sem que se passe por uma via simbólica – caso do sintoma. A segunda perspectiva irá entender esse fenômeno como um invólucro do sintoma, como uma nova configuração dele.

Santiago (2001a) analisa esses pontos de forma a apontar as dificuldades de situar esse fenômeno a partir do conceito de sintoma em psicanálise. No entanto, ele indica as toxicomanias como uma nova forma clínica, efeito do discurso da ciência. Assim, ele a aproxima do sintoma, como uma construção substitutiva, porém auxiliar. Isto é, ela pode se dar quando o sintoma da neurose não basta para lidar com o mal-estar.

No entanto, Santiago (2001a) demonstra a dificuldade que é delimitar a toxicomania nesse campo. Afinal, o sintoma em Freud é passível de ser interpretado, ou seja, está no campo do simbólico mas não é possível que situemos esse fenômeno nesse campo. Ele indica que:

É em outro funcionamento do processo de substituição que se pode, seguramente, apreendê-la como signo da relação problemática do sujeito com a satisfação pulsional. Em primeiro lugar, postula-se a definição da droga como um substituto de tipo especial, diretamente submetido ao gozo. (SANTIAGO, 2001a, p.30,31)

Assim, quando a tentativa de satisfação substitutiva, via campo simbólico, falha a toxicomania entraria enquanto recurso.

Assim, apresentamos aqui alguns apontamentos que – ainda que não seja possível que nos aprofundemos nas discussões - nos indicam a hipótese de que as toxicomanias se inserem em um além do princípio do prazer e não em uma regulação direta do princípio do prazer.

No entanto, o que é preciso destacar é que a experiência da droga vai se dar de forma singular, irá se colocar de forma diferente na economia libidinal de cada um. Por essa razão, não temos a pretensão de generalizar ou definir a relação entre

as toxicomanias e o sintoma neurótico de forma a chegar a uma conclusão definitiva. Fiquemos com as exposições apresentadas aqui e avancemos.

Assim, retomando esse campo através do conceito de repetição e facilitação em Freud e do percurso que traçamos até aqui, podemos observar que uma vez aberto o caminho, o sujeito repete. O exemplo acerca da primeira experiência maravilhosa com a cocaína seguida de uma tentativa, sem sucesso, de repetir essa sensação nos indica não só a repetição mas aponta para uma repetição que não se dá sempre da mesma maneira, como nos indica Lacan (1964/2008). No entanto, o sujeito, de alguma forma, continua nessa relação.

Ainda que se constate e que, muitas vezes, escutemos em sessão que o sujeito não tem mais prazer em usar, isso não faz com que ele interrompa seu uso. Ora, para indicar o que está em jogo, o primeiro dualismo de Freud não nos basta. Assim, destacamos novamente a dimensão do além do princípio do prazer, do gozo, que está em jogo.

Melman (1992) fala desse gozo como o gozo da própria morte. Afinal, a utilização dessas substâncias faz com que o alívio das tensões psíquicas chegue ao mais baixo possível, o que equivaleria à morte. Tal ponto, se nos voltarmos a Freud, relacionamos à pulsão de morte e ao princípio de Nirvana, que trouxemos aqui e que tende a reduzir as excitações do organismo no nível mais baixo possível, incluindo até o nível zero.

No entanto, é importante sustentarmos a ideia de que há uma singularidade na economia libidinal de cada um. Flávio, por exemplo, quando perguntado uma vez do porquê que se submetia a subir favelas e a sentir medo para buscar cocaína, me diz que tem um medo maior: o de ter um fornecedor que seja muito acessível

Para ele, imaginar a quantidade de cocaína a qual ele teria acesso caso não precisasse enfrentar os obstáculos que uma ida a uma boca de fumo impõem, é “terrível”. Seu medo, me diz, é que uma vez com acesso fácil, ele não consiga mais fazer de seu uso, um uso esporádico, tido como uma conquista depois de anos de uso diário.

Em determinada sessão, ele me conta que quando era novo e estava começando a fazer uso de drogas – na época era usuário de maconha – sua mãe

apontou no jornaleiro uma capa de revista, na qual constava uma famosa banda dos anos 80. Segundo ele, ao apontar a capa, ela se dirigiu a ele e falou: “Tá vendo, são maconheiros mas fazem sucesso”.

Assim, o que ele me conta ao retomar essa frase é que seu uso de drogas, desde então, girou em torno dessa frase. Ele poderia usar drogas, mas ele teria que fazer sucesso. Flávio ainda constatou que seu uso se intensificou depois de um fracasso: a perda de uma namorada. No entanto, foi quando seu uso⁸⁸ começou a afetar a sua carreira que ele conseguiu construir essa barreira.

Retornando a Melman (1992) ele inclui a abstinência como momento importante da própria economia de gozo do toxicômano. Ele inclui um elemento que não trouxemos até o momento: haveria uma erotização, uma relação erótica do toxicômano com os médicos, justiça, etc.

Se a partir de nossa experiência não é possível sustentar nesse momento essa afirmação, o que ela nos traz junto da história de Flávio é a ideia de que há na economia do sujeito um gozo que pode não dizer respeito apenas à utilização da substância em si. No caso de Flávio, suas idas as bocas de fumo violentas da cidade, nos mostram que não é apenas seu uso que entra em cena.

É possível identificar isso através de suas falas. Em sessão, ele me conta o quanto a sua família era pobre e, que hoje ele está muito bem financeiramente. Porém, relata que ao visitá-los – em uma área pobre da região – ele não se sente a vontade com a posição que ocupa, apesar de ser orgulhar dela a maior parte do tempo.

Acreditamos que a própria ida a favela faz parte da economia de gozo de Flávio quando ele relata que se disfarça para ir até lá. Segundo ele, ele se veste de pobre, vira “um deles”, se camufla na comunidade. Flávio conta que diversas vezes já se deparou com a polícia e que se faz passar, facilmente, por um morador da favela.

⁸⁸ O caso em questão tem várias dimensões em jogo que dizem respeito ao sintoma de Flávio. Trabalhamos, em supervisão, com a hipótese de uma neurose obsessiva. A questão de ter sucesso aparece de forma dominante nas sessões.

Assim, podemos entender que o uso de drogas de Flávio é paradigmático a respeito da questão de que não é apenas a substância que está em jogo. Há mais, há ainda a singularidade da forma como cada sujeito se coloca no campo da neurose. Não objetivamos realizar um estudo de seu caso, mas ele nos indica que em sua economia inscreve-se não apenas a droga, mas também a sua ida a favela como alguém pobre, como ele já foi e não é mais. Ainda que ele tenha grandes dificuldades de explicar suas ações.

O próprio Melman (1992) irá identificar a proibição das drogas, por exemplo, enquanto inseridas nessa economia. Para ele, a proibição não impede o uso e uma alternativa a ela, como a medicalização, por exemplo, poderia deserotizar a relação dos sujeitos com a droga. Para ele, está incluída na economia do toxicômano, a falta da droga, sendo perturbadora para o sujeito a ideia de que em algum lugar a droga está disponível.

Deixemos o caso de Flávio e retomemos um ponto anterior em nossa investigação. A partir da nossa experiência, costumamos receber sujeitos, na maioria das vezes, quando o encontro fracassado entre sujeito e objeto se recoloca: tanto em um prazer que não é mais alcançável pela droga, como também pelos diversos prejuízos em outros aspectos que foram efeito do uso e que, de alguma forma, passaram a incomodar muito.

Assim, o sujeito vem com diversas falas, mas os pontos principais que podemos identificar é que a droga serve para lidar com um mal-estar mas, em determinado momento desse encontro que por um tempo pode parecer harmonioso, isso falha.

É difícil nos depararmos em nossa experiência clínica com a fala do toxicômano, digamos, engajado em seu gozo. Não se trata de afirmar que ele não chega ao serviço de tratamento, pois notamos que isso até acontece em alguns casos: pela justiça, pela família etc. No entanto, a questão da ausência de demanda por tratamento se coloca, pois afinal, como nos disse, Melman (1992), ele tem o remédio para as suas dores.

No que diz respeito ao lugar que a droga ocupa na sociedade, isso faz com que Melman (1992), indique a toxicomania como um sintoma social, tendo em vista

que o toxicômano realizaria o ideal da sociedade de consumo, pois achou o objeto perfeito, que apaziguaria necessidades e desejos.

Sobre esse ponto, retomando o que apresentamos no capítulo 1 sobre os efeitos da ciência, recorremos a Santiago (2001b) que irá localizar a droga enquanto efeito das ciências, situando-a como um dos efeitos que trazem consequência para o corpo.

A partir desse ponto, Santiago (2001b) irá indicar que a ciência tornaria possível o acesso ao real e, ainda põe no mundo diversos objetos novos, candidatos a se tornarem restos. Seu ponto principal sobre esses objetos, e que se aproxima do que trouxemos com Lebrun (2004), é que a ciência oferece aos sujeitos diversas formas de recuperação pulsional, tais objetos servem para que se possa gozar deles.

Com isso, Melman (1992) e Santiago (2001) colocam em jogo dois elementos que não podem ser desconsiderados na questão das toxicomanias e sua atualidade: os efeitos do capitalismo e da ciência.

Não pretendemos esgotar a investigação sobre as toxicomanias, mas essas duas colaborações somam-se ao que viemos desenvolvendo até então, e nos ajudam a situar o próprio sujeito e sua economia libidinal, nesenquanto atravessado pelo capitalismo e pela ciência. Dessa forma, é possível situar de que contexto nós falamos quando abordamos o sujeito toxicômano.

Finalmente, tentamos colocar em jogo nesse ponto final tudo o que pudemos apresentar nessa pesquisa sobre o mal-estar do sujeito. Freud (1930) nos lembrou que o sofrimento é o caminho mais fácil que o da felicidade e que, para isso, o sujeito tem alguns recursos para tentar lidar com ele.

A droga é um deles. Entendemos que na dimensão do sujeito é possível situá-la no mal-estar no laço social e no encontro fracassado entre sujeito e objeto. Ainda, tentamos indicar aqui algumas observações sobre como o objeto droga se situa na cultura, como pudemos observar em Melman (1992) e Santiago (2001).

De resto, não era o nosso objetivo esgotar o tema das toxicomanias para a psicanálise. O que se pretendeu foi realizar um recorte e relacionar o que não funciona no sujeito com a via da intensificação do uso de drogas.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi elaborada a partir de questões que apareceram durante o atendimento clínico em ambulatório especializado em atendimento a usuários de álcool e outras drogas. Ao introduzi-la tentamos pinçar um dos questionamentos que mais se destacam, dentre vários com os quais nos deparamos.

Assim, foi a partir da fala de um usuário do serviço, que nos fez pensar na dimensão radical do mal-estar na cultura, que esse estudo se deu. Tendo essa dimensão como pano de fundo do nosso estudo, a nossa questão girou em torno do que acontece com um sujeito na experiência com a droga que pode fazer com ele engendre uma relação de uso extremo.

Afinal, estamos longe de achar que essa experiência se coloca da mesma maneira para todos. Nem para os ditos toxicômanos ela se dá da mesma maneira. Dessa forma, como não era possível realizar um estudo de caso que colocaria em jogo a singularidade, tentamos investigar o que, na dimensão do sujeito, pode ter ligação com o tipo de relação que cada um estabelecerá com esse objeto.

Antes de avançar, foi preciso tentar situar em que contexto essa relação se daria. Pois, era preciso ter em vista que essa relação diz respeito a um certo momento da história e da cultura, não sendo possível que tivéssemos o mesmo olhar que temos para o atual uso de cocaína, para o uso de ópio na Mesopotâmia, como apresentamos com Escohotado (1994).

Dessa forma, as observações de Lebrun (2004) e Melman (1992) a respeito das toxicomanias enquanto um sintoma social, como um fenômeno que se relaciona diretamente com o tempo no qual vivemos, nos dão notícia da relevância do estudo dessa tema.

É assim, unindo a noção de que a relação com a droga é singular e se dá de uma forma de acordo com cada sujeito, aliada à ideia de que, ao mesmo tempo, é uma questão que não se dá sem um contexto cultural, que iniciamos a nosso trabalho.

Por isso, no primeiro capítulo foi preciso demarcar que ao empregarmos a perspectiva psicanalítica como referência, para que fosse preciso compreender, ou nos aproximar, da questão da relação do sujeito com a droga, era necessário antes de tudo colocar em cena a dimensão do sujeito.

Assim, se a relação com a droga diz respeito a uma determinada época, a própria noção de sujeito também tem essa relação. Então, o sujeito que está em jogo, para a psicanálise, é um sujeito histórico. Mais do que isso, esse sujeito tem seu surgimento enquanto tal intrinsecamente ligado à história da ciência, como procuramos demonstrar.

Com isso, recorreremos à Koyré (2006), que nos mostra a revolução gerada por Galileu que introduziu a ciência moderna no mundo. Como efeito disso, tivemos a matematização, a racionalização e as fórmulas dispensando a experimentação. Então, nos deparamos junto com o trabalho de Descartes, com o surgimento do sujeito moderno enquanto resto dessa operação.

A ciência não se ocupa desse sujeito. E, quando se fala sobre ele tenta encaixá-lo em suas formulas: objetivá-lo. No entanto, apontamos que foi necessário que esse processo acontecesse para que, posteriormente, Freud pudesse fundar o campo da psicanálise, que opera justamente com esse sujeito, que agora tem algo a dizer sobre si.

Nesse ponto nos deparamos com a implicação do sujeito no que lhe acontece. Pois, como apontamos brevemente no capítulo 3, a ciência irá se ocupar do sujeito usuário de drogas não a partir do que ele tem a dizer sobre si, mas tendo como base modelos neurobiológicos e pesquisa genética.

Além disso, ao abordamos às toxicomanias pudemos observar outra incidência da ciência sobre o sujeito, pois segundo Santiago (2001b) a ciência coloca o real em cena, ao criar diversos objetos, oferecendo ao sujeito diversas formas de alcançar a satisfação. Assim, se não for possível constatar uma economia

social que favorece esse tipo de relação entre sujeito e droga, é possível afirmar que a ciência não só é essencial para o surgimento do sujeito moderno, como ela influencia diretamente a sua economia libidinal.

No entanto, uma vez abordada essa questão do surgimento do sujeito, nos deparamos com um segundo momento: aquele em que Freud se debruça sobre ele, o chama para sua casa, o inconsciente, como disse Lacan (1964/2008).

Em nossa investigação acerca dos primeiros aparelhos psíquicos de Freud, dois conceitos mereceram destaque: a facilitação (“*Bahnung*”) e ação específica. Uma vez descritas em 1895, esses mecanismos foram importantes para chegarmos posteriormente ao conceito de repetição e de *das Ding*. Assim, foi possível identificar em Freud, elementos que já indicavam conceitos importantes para a nossa pesquisa.

Contudo, nos debruçamos mais sobre o dualismo entre princípio do prazer e princípio de realidade. Freud sustentou por muito tempo em sua obra a ideia de que os processos mentais eram, em sua maioria, regidos pelo princípio do prazer – que busca evitar o desprazer e alcançar o prazer.

Percebemos, porém que até essa altura do pensamento freudiano, que só se modificou em 1920, era difícil pensar a questão das toxicomanias, tendo em vista que identificamos diversas vezes em nossos pacientes que o uso nem sempre é prazeroso, muitas vezes o contrário acontece. É um mais além que está em jogo.

Freud (1905) já apontava outra dimensão importante em nossa investigação e que pudemos pincelar talvez como nossa questão enquanto norte de pesquisa: a dimensão do desencontro fundamental entre sujeito e objeto. Nesse momento, é possível apontar uma independência a priori da relação entre sujeito e objeto, ou seja, não há um objeto que seja dado para a pulsão.

Com isso, pudemos constatar um outro ponto: não se trata, no sujeito, de um funcionamento que se resume ao biológico, pois o funcionamento se dá de forma diferente na relação com o objeto de um sujeito e na relação animal que o animal estabelece. Dessa forma, nesse momento desnaturalizamos o sujeito com o qual a psicanálise opera.

Foi possível ainda trabalhar essa dimensão enquanto inserida na linguagem, empregando o conceito do “Outro”, que indicamos a partir de Lacan. Ou seja, um ponto importante que Lacan nos introduziu foi que, uma vez na linguagem, o acesso aos objetos é mediado por ela, não sendo direto. Além disso, com ela em jogo não é possível nem mesmo falar em necessidade do sujeito, pois ela sempre passará pelo Outro sendo assim, uma demanda.

Dessa forma, podemos constatar que se Freud (1905) nos traz a ideia de um desencontro fundamental entre sujeito e objeto, é Lacan (1999) que irá formalizar essa noção enquanto inserida numa cadeia significante. É no campo do significante que o sujeito se desnaturaliza.

Mais, com Lacan (1964/2008 & 1957,1958/1999) é possível questionar a ilusão de que o sujeito teria uma maestria sobre sua fala. Não a tem. Assim, é nessa cadeia simbólica que Lacan irá localizar que há uma falta para o sujeito, sendo esta a marca do significante.

Com isso, pudemos concluir que a dimensão fundamental da falta e do desencontro com o objeto se dá pelo atravessamento pela linguagem, pela cadeia simbólica do significante. Assim, ainda no primeiro capítulo levantamos nossa hipótese: será que a droga pode servir ao sujeito para escamotear a dimensão de desencontro com o objeto?

No segundo capítulo, pudemos avançar, no que diz respeito a relação sujeito e objeto, ao trabalharmos o conceito de pulsão e conflito pulsional, tanto em Freud quanto em Lacan. Assim, foi possível apontar que a satisfação da pulsão se dá pelo objeto, mas ele tem grande variabilidade. Além disso, Freud caracteriza a força da pulsão enquanto constante e não cíclica.

Com a leitura de “Além do princípio de prazer” (FREUD, 1920) e com o seminário 11 (LACAN, 1964/2008) nossa questão ganha consistência, pois trata-se de situar um mecanismo constitutivo do sujeito que indica que a pulsão se satisfaz em um além do princípio do prazer. Ou seja, há satisfação mesmo que não haja prazer.

Nesse momento de nossa pesquisa, tomamos a questão da satisfação como outro caminho de investigação. Ao retomar o conceito de facilitação, é possível

associá-lo a noção freudiana de repetição. Uma vez aberto o caminho para a satisfação esse caminho tenderá a ser repetido.

Com Lacan (1964/2008) e o circuito pulsional pudemos acrescentar mais elementos a essa questão. Ele nos mostra que a satisfação se dá no próprio circuito, pois a pulsão não tem acesso direto ao objeto, ela o circula. Assim, sem acesso ao objeto e circulando, é possível pensar a repetição à tendo em vista que a pulsão sempre se satisfaz.

É tomando por base a ideia de que a pulsão sempre se satisfaz, ou seja, a satisfação paradoxal da pulsão (LACAN, 1964/2008) que pudemos introduzir o conceito de gozo, a partir de um excesso, de algo que se satisfaz não na base do princípio do prazer, mas além dele.

Dessa forma, é possível afirmar que a satisfação se dá mesmo que com sofrimento, no que faz eco ao sofrimento relatado por nossos pacientes. Quando eles usam, algo se satisfaz, mas não é mais prazeroso para muitos.

É nesse mais além que podemos localizar *das Ding*, esse objeto perdido que, o sujeito busca por toda sua vida reencontrar. (LACAN, 1959,1960/ 1997). Dessa forma, foi possível afirmar que a nossa busca pelo prazer não se liga a nenhuma ideia de bem ou de regra. É de outra ordem, como pudemos apresentar.

Ao nos dedicarmos por dois capítulos à dimensão fundamental do encontro faltoso do sujeito com o objeto, no capítulo 3 nos dedicamos a explorar o texto “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1930), para nos indicar em que ponto é possível articular desencontro e as toxicomanias no laço social.

Nesse ponto, pudemos constatar que na vida do sujeito a dimensão de um conflito está sempre presente. Assim, isso se insere tanto no conflito pulsional, quanto no conflito indicado nesse texto: entre homem e civilização.

Basicamente o que se pode extrair desse momento é que Freud reconhece que ainda que o objetivo do homem seja alcançar sua felicidade, ela só se dá de forma episódica. Mais do que isso, ele nos mostra que o sofrimento é mais fácil de ser alcançado e então, busca-se fugir dele.

É nesse ponto que podemos indicar, a partir de Freud (1930), a inserção do uso de drogas, enquanto um alívio para o sofrimento. Ainda, a questão da satisfação é situada na dimensão social: para viver as vantagens da proteção de estar em sociedade, o sujeito paga o preço de ter de abrir mão de sua liberdade, ao precisar renunciar às suas pulsões.

Nesse momento ainda, Freud (1930) reconhece o impulso à destruição como inerente à condição do sujeito. É por sermos constituídos desse jeito que a civilização gasta energia para que possamos fazer laços libidinais inibidos em sua finalidade. Assim, a partir desse texto localizamos a posição que a constituição do sujeito ocupa no laço social. Há um sujeito pulsional que tem que renunciar à possibilidade de satisfação total.

Além disso, nesse capítulo, trouxemos alguns elementos acerca das toxicomanias que servem como direção para pensar a dimensão do sujeito que está em jogo. Em primeiro lugar, nos posicionamos de forma a justificar nossa escolha por abordar essa questão nomeando-a como “toxicomanias” e não como “dependência química”. O que se pretende, longe de acirrar rivalidades teóricas, é pontuar que a partir da nossa experiência clínica e de nosso referencial, há um sujeito que está implicado em seu sintoma.

Ou seja, como afirmarmos, esse sujeito tem o que dizer sobre os fenômenos que fazem parte da sua vida. Dessa forma, não entendemos as toxicomanias como um fenômeno exterior a vida do sujeito, mas sim como algo que diz respeito a sua constituição.

Para além dos elementos que apresentamos acerca da ciência (SANTIAGO, 2001) e sobre a cultura atual (MELMAN, 1992) que nos indicam que esse fenômeno não se dá sem o contexto cultural em que se insere, o que nós pretendemos era pontuar essas questões como pano de fundo. Afinal, não se trata aqui de negar esse contexto, pois sabemos que ele existe e que é peça importante desse fenômeno. O que demarcamos foi a investigação da ligação entre a constituição do sujeito, enquanto sujeito do inconsciente, com o fenômeno das toxicomanias.

Assim, tendo em vista que a nossa pergunta diz respeito ao que podemos identificar no funcionamento do sujeito que se articula com a relação intensa com a droga, não pretendemos responder essa questão de forma definitiva.

Nesse trabalho nos aproximamos dessa resposta, ou melhor, pudemos extrair alguns elementos de Freud e Lacan que nos indicam por onde seguir. Em primeiro lugar, o desencontro fundamental com sujeito e objeto nos mostrou que é possível que, o sujeito que estabelece uma relação tão intensa com a droga tenha achado uma forma de escamotear esse fracasso, ainda que não pela via simbólica.

Dessa forma, a partir do que trouxe Melman (1992) foi possível pensar que para o toxicômano, em seu circuito pulsional, a relação com a droga pode passar por uma ideia do sujeito de que ele tenha encontrado o objeto. Por isso, ele engendra uma união tão radical a ele. Tão radical que pensamos na overdose quando Lacan (1959,1960/1997) nos diz que o encontro com das Ding (o objeto perdido) seria de um prazer insustentável, que se encontra com a morte.

Outro elemento que foi possível extrair é que a substância psicoativa – que influencia o corpo – tem uma posição privilegiada quando levamos em conta o que Freud nos disse sobre o mal-estar na civilização. Freud (1930) classifica a saída do sofrimento buscando as drogas como uma das formas mais interessantes – e a mais grosseira.

Isso nos diz, finalmente, que no caso da experiência com a droga também não se trata de um objeto qualquer. Dessa forma, o que podemos concluir é que a economia do sujeito, a partir da noção de um além do princípio do prazer e da maneira como a civilização se coloca para ele, mostra que a droga merece um lugar de destaque, por servir ao sujeito, neuroticamente, como uma maneira de não querer saber desse sofrimento que é dado. Por isso, foi preciso que discutíssemos brevemente o conceito de sintoma em psicanálise, para situar as possibilidades de inserção da droga na economia do sujeito.

Assim, extraímos alguns elementos importantes na relação do sujeito com a droga em uma toxicomania. Não nos propomos generalizar a questão, tendo em vista a importância de destacarmos que essa relação vai se dar de uma forma diferente com cada um.

Também não pretendemos indicar uma resposta universal para a questão do uso pesado de drogas e sim identificar, a partir da nossa experiência, elementos do percurso da psicanálise que pudessem se relacionar com a questão de forma que nossa investigação sempre girasse em torno da constituição desse sujeito.

Concluindo, não se visa nesse trabalho esgotar a questão das toxicomanias, pois acreditamos que a psicanálise pode nos indicar outros caminhos para pensá-la. Mais do que isso, reconhecemos que é possível aprofundar em cada uma das questões que apresentamos, pois o que fizemos foi um recorte da obra de Freud e de Lacan.

Dessa forma, o que se fez nessa pesquisa foi abrir o campo para o estudo das toxicomanias no que diz respeito à dimensão de falta que se coloca na relação entre sujeito e objeto: não esgotá-lo, ou pretender uma resposta para uma outra questão que sempre nos colocamos: O que fazer como analistas frente a esse problema?

Assim, encerramos essa investigação lembrando a frase de Freud, ainda em 1893, de que o que a psicanálise pode fazer é levar o sujeito da miséria neurótica à infelicidade comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, S.; INEM, C.L.; RANGEL, F.C. **Fenômeno, estrutura, sintoma e clínica: a droga.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. VI, núm. 3, septiembre, 2003, pp. 11-29.

COSTA-MOURA, F. **Uma questão preliminar a investigação psicanalítica sobre a adolescência.** In: V Jornada Científica CEPPAC, 1995.

DIEHL et.al. **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas.** Porto Alegre, 2011. Artmed.

ESCOHOTADO. **Las drogas: de los orígenes a la prohibición.** Madrid, 1994. Alianza Editorial.

ELIA, L. **O conceito de sujeito.** Coleção Psicanálise Passo-A-Passo. Rio de Janeiro, 2004. Zahar.

F, CHRISTIANE. **Eu, Christiane F., 13 anos, drogada e prostituída.** 39^oed. Rio de Janeiro, 2002. Bertrand.

FERNANDES, FL.F. & COSTA-MOURA, F. **Lógica da ciência, formalismo e forclusão do sujeito**. In: Psicanálise e laço social. Costa-Moura, F (org.). Rio de Janeiro, 2009. 7letras.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria. (1893-1895)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: II. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Projeto para uma Psicologia Científica (1950[1895])**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: I. Rio de Janeiro, 1996. Imago

_____, S. **A interpretação de sonhos (1900)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: IV e V. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Os três ensaios sobre a sexualidade (1905)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: VII. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Atos obsessivos e práticas religiosas (1907)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: IX. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XI. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XII. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise (1912a)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XII. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). (1912b)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XI. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Totem e tabu (1913)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XIII. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **À guisa da introdução ao Narcisismo (1914a)**. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Vol: I. Rio de Janeiro, 2004. Imago.

_____, S. **Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II (1914b))**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XII. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Os instintos e suas vicissitudes (1915a)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XIV. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **O inconsciente (1915b)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XIV. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Além do princípio de prazer (1920)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XVIII. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Dois verbetes de enciclopédia (1922)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XVIII. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **O ego e o Id (1923)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XIX. Rio de Janeiro, 1996. Imago

_____, S. **A dissolução do Complexo de Édipo (1924a)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XIX. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **O problema econômico do masoquismo. (1924b)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XIX. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **Inibição, sintomas e ansiedade. (1926)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XX. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **O futuro de uma ilusão (1927)**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XXI. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, S. **O mal-estar na civilização (1930[1929])**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol: XXI. Rio de Janeiro, 1996. Imago.

_____, L.A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. Vol III: artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro, 1995. Zahar.

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro, 2008. 23^oed. Zahar

JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. Vol: I. Os anos de formação e as grandes descobertas. 1856-1900. Rio de Janeiro, 1989. Imago

JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. Vol: II. A maturidade. 1901-1919. Rio de Janeiro, 1989. Imago

JORGE, M.A.C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Vol.1: as bases conceituais**. 2^oed. Rio de Janeiro, 2005. Zahar

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro, 1996 . Zahar.

KOYRÉ, A. **Do mundo fechado ao universo infinito**. 4^oed. Rio de Janeiro, 2006. Forense Universitária

_____, A. **Estudos de história do pensamento científico**. Rio de Janeiro. Editora Forense. 2011. 3º edição.

LACAN, J. (1956-1957). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro, 1995. Zahar.

_____, J. (1957-1958). **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro, 1999. J. Zahar.

_____,J. (1959-1960). **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro, 1997. Zahar

_____,J. (1960-1961). **O Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro, 2010. Zahar.

_____, J.(1964). **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, 2008. Zahar

_____, J. **A ciência e a verdade.(1965-1966)**. In: Escritos. Rio de Janeiro, 1998. Campo Freudiano no Brasil & Zahar.

_____,J. (1969-1970). **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, 1992. Zahar.

LEBRUN, J.P. **Um mundo sem limites: Ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro, 2004. Companhia de Freud.

MASSON, J.M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Rio de Janeiro, 1986. Imago

MELMAN, C. **Alcoolismo, Delinquência, Toxicomania: uma outra forma de gozar**. São Paulo, 1992. Ed. Escuta

_____, C. **Novas formas clínicas no início do terceiro milênio**. Porto Alegre, 2003. CMC Editora.

MILLER, J. A. **Os seis paradigmas do gozo**. In: Opção Lacaniana. São Paulo, Ano 3, nº 7. 2012

NARCÓTICOS ANÔNIMOS: Conteúdo eletrônico: www.na.org.br. Acessado última vez em: 01/2015.

SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano: Uma parceria clínica na era da ciência**. (2001a). Rio de Janeiro, 2001. Zahar.

SANTIAGO, J. **Lacan e a toxicomania: Efeitos da ciência sobre o corpo**. (2001b). Revista Ágora. Vol: IV. Nº1. 2001. p23-32

SILVA, M.E.A. **Aporias da repetição: as incidências do real e do sexual**. Dissertação de Mestrado (Teoria psicanalítica/UFRJ). Niterói, 2007. Disponível online no endereço: <http://teopsic.psicologia.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/272>